

DIANÉTICA PARA CRIANÇAS



Processamento de Dianética para Crianças

DIANÉTICA E CIENTOLOGIA

Dianética significa “através do pensamento”. É aquele assunto que contém as descobertas básicas de L. Ron Hubbard sobre o Homem e a mente humana que conduziram e foram a razão da Cientologia.

Cientologia significa “o estudo do conhecimento no seu sentido mais profundo”. É uma filosofia aplicada fundada e desenvolvida por L. Ron Hubbard e que oferece métodos e princípios através dos quais o capaz pode ficar mais capaz.

Dianética é a escola do Homem mais avançada da mente. O caminho para um ser humano capaz é o reino de Dianética; a Cientologia parte de um ser humano capaz para cima. A Dianética foi o desenvolvimento final da mente dos seres humanos. A Cientologia é a estrada daí para a Liberdade total.

A expansão da Dianética e da Cientologia foi fenomenal. O movimento está a crescer tão rapidamente que existem agora mais de 20 Organizações Centrais de Cientologia por todo o mundo e centenas de Centros. Além dos milhões de indivíduos de que a Dianética e Cientologia já beneficiaram, centenas de novas pessoas estão todas as semanas a descobrir a Dianética e a Cientologia pela primeira vez e a experimentar os seus grandes benefícios. O sol nunca se põe em Cientologia.

Dianética Para Crianças

Processamento de Dianética para Crianças

Escrito e editado pelo pessoal
da Fundação Hubbard de Dianética

Para a nossa próxima geração, a
melhor razão para a
Dianética.

Grato reconhecimento é, por este meio, feito aos seguintes investigadores e contribuidores:

William H. Wood, ex-instrutor de Educação Visual do Exército, especialista de relações pais-filhos, membro do Grupo de Dianética de Pasadena.

Idella Stone, H.D.A., Centro de Serviços de Dianética Hubbard de Pasadena, Califórnia.

William T. Powers, H.D.A., estudante diplomado em Física, Universidade do Noroeste.

Henry Mauerer, H.D.A., psicólogo.

Edward A. Reese, H.D.A., profissional bibliográfico.

Jon Ross, H.D.A., ex-psicólogo conselheiro parental, supervisor de jardim-escola, conferencista do desenvolvimento da criança.

Julia Lewis, H.D.A., presidente do Serviço de Consulta Compton, membro do Serviço de Consulta do Sudoeste, especialista em jogos re-educacionais para crianças.

Waldo T. Boyd, H.D.A., editor e escritor.

L. RON HUBBARD
Wichita Kansas,
Agosto de 1951.

Índice

Introdução	7
Capítulo Um: Princípios básicos de Dianética	12
Capítulo Dois: O nosso Problema Básico	16
Capítulo Três: Para Um Mundo mais São	24
Capítulo Quatro: Técnica de Dianética padrão	34
Capítulo Cinco: Processamento de Dianética para Crianças	40
Capítulo Seis: Dianética no Cuidar da Criança	50
Capítulo Sete: O Relatório de um Auditor	58
Capítulo Oito: Técnicas especiais para Crianças	61
Capítulo Nove: Sessões Com Crianças	67
Capítulo Dez: Alguns Casos a Propósito	81
Capítulo Onze: Um Olhar em Frente	93
Capítulo Doze: Centros de Orientação da Criança	100
Capítulo Treze: Sumário	105
Apêndice: O Código do Auditor	107
Glossário: A História da Dianética	108
A Dianética e a Linguagem	116
Assistências Para Recordar	119

Introdução

Por L. RON HUBBARD

A DIANÉTICA PARA CRIANÇAS é publicada para preencher uma necessidade.

Trata-se de material compilado e escrito com exceção desta introdução e que, necessariamente, leva bastante tempo a fazer. A Dianética avançou entretanto consideravelmente. A teoria "theta MEST", validação do processamento, processamento MEST e outros desenvolvimentos, podem descobrir uma luz adicional considerável em Dianética para Crianças. Este livro é publicado por necessidade, e não porque esteja em dia.

O problema principal com crianças não é tanto a forma de as processar para obter sanidade, mas como viver com elas. O problema na criação de filhos é o adulto, não a criança. Para o adulto temos a CIÊNCIA DA SOBREVIVÊNCIA e AUTO-ANÁLISE. Um adulto tem certos direitos face às crianças, que as crianças e os adultos modernos tendem a ignorar. Um adulto são, estável, com carinho e tolerância no coração é quase a melhor terapia que uma criança pode ter.

A consideração principal na criação de filhos é o problema de as treinar sem as despedaçar. Os Jesuítas tinham um sistema reportado como exequível, mas pereceu com os Jesuítas. Em contraste, a Associação Médica Americana apareceu ultimamente com um folheto chamado COMO CONTROLAR A SUA CRIANÇA. É exactamente o que você não quer fazer. Você quer criar a sua criança de tal maneira que não tenha que a controlar, para que ela esteja sempre na posse total das suas próprias faculdades. Disso dependem o seu bom comportamento, a sua saúde, a sua sanidade.

As crianças não são cães. Elas não podem ser treinadas como os cães. Elas não são itens controláveis. Elas são, e não negligenciamos o caso, homens e mulheres. Uma criança não é uma espécie de animal especial distinto do Homem. Uma criança é um homem ou uma mulher que não atingiram o crescimento total.

Qualquer lei que se aplica ao comportamento de homens e mulheres, também se aplica às crianças.

Como seria se você fosse puxado, e arrastado, e mandado e restringido de fazer seja o que for? Você ressentir-se-ia disso. A única razão porque uma criança "não" se ressente, é porque é pequena. Você quase mataria alguém que o tratasse a si, como adulto, com as ordens, contradição e desrespeito dados à criança comum. A criança não riposta porque não é bastante grande. Em vez disso ela suja o chão, interrompe o seu sono, destrói a paz da casa. Se estivesse em igualdade em matéria de direitos, ela não precisava desta "vingança". Esta vingança" é o comportamento padrão duma criança.

Uma criança tem direito à sua autodeterminação. Você diz que ela se não for impedida de atirar coisas por cima dela própria e correr para a estrada, etc., etc., magoar-se-á. O que é que você como adulto está a fazer para obrigar aquela criança a viver em quartos ou num ambiente onde ela possa ser ferida. Se parte coisas, a culpa é sua, não dela.

A ternura e o amor de uma criança são preservados só na medida em que ela pode exercer a sua própria autodeterminação. Interrompendo isso, interrompe em certa medida a vida dela.

Há apenas duas razões porque o direito de uma criança a decidir por si mesmo tem que ser interrompido; a fragilidade e perigo do ambiente e você. É que você projecta nela as coisas que lhe foram feitas a si, independentemente do que você pensa.

Há dois caminhos que você pode tomar. Dar à criança liberdade de acção num ambiente que ela não possa danificar, que não a possa ferir muito a ela, e que não restrinja grandemente o seu espaço e tempo. E você pode limpar as suas próprias razões a um ponto em que a sua tolerância iguale ou ultrapasse a falta de educação dela sobre o modo de lhe agradar.

Quando você dá algo a uma criança, isso é dela. Já não é seu. Roupas, brinquedos, moedas, tudo o que lhe foi dado tem QUE PERMANECER SOB O SEU EXCLUSIVO CONTROLO. Assim, se ela rasga a camisa, destrói a cama, parte a bomba de incêndio, ninguém tem NADA A VER COM ISSO. Como é que seria se alguém lhe desse um presente de Natal e então lhe dissesse dia após dia o que fazer com ele e até castigá-lo se não cuidasse dele da maneira que o doador achasse? Você destruiria esse doador e arruinaria o presente. Você sabe que o faria. A criança dá-lhe cabo dos nervos quando você lhe faz isso a ela. É a vingança. Ela chora. Ela importuna-o. Ela parte as coisas. Ela entorna o leite "accidentalmente". E destrói, de propósito, a coisa sobre a qual é tão frequentemente advertida. Porquê? Porque ela está a lutar pela sua própria autodeterminação, o seu próprio direito a possuir e fazer sentir o seu peso no ambiente. Esta "possessão" é outro canal através do qual ela pode ser controlada. Logo ela tem que combater a possessão e o controlador.

Se você quer controlar a sua criança, ponha-a simplesmente em apatia completa e ela será tão obediente como qualquer idiota hipnotizado. Se você a quer saber controlar, obtenha um livro sobre como treinar cães, chame a criança de Rex, e ensine-a primeiro a ir buscar, depois "a pôr-se em pé" e depois a latir para pedir comida. Você pode treinar uma criança desta maneira. Com certeza que pode. Mas a sua sorte será dura se se revelar sanguinária. Basta não ser indiferente a isso. TREINE-A simplesmente. "Diga, Roger"! "Deita-te!" "Rola"!

Está claro que você passará um mau bocado. Isto, este ligeiro equívoco, é um ser humano. O melhor seria atacar logo e fazer o possível para a meter depressa em apatia. Com um taco é melhor. Amarrando-a a um armário sem comida durante alguns dias será razoavelmente bem sucedido. Contudo, a táctica mais recomendada é simplesmente usar um colete-de-forças e amordaçá-la até ficar dócil e imbecil. Estou a avisar que vai ser duro; será duro porque o Homem se tornou rei dos animais só porque não pôde, como espécie, ser vencido. Ele não entra facilmente em apatia obediente como os cães. Os Homens possuem cães porque os homens são autodeterminados e os cães não.

A verdade fica nesta direcção:

O Homem é basicamente bom.

Só por meio da aberração severa o homem pode ser tornado malévolo.

Um treino severo leva-o à insociabilidade

O Homem tem que reter a sua capacidade pessoal para adaptar o ambiente a ele a fim de permanecer são.

Um homem é tão são e seguro quanto ele é autodeterminado.

Ao criar o seu filho, você tem que evitar "treiná-lo" para ser um animal social. A sua criança começa por ser mais sociável, mais digna

do que você. Num relativamente curto espaço de tempo, o tratamento a que é submetida reprime-a tanto que ela se revolta. Esta revolta pode ser intensificada até se tornar um terror. Ela será ruidosa, irreflectida, descuidada com as coisas dela, suja, em resumo, qualquer coisa que o aborrecerá. Treine-a, controle-a e perderá o seu amor. Você perde para sempre a criança que procura controlar e possuir.

Permita à criança sentar-se no seu colo. Ela ficará contente. Agora ponha os braços à volta dela e obrigue-a a ficar lá. Faça isto embora ela nem sequer tente sair. Imediatamente ela se contorcerá. Lutará para fugir. Zangar-se-á. Chorará. Lembre-se agora que ela estava contente antes de a prender. (De facto, você deve fazer esta experiência).

Os seus esforços para modelar, treinar, controlar esta criança em geral, reagem nela precisamente como quando tenta segurá-la no colo.

Está claro que você terá dificuldades se esta criança já foi treinada, controlada, mandada, lhe foram negadas as suas próprias coisas. Entretanto, você muda de táctica. Você tenta dar-lhe a sua liberdade. Ela suspeita de você de tal maneira que passará um mau bocado para se adaptar. O período de transição será difícil. Mas no fim terá uma criança bem mandada, bem treinada, sociável, com consideração por si e, muito importante, uma criança que o ama.

Uma criança sob constrangimento, guardada, manejada, controlada, tem uma ansiedade postulada muito má. Os pais são entidades de sobrevivência. Eles querem dizer com isto comida roupa, abrigo, afecto. Isto significa que ela quer estar perto deles. Ela quer naturalmente amá-los uma vez que é a sua criança.

Mas por outro lado os pais são entidades de não-sobrevivência. Todo o seu ser e vida dependem do direito de usar as suas próprias decisões quanto a movimentos, às suas coisas e ao corpo. Os pais procuram estorvar isto devido à ideia errada de que uma criança é um idiota que não aprenderá a menos que "controlada". Logo ela tem que se manter afastada, lutar, arreliar e assolar um inimigo.

Aqui está a ansiedade. "Eu amo-os afectuosamente. Eu também preciso deles. Mas eles significam um estorvo à minha capacidade, à minha mente, à minha vida potencial. O que hei-de fazer com os meus pais? Não posso viver com eles. Não posso viver sem eles. Meu Deus, meu Deus"! Lá está ela nos seus calções com este problema na cabeça. Esse problema, essa ansiedade, segui-la-á durante mais ou menos dezoito anos. E quase lhe destroça a vida.

Liberdade para a criança significa liberdade para si próprio.

Abandonar as coisas da criança ao seu destino, significa segurança final para as coisas da criança.

Que terrível a força de vontade é exigida a um pai para não dar constantes torrentes de instruções a uma criança!

Que agonia assistir ao arruinar das coisas dela! Que transtorno recusar ordenar o seu tempo e espaço!

Mas tem que ser feito se quiser uma criança feliz, cuidadosa, bonita, inteligente!

Outra coisa é a questão do contributo. Você não tem o direito de negar à criança o direito ao seu contributo.

Um ser humano sente-se capaz e competente só na medida em que lhe é permitido contribuir tanto ou mais do que lhe foi dado a ele.

Um homem pode contribuir demais e sentir-se seguro num ambiente. Ele sente-se inseguro no momento em que contribui de menos, quer dizer, dá menos do que recebe. Se não acredita nisto,

recorede uma vez em que toda a gente trouxe algo para uma festa e você não. Como é que se sentiu?

Um ser humano revoltar-se-á e desconfiará de qualquer fonte que contribui para ele mais do que ele contribui para ela.

Os pais, naturalmente, contribuem mais para uma criança do que a criança contribui em troca. Assim que a criança vê isto fica infeliz. Ela procura elevar o seu nível de contributo, e se falha, zanga-se com a fonte do contributo. Começa a detestar os pais. Eles tentam anular esta revolta contribuindo mais. A criança revolta-se mais. É uma má espiral contractiva porque o seu fim é que a criança entra em apatia.

Você tem que deixar a criança contribuir. Não pode exigir que ela contribua. Não lhe pode mandar cortar a relva e depois pensar que é um contributo. Ela tem que imaginar o seu contributo e então dá-lo. Se ela não o seleccionou, não é o seu contributo, mas apenas mais controlo.

Um bebé contribui tentando fazê-lo sorrir. O bebé exibir-se-á. Pouco depois dança para você, traz-lhe paus, tenta repetir os seus movimentos de trabalho para o ajudar. Se não aceitar esses sorrisos, essas danças, essas parvoíces, esses movimentos de trabalho com o espírito com que são dados, começa a interromper o contributo da criança. Agora começará a ficar ansiosa. Fará às suas coisas, coisas irreflectidas e estranhas, num esforço para as "tornar melhor" para si. Você ralha-lhe e isso acaba com ela.

Aqui entra outra coisa. São DADOS. Como é que uma criança pode saber com que contribuir para si ou para a família ou casa, se não tem qualquer ideia dos princípios de funcionamento?

Uma família é um grupo com a meta comum da sobrevivência e avanço do grupo. A criança não autorizada a contribuir ou não compreendendo as metas e princípios de funcionamento da vida familiar, é lançada à toa na família. É-lhe mostrado que não faz parte da família porque não pode contribuir. Logo ela torna-se anti-família, o primeiro passo no caminho para ser anti-social. Ela entorna leite, aborrece os convidados e grita para fora da janela a "brincar". Ela ficará até doente só para dar trabalho. Ao ser-lhe mostrado que não é poderosa bastante para contribuir, é-lhe mostrado que ela não é nada.

Você não pode fazer nada além de aceitar os sorrisos, as danças, as parvoíces do jovem. Mas assim que uma criança pode compreender, deve ser-lhe dada toda a história da operação familiar.

Qual a fonte da sua mesada? Roupas? Uma casa limpa? Um carro?

O pai trabalha. Ele gasta horas e cérebro, e força muscular e em troca obtém dinheiro. O dinheiro, entregue numa loja, compra comida. Um carro é cuidado por escassez de dinheiro. Uma casa tranquila e cuidar do Pai quer dizer que o Pai trabalha melhor e isso significa comida e roupa e carros.

A educação é necessária porque a pessoa ganha melhor depois de aprender.

Folgar é necessário para haver uma razão para um trabalho duro.

Dê-lhe a imagem completa. Se ela se revolta, pode continuar revoltada. Mas finalmente tomará consciência. Se não pode compreender isto numa conversa tranquila, terá simplesmente que conseguir um auditor que lhe dê um pouco de processamento, porque você já foi longe demais.

Em primeiro lugar uma criança precisa de segurança. Parte dessa segurança é compreensão. Outra parte é um código invariável de conduta. O que é proibido hoje não pode ser ignorado amanhã.

Você pode de facto castigar fisicamente uma criança para defender os seus próprios direitos, desde que ela possua o que possui e possa contribuir e trabalhar para si.

Os adultos têm direitos. Ela deve sabê-lo. Uma criança tem como meta crescer. Se um adulto não tem mais direitos, para quê crescer?

A criança tem deveres para consigo. Ela tem que ser capaz de cuidar de si; não numa ilusão, mas de facto. E você tem que ter a paciência de deixar que ela cuide de si à vontade até que, por pura experiência e não através das suas directrizes, ela aprenda a fazê-lo bem. Cuidar da criança? Tolice! Ela tem provavelmente um melhor domínio de situações imediatas do que você. Só quando é quase psicótica com as aberrações uma criança é propensa a acidentes.

Está bem e desfruta da vida porque não tem dono. Os nossos antepassados americanos combateram a escravatura duas vezes; em 1776 e 1861. Você não poderia desfrutar da vida se fosse conduzido e tivesse dono. Revoltar-se-ia. E se a sua revolta fosse extinta, você transformar-se-ia num subversivo. Isso é o que você faz da criança quando a possui, administra e controla.

Potencialmente ela é mais sã do que vocês pais, e o mundo é muito mais brilhante para ela. O seu sentido dos valores e realidade é mais arguto. Não a entorpeça e a criança será um óptimo ser humano cheio de sucesso. Possua-a, controle-a, administre-a e rejeite-a e terá o tratamento que merece: revolta subversiva.

É tudo o que posso dizer agora. AUTO ANÁLISE é o melhor padrão de processamento para uma criança. Só você é que lhe faz as perguntas.

Agora, vamos ter aqui uma casa feliz, ou não vamos?

Wichita, 1951.

CAPÍTULO UM

Princípios básicos de Dianética

Durante séculos muitos cientistas e filósofos têm estudado as reviravoltas do pensamento humano. Quanto mais longo o estudo maior a certeza de que somos os possuidores do instrumento mais complexo e desafiador chamado Mente. Aquilo a que eles se referem é distinguido, com o advento da Dianética, como mente analítica.

Mas descrever o seu comportamento não tornou os caminhos da Mente menos confusos. O nosso conhecimento do verdadeiro funcionamento, do que acontece quando pensamos, continuou, na melhor das hipóteses, para ser só aproximado. Ainda havia muitos aspectos por explicar, estímulos desconhecidos e factores estranhos, até a teoria de Dianética ser aplicada.

A dificuldade, provado pela Dianética depois de doze anos de experiências, é o facto de nós também sermos possuidores de outra mente, a mente reactiva, que tem de longe mais força e compulsão do que a chamada mente analítica. De facto, quando posta em jogo, a mente reactiva molesta-nos e maltrata-nos ao longo de toda a nossa vida.

Tal como a mente analítica, a mente reactiva é também uma função mental. É um tipo de função primitiva, na medida em que é um mecanismo de sobrevivência maligno e violento dos organismos vivos.

Mas a mente reactiva não analisa, mas apenas pensa em termos de identidades e semelhanças, e não em semelhanças e diferenças como a mente analítica. É uma mente estritamente literal, que responde defensivamente todas as vezes que algo lhe faz lembrar um incidente doloroso semelhante.

A mentalidade animal, sendo largamente reactiva, é uma boa ilustração. Suponhamos uma corça silenciosamente a pastar, confiante de que no momento nenhum perigo espreita, pôs-se debaixo de uma árvore. De repente uma enorme serpente caiu-lhe em cima das costas e aterrorizou-a (ameaçou a sua sobrevivência). O terror atenuaria as suas magras faculdades analíticas ou em parte inconscientes, momento em que a sua indomável mente reactiva tomaria as rédeas, dirigindo o organismo para a sobrevivência duma forma que deriva de sobrevivências do passado em tempo de grande perigo. As impressões recebidas em momentos de extremo perigo e terror são registadas e arquivadas para usar na sobrevivência futura. Depois disso, aquela árvore e todas as outras semelhantes a ela, serão associados à ameaça da serpente na mente da corça. Todas as vezes que a corça vê uma dessas árvores, a gravação do incidente de terror fá-la-á recuar numa dor de morte, pois para a mente reactiva dor significa morte, e prazer sobrevivência.

Para seres humanos civilizados, contudo, a mente reactiva tornou-se uma sanguessuga do comportamento racional. É o quisto hipotético que esconde o devido funcionamento da mente analítica; é a raiz de todas as nossas doenças psicossomáticas e a barreira que nos impede de atingir o óptimo das nossas capacidades de pensamento e aspirações.

É notável como a mente reactiva pode exercer pressões poderosas no indivíduo, para o fazer obedecer aos comandos. Embora seja

presumivelmente um monitor de sobrevivência, não pode analisar e saber a diferença entre as coisas.

Por isso, se uma vaca malhada lhe desse um coice e infligisse dor enquanto fazia uma tentativa amadora para a ordenhar, a partir daí todas as vacas malhadas se tornariam para si criaturas odiosas e todos os pastos ensolarados estimulariam a inconsciência. Você poderia até re-experimentar a dor daquele coice cada vez que fosse restimulado.

Está claro que não faz sentido, mas é assim que a mente reactiva funciona; ela não pode pensar nas coisas.

E descobrimos ainda, por meio da Dianética, que centenas de outras doenças psicossomáticas são impostas ao corpo humano, exactamente daquela maneira louca.

De que consiste a mente reactiva? É um tipo de banco de memórias, principalmente de coisas desagradáveis sofridas a partir do primeiro momento de vida, mas só esses eventos que aconteceram enquanto estávamos inconscientes ou com dores. Como tal, difere de nosso entendimento anterior do significado e uso da memória.

Aqui é necessário definir memória como um processo de recordar, à vontade ou em resposta a estímulos apropriados, impressões previamente colocadas aos sentidos e gravadas na mente. O processo de recordação é essencialmente aperceber estas impressões e compreendê-las; é um processo analítico.

O que antes não foi compreendido pelas ciências mentais, mas que agora pode ser decisivamente demonstrado através da Dianética, é que existe ainda outro arquivo de impressões. Este outro arquivo é a aquele no qual as impressões são registadas dum form a e sob circunstâncias que não permitem recordação voluntária. Essas são as impressões registadas pela mente reactiva e ali mantidas até alturas tais, que só aquela função tem ocasião para as pôr em jogo.

Por outras palavras, a mente reactiva reage a certos estímulos, mas dum a forma tão incapaz de explicação racional, tão fortuita e errática, que provoca muitas vezes danos incalculáveis ao corpo humano e muitas das suas funções.

Como previamente indicado, a mente reactiva regista todas as impressões experimentadas durante momentos de inconsciência ou de dor, o suficiente para reduzir as capacidades perceptivas da mente analítica, abaixo de toda a consciência. Por isso, antes de quaisquer destes dados poderem adversamente afectar o indivíduo, a condição é que seja activada ou "sintonizada" por uma ocorrência na vida do indivíduo semelhante à originalmente registada. Daí em diante, a ocorrência está capaz de ser reactivada por todas as ocorrências similares como restimuladores.

Nós dissemos que a mente reactiva regista com a implicação de os dados serem arquivados conforme obtidos, sem ter que ver com o sistema ou contexto original. Resultados similares seriam obtidos com um gravador colocado num canto dum a rua movimentada. Buzinadelas, estrondos, apitos e fragmentos de conversas, tudo seria encontrado na fita.

Não poderia ser inventado nenhum mecanismo selectivo que fizesse mais do que reproduzir o que foi registado.

Esta é a actividade da mente reactiva: registar e reproduzir em resposta a restimulação. Por isso, quando qualquer gravação na mente reactiva é posta a reproduzir, o indivíduo responde com uma interpretação literal do conteúdo daquele registo particular, e a

interpretação literal pode ser levada para muito, muito longe do seu significado.

Será então avaliado quão sensacionais, absurdos e até desastrosos são os resultados observados quando esta mente não-analítica e estritamente literal é restimulada. Por exemplo, uma mulher grávida tropeça, e cai pesadamente ao chão; o bebé, por nascer, fica momentaneamente atordoado (inconsciência). Com terror e preocupação, grita. "O meu bebé! Magoei-o, provoquei-lhe um terrível contratempo. Nunca será como as outras crianças!" Embora a criança tenha nascido sem qualquer contratempo ou deformação, quando durante a infância alguém comenta mencionando ser lisonjeiro: "Ela não é igual às outras crianças", o incidente pré-natal "é sintonizado" e a partir daí ela procura inconscientemente ser diferente amuando pelos cantos, recusando juntar-se às outras crianças nas brincadeiras e várias outras actividades normais.

Isto acontece mesmo, como pode ser e foi demonstrado!

Agora, uma verdadeira ciência não só reconhece o problema no seu campo, mas também oferece um método para a sua solução. Como verdadeira ciência, a Dianética desenvolveu um método para reconhecer e resolver este problema humano. O método é conhecido como Processamento de Dianética. A solução é o apagamento dessas gravações que, quando restimuladas, provocam um comportamento reactivo no ser humano.

O indivíduo cuja mente reactiva já não contém qualquer incidente aberrativo, é conhecido em terminologia de Dianética como "claro". Mas uma pessoa que ainda está a sofrer processamento de Dianética, quer para alívio de dores psicossomáticas ou desconforto, quer com o objectivo em mente de ficar claro, é chamado um "pré-claro".

O processamento de Dianética é uma técnica incrivelmente simples. É pedido ao pré-claro para se acomodar e fechar os olhos. É-lhe então pedido para voltar a um momento de prazer. O momento de prazer é contado, e através de hábil interrogatório, o auditor começa a arrancar todos os possíveis detalhes contidos no incidente. Isto tem o efeito de familiarizar a pessoa com a prática e processo de "ir atrás" ou "retornar". Também apura o seu poder de recordação e ao mesmo tempo suaviza qualquer dúvida que ela possa experimentar.

É-lhe depois pedido para voltar ou retornar ao primeiro momento de dor ou inconsciência disponível no momento. Aquilo que ele contacta é chamado "engrama", o nome científico dado a uma impressão no organismo. Uma vez mais, interrogatório hábil ajuda-o a recordar os detalhes. Vários relatos do incidente servem para remover o que pode ser chamado a "carga" deste incidente, e assim recuperar para a mente analítica aquela energia vital antes exigida para suportar ou viver com o conteúdo destrutivo do engrama.

A partir daqui, o pré-claro é conduzido pelo auditor a mais incidentes e mais profundamente embutidos cujo fim último é contactar e apagar as memórias escondidas de todos esses eventos aberrativos que podem estar presentes no "banco". Estes dados da mente reactiva são de facto contactados com a ajuda do auditor, ajuda exigida para dirigir o pré-claro para as prováveis linhas de ataque.

Pode ser surpreendente, mas os dados estão todos registados na mente reactiva à espera de serem contactados, apagados e colocados pelo processo de audição na memória padrão não-aberrativa. O processo liberta, por isso, a energia vital necessária a um melhor funcionamento da mente analítica. É então óbvio que, com toda essa

libertação, a mente analítica recupera cada vez mais a sua original dotação de potencial, para um pensamento claro e racional.

As crianças estão, é claro, em grande medida sujeitas aos caprichos da mente reactiva. Muitas crianças são a maior parte do tempo sombrias e mal-humoradas e relutantes em misturar-se com as crianças mais activas do bairro.

Outras são crianças “problema” que gritam, dão pontapés, mordem e arranham à mais leve provocação. E outras encontram a solução em instituições públicas, como as temidas casas de correção, tudo porque estão a obedecer a comandos escondidos contidos na mente reactiva.

Por causa da idade e maturidade limitadas, as crianças devem ser olhadas como um ramo especial da Dianética. Reconhecendo as considerações especiais envolvidas, foi conduzido um programa de pesquisa projectado para encontrar a melhor abordagem Dianética aos problemas do seu processamento durante o ano seguinte à publicação de DIANÉTICA: A Ciência Moderna de Saúde Mental. As descobertas resultantes não podem ser ignoradas pelos pais ou pessoas que compartilham a responsabilidade de criar os filhos, e que têm genuinamente o bem-estar das crianças no coração.

CAPÍTULO 2

O Nosso Maior Problema

O que é que você considera o maior problema na vida de cada indivíduo? Reflita um momento. É a guerra, a escassez, a doença? É amor, ódio, dinheiro ou posição social? Ou poderia ser esse processo pelo qual todos nós passamos, o processo de achar o que significa encontrarmo-nos a nós próprios? Este último parece, se não o maior, pelo menos um dos maiores problemas que toda a pessoa enfrenta? A Dianética achou-o como o problema de raiz.

O objectivo do processo da Dianética é o claro. Uma das características atribuídas ao claro é a da autodeterminação. Mas para ser auto-determinada a pessoa tem que ter uma ideia do que deseja realizar e do que pode fazer melhor. O indivíduo chega às respostas a estes problemas em parte através de experiência, e em parte através do que nós chamamos em Dianética "personalidade" básica (P.B.). A P.B. parece ser a forma do temperamento básico, uma inclinação para um modo de vida geral e uso de certas capacidades.

Em Dianética, contudo, reconhecemos que essa condicionante que vem de engramas pode forçar um indivíduo a viver longe da sua personalidade básica. Isto pode ser o resultado de comandos de engramas para se comportar de certa maneira, de trocas de valência, ou de computações de aliado. Por isso a personalidade básica, nem sempre é, de maneira nenhuma, consciente.

Mas o que é que provoca estas divergências? Como ocorrem? Os engramas são a causação principal, e os engramas mais importantes são "instalados" durante o período pré-natal. A segunda personalidade mais básica é a primeira infância. É aí que os engramas pré-natais são sintonizados e começam a exercer a sua influência negativa. Também é nesta altura que as computações de compaixão são formadas e as computações de aliado são postas em efeito. As doenças e operações da infância ocorrem nesta altura e são de considerável importância. É muito frequentemente verificado um somático embotar durante um amigdalotomia: ou pelo menos é nesta altura que a sintonia inicial é feita. Embotamentos de desgosto também se acham nesta área, com a mãe a dizer "não chores, tudo vai ficar bem". Esta frase é obviamente bastante maligna se se introduzir na mente reactiva, pois diz que, se a pessoa não chorar, tudo necessariamente estará bem. É duvidoso que uma condição de "tudo bem" alguma vez fosse ou alguma vez pudesse ser a experiência invariável de qualquer pessoa. Mas isso é o que aquele engrama promete e exige, e se isso não se passar, como frequentemente não pode acontecer, Deus ajude a pobre criança, a mãe ou qualquer outra pessoa dentro do seu ambiente.

Partamos do específico por um momento, e generalizemos. O que é que acontece durante a infância? Não basta aceitar que é o período durante o qual a criança cresce. Na nossa sociedade, é o período crucial em que o indivíduo aprende o que pode ser designado como padrões básicos de comportamento. Estes são difíceis de mudar mais tarde, e a sua origem, por causa da base em que são fundados, pode muito bem ser completamente esquecida. Nós poderíamos dizer que este é o período em que a criança aprende, a partir do que lhe é ensinado e da sua experiência, os meios com que se expressa. Os meios que é compelida a usar podem ir do grotescamente inadequado

aos da maior ajuda para ela. Em suma, poderíamos dizer que a infância é o período em que são formados os métodos básicos de auto-expressão.

A seguir em importância é o período posterior da infância, grosso modo dos seis aos doze anos. Na nossa sociedade, este período forneceu grandemente dados para a aquisição de informação. Também é dedicado, de um ponto de vista ligeiramente diferente, à aprendizagem compulsiva de dados. A Dianética inclina-se a questionar a conveniência desta função posterior. Parece que poderia ser mais vantajoso, tanto do ponto de vista da saúde mental como do rigor da informação que a criança assimila, ensiná-la como pensar antes de lhe ensinar o que pensar. A instrução da criança é hoje em grande parte uma questão de ênfase errada. Dianéticamente falando, pareceria que a ênfase deveria ser colocada em como em lugar de em o que, aprender e pensar.

Talvez devêssemos rever algumas das razões das nossas posições. Em primeiro lugar, examinemos o que queremos dizer com mentes "reactiva" e "analítica". A mente reactiva, como tal, não parece ser uma "mente" no sentido do pensamento. A mente reactiva é principalmente um acervo de experiências dolorosas inconscientes. O material destas experiências parece inserido num nível inferior de capacidade analítica. Do ponto de vista funcional, o que nós referimos como "pensamento" da mente reactiva parece ser uma computação de nível inferior da parte de um analisador quase completamente fechado. Poderia parecer que algo da tendência primária do homem para pensar e falar em termos de identidades é levado por recapitulação ao desenvolvimento do sentido inquiridor da criança sobre o ser e a realidade. Ela tende a pensar primeiro em termos de identidades. Isto parece ser um primeiro passo para notar as diferenças. Coisas semelhantes são iguais, coisas diferentes são absolutamente diferentes. Por causa desta tendência da criança, parece-nos que quanto mais rapidamente pudermos influenciar a criança no sentido de um multi-valorado modo de pensar, mais rapidamente ela renunciará a pensar em identidades, e menos efeito o "pensamento reactivo" terá sobre o seu funcionamento mental e fisiológico.

Existe outro factor importante no processo de pensamento da criança. A criança parece estar "mais próxima" dos engramas. Por "mais próxima" queremos dizer que não teve as vantagens do tempo e da experiência analítica necessárias para se afastar do efeito dos engramas. Como observação muito geral desta característica do pensamento da criança, poderia dizer-se que o sentido de realidade e afinidade com realidade da criança não foi construído com experiência extensa, sendo-lhe por isso difícil separar o que lhe está a acontecer como resultado da sua própria experiência, do que lhe está a acontecer como resultado da situação presente em que se encontra.

Poderia parecer que a experiência analítica age como uma espécie de elevador em que a organização do "Eu" sobe à medida que a mente analítica ganha experiência. O "Eu" organiza esta experiência em termos de cada vez maior complexidade, à medida que o indivíduo amadurece, e esta complexidade age como um pára-choques contra os comandos dos engramas. Contudo, também parece haver nisto uma grande desvantagem. À medida que o analisador fica mais complexo, há um aumento correspondente na força dos engramas do indivíduo, os quais fazem constantemente uma má avaliação da experiência. E à

medida que essa má avaliação da experiência fica mais extensa, há uma maior quebra nas áreas de realidade, comunicação e afinidade.

Talvez a mais notável característica da criança, ao tentar perceber a sua própria personalidade, seja a mudança de valências. Até com apenas um pouco de observação, parece possível avançar, como tentativa, a afirmação de que uma rápida mudança de valências é um processo natural na criança. Ela "prova" pedaços de valências como se fosse vestuário, e retém pedaços aqui e ali, descartando outros que não lhe assentam. Ela constrói e sintetiza uma personalidade a partir destes pedaços de valências em conjunto com a sua própria personalidade básica.

Parece necessário divagar um momento comentando que o uso da palavra "valência" é aqui extremamente geral. Com essa palavra, não só queremos dizer a informação contida em engramas sobre pessoas, mas também os dados analíticos limitados que a criança adquire dos filmes de cowboys, de ler e ver os policiais, os bombeiros, etc. Isto não inclui o conceito de mudança de valência induzido por um comando, ou computação reactiva; a criança pode ser forçada por pensamento reactivo a mudar de valência. Contudo, o tipo de mudança de valência ou de experiência de partes de outras personalidades acima discutidas é espontâneo e não compulsivo. Ela imita, mas não deliberadamente.

Para a criança, todo o problema do "ego" é obscuro e difícil, mas de tremenda importância. Vários escritores de psicologia estão constantemente a cavar na complexidade do assunto, por ser tão básico ao estudo da mente formativa.

No campo da ficção, Lewis Carroll, criador da imortal "Alice no país das maravilhas", mostra de uma maneira engraçada como a Alice é confrontada com esta dificuldade. No início do capítulo intitulado "Conselho de uma Lagarta", há uma discussão entre a Alice e a Lagarta sobre toda esta questão. Embora pareça não acharem a sua discussão particularmente iluminada, nós, estando mais preparados, podemos ver isso com mais pertinência, logo:

A Lagarta e a Alice olharam uma para a outra durante algum tempo em silêncio. Por fim a Lagarta tirou o narguilé da boca, e dirigiu-se a ela numa voz lânguida, sonolenta.

"Quem é VOCÊ" disse a Lagarta.

Não foi uma abertura encorajadora para uma conversa. Alice respondeu, bastante timidamente "eu..., eu mal sei..., minha senhora, só neste momento..., pelo menos sei quem era quando me levantei esta manhã, mas penso que devo ter mudado várias vezes desde então".

"O que é que quer dizer com isso?" disse a lagarta asperamente. "Explique-se".

"Não posso EXPLICAR-ME, tenho medo, minha senhora", disse Alice "porque eu não sou eu, está a ver?"

"Não estou a ver" disse a lagarta.

"Temo não poder explicar isso mais claramente", respondeu Alice muito polidamente, "pois, para começar, eu própria não comprehendo: e sendo de tantos tamanhos diferentes num dia é muito confuso".

"Não é", disse a Lagarta.

"Bem, talvez você ainda não tenha visto isso", disse Alice. "Mas quando você tem que se transformar em crisálida, e um dia você verá, e depois numa borboleta, penso que uma pessoa se sentirá um pouco estranha, não é?"

"Nem um pouco" disse a Lagarta.

"Bem, talvez os seus sentimentos sejam diferentes" disse Alice; "o que eu sei é que EU acharia isso muito estranho".

"Você!" Disse a Lagarta com desdém. "Quem é VOCÊ?"

O que as devolveu outra vez ao início da conversa.

Se quiséssemos ver quais os engramas de Alice, poderíamos aproveitar alguma crítica literária da Dianética; contudo, será provavelmente muito mais valioso se aceitarmos Carroll, e Alice, nos seus próprios termos. Nisto obtemos nós um retrato divertido mas não obstante revelador do assombro da criança (e confusão) sobre o que é um "Eu". O facto das crianças estarem confusas com este problema, não é surpreendente; também deixou perplexos os grandes filósofos. Eles bateram audaciosamente na ideia e tentaram entrar no coração do pensamento, mas aparentemente nunca com completo êxito, a julgar pela falta de aceitação geral das opiniões de qualquer filósofo sobre o assunto.

Embora tendo o cuidado de olhar profundamente este problema, achamos ainda assim que as grandes dificuldades da criança são muito mais imediatas. Nós não temos que ser muito filosóficos com a criança. Uma grande parte das suas dificuldades assenta em coisas que podem ser bastante facilmente resolvidas. Por exemplo, as crianças não são muito boas em semântica; elas têm vocabulários bastante escassos e estão enganadas sobre o significado de muitas coisas. A realidade é uma coisa bastante diminuta para elas. As crianças passam por fases em que se divorciam de tudo o que as rodeia. Quando uma criança nasce, não tem qualquer conceito do ponto onde ela acaba e outras coisas começam. Ela aprende isto gradualmente, mas encontra uma próxima dificuldade em determinar onde os seus desejos acabam e outras forças começam. A criança não tem o completo e devido sentido de realidade, para o tipo de processamento de Dianética feito com adultos e adolescentes; as experiências feitas nos bancos padrão de crianças não são bastante adequados aos problemas em causa. Mas é possível ter afinidade com crianças, montes dela, logo, há a possibilidade de um elemento compensar a falta dos outros dois. Se a criança realmente sente que você a está a tentar ajudar, pode fazer muita coisa com ela.

Isto leva-nos ao problema de lidar com crianças. Não existe qualquer procedimento exacto infalível para cada criança, mas está em desenvolvimento uma série de jogos para uma coisa que dará a todas as crianças uma melhor orientação no uso da linguagem. Por exemplo: "quantos significados podes arranjar para uma palavra que soa como 'estrada'?" Jogos de blocos, etc., que terão como fim a sua orientação em semântica, estão a ser desenvolvidos.

Agora peguemos na questão de como as crianças "retornam". As crianças parecem contemplar ao retornar a incidentes de dor meramente como experiências mais desagradáveis, e são incapazes de ver bastante longe no futuro para fazer o retorno valer a pena. Para o muito jovem, os conceitos de redução e restimulação são muito avançados; a única exceção até agora é o caso da restimulação crónica fisicamente dolorosa. Quando a criança sofre constantemente de dores de estômago, tonturas ou outras queixas que o aborrecem repetidamente, ela ficará ansiosa por tentar qualquer coisa que lhe prometa alívio. Contudo, mesmo neste caso, a criança deve ser constantemente lembrada de que está a ser ajudada quando fala ao auditor da primeira dor de estômago, da primeira tontura e assim por

diante. Ela só pode e sentirá os somáticos se não for assustada por eles.

Chegamos aqui a outro grande obstáculo ao retorno das crianças que só pode ser superado por uma atitude amistosa e de confiança da parte do auditor. Esse obstáculo é o medo. As crianças não compreendem bem o tempo; para elas o passado é confundido com o presente, e ainda é tão real como hoje. Elas temem que ontem, com a sua dor e terror, possa acontecer outra vez amanhã; elas temem que, retornando a uma ocasião de dor, traga a experiência de volta à realidade. Estes medos parecem ser naturais, nascidos da sua falta de experiência analítica com o mundo. A única solução aparente é a educação das crianças nos processos da Dianética.

Cada criança deveria compreender tão completamente quanto possível de onde veio e como era antes de nascer. Deve saber o que esperar dos somáticos, e de quando os percorre repetidamente. Em resumo, tem que ter um conceito bastante bom do que ela e o auditor estão a fazer.

O mero conceito de Dianética não é contudo bastante. As crianças apelam fortemente para as suas autoridades. Elas têm que ter adultos em quem possam acreditar e confiar, em cuja palavra elas se possam apoiar. Se o auditor tiver um deslize, como dizer à criança que o nascimento não a magoará muito quando retorna a ele, ela esperará talvez pouca ou nenhuma pressão. A dor para ela não é relativa a outra dor, mas da forma como a apercebe à medida que acontece. Se está deprimida e cansada, ela estará menos capaz de "apanhar" somáticos, e o auditor deve estar ciente disso. O auditor tem que dar à criança alguma ideia de como a sua futura experiência vai ser, mas tem que tentar não subestimar esta ideia por causa do risco de perder afinidade por algum tempo. Esta previsão não é fácil, e a afinidade é muitas vezes perdida por causa dos erros de adivinhar a capacidade da criança para se aperceber da dor. A perda de afinidade deve ser corrida imediatamente como um elo, e o processamento tem que ser parado até a afinidade ser restabelecida. Percorrer uma criança que perdeu a fé na omnisciência do auditor, é convidar a dobragem. Um auditor não tinha conhecido a frustração até percorrer uma criança pela metade através de uma experiência dolorosa, só para ver que mal alinhavado foi um fim feliz.

As crianças parecem capazes de tomar a valência das pessoas com quem estão. Os auditores podem observar as crianças na valência do auditor, até quando a criança e o auditor estão a brincar juntos. Este efeito parece ocorrer muitas vezes em casos que contêm muito terror, mas foi observado até em crianças normais. Quanto menos afinidade a criança tem com adultos em casa, mais facilmente ela pode tomar a valência de uma pessoa com quem tem afinidade.

Outra coisa importante é perseguir dramatizações e tirá-las fora tanto quanto possível. Em relação a isto é necessário aconselhar os pais sobre como evitar a restimulação dos seus filhos.

Se uma criança é multivalente, é difícil determinar quem é de um minuto para o outro. O trabalho nessa criança é feito quase completamente através da afinidade. Ela tem pelo menos quatro valências diferentes nas quais entra, uma depois da outra. Ela tem pouco sentido de realidade, e um circuito que diz que só ela é que fala. À medida que a afinidade entre ela e auditor aumenta, maior progresso é feito com esta criança.

É bastante possível fazer uso da tendência natural da criança (se for o caso) para jogar noutras valências, dando-lhe valências que são mais benéficas para ela, e certamente mais benéficas para a sociedade, do que as de bandidos, de polícias duros, ambíguas, etc. têm havido argumentos contínuos sobre os efeitos dos filmes nas crianças, o mal de alguns livros cômicos e agora a preocupação é à volta da televisão. Com a Dianética começamos a introduzir alguma perspicácia na razão de sentirmos que havia certos maus efeitos nestas formas de diversão. As valências em que elas entram são motivo de séria preocupação. Não é um problema só para as crianças; há alguns adolescentes muito jovens que já usam patilhas.

Espera-se que possam ser instituídos programas Dianéticamente sãos para dotar as crianças de valências úteis, educacionais, que elas possam apanhar, uma preocupação baseada nalgumas das aberrações já encontradas em crianças, a mais ilustrativa das quais é o "caso Júnior". Eles ainda são casos Júnior aos cinquenta anos, mas para o serem têm que antes ter sido casos Júnior. O progresso desses casos depende um pouco da taxa à qual os engramas foram sintonizados. Um bom exemplo de como um caso Júnior é criado é o seguinte: depois do divórcio, a mãe diz ao filho, um Júnior: "Agora tu és o homenzinho da casa".

Não é surpreendente que as crianças pareçam psicóticas e esquizofrénicas. A criança pode fazer de conta que é uma borboleta, um cavalo, uma caixa, quase qualquer coisa. A sua imaginação é extravagante, e como resultado, ela olha para a criação de algumas das suas fantasias muito como um psicótico. A diferença é que a criança pode estar a fazer isto como exercício, enquanto que o psicótico o faz porque o tem que fazer. Contudo, se a criança não pode deixar de ser uma borboleta, então nós temos uma criança com uma aberração. Ela está presa na valência da borboleta.

Quando a criança muda de valência e quer ser uma borboleta, uma flor, ou um vaqueiro, não há provavelmente nada de errado. Quando fica presa numa destas valências, temos um problema entre mãos. É como quando fica presa na valência de um dos familiares ou quando tem o comando: "Tu és exactamente como todo o resto da família", ou "Tu és exactamente como o teu pai".

Uma criança presa numa valência muito cedo na sua vida, não tem esse problema difícil, embora possa ter as doenças psicossomáticas da pessoa que está a ser. Provavelmente só dramatizaria muito e teria o analisador desligado a maior parte do tempo. Mas a pessoa que está presa numa valência e de repente fica presa noutra ao mesmo tempo, tem um problema maior. Se for capaz de fazer uma síntese destas valências, talvez possa fazer um ajuste; mas quando isto acontece a uma pessoa mais velha, oferece muitos conflitos. O exemplo seguinte é em parte hipotético:

Um caso Júnior detestava o pai, logo foi para a valência da mãe. Tinha contudo comandos para ser como o pai. Foi muito difícil lidar com realidade e foi diagnosticado por um psicólogo como desdobramento de personalidade. Ele também foi diagnosticado como maníaco-depressivo, mas há pouco crédito neste diagnóstico. Ele estava deprimido porque não conseguia decidir.

As crianças também têm estes problemas, particularmente numa família violentamente emocional, onde, para a sua segurança, é necessário um aliado forte. A forma de ter um aliado forte é entrar na valência do perdedor (sentir o que ele sente) e, para proteção,

procurar ganhar como aliado o vencedor da discussão. Você representa a parte necessária ou constrói valências com as coisas de que o aliado gosta mais, e então torna-se nelas a fim de ter o aliado. Exemplo:

A prima Mary vem visitar a criança, Betty, e família. A Mary é um pouco mais velha e ajuda sempre muito a mãe de Betty. Betty não está preparada para essas coisas, mas assim que a Mary abala, a mãe começa a dizer como é bom cá ter a Prima Mary porque sempre ajuda no trabalho. A criança, se a situação familiar é insegura, é capaz de pensar que tem que entrar na valência da Prima Mary para manter a mãe como aliado.

Não deve ser esquecido que um aliado e um amigo podem muito facilmente ser confundidos na mente de uma criança. Uma criança tem que ter a ajuda de outros para sobreviver. A perda de um aliado é uma catástrofe capital para a criança. A mais leve rejeição emocional de uma criança por um aliado é uma forte ameaça à sua sobrevivência, particularmente se a criança já é insegura.

Outra coisa encontrada ao trabalhar com crianças é o facto de a criança ter que obedecer aos pais. A primeira vez que um auditor disparou para uma criança: "tens que fazer logo o que a tua mãe te diz?", numa tentativa de quebrar um comando aberrativo numa base de resposta relâmpago, ela ficou muda quanto ao que fazer com o "Sim!" imediato. Em resumo, o problema pode ser formulado deste modo: Desobedecer aos pais é um verdadeiro risco de sobrevivência para a criança de proporções nada pequenas.

A única forma de ultrapassar isso é ter crianças seguras, que compreendem que são por si próprias valiosas. A Dianética não propõe isto com a ideia de que deva ser permitido às crianças andar desaforadas; elas têm que receber algum treino. Mas os pais devem lembrar-se que muito do mau comportamento da criança é simplesmente a resposta dos seus engramas (que os seus pais lhe deram a ela em grande medida). A dor, dor intensa para a criança, acciona muito deste mau comportamento.

Foi recentemente recebida uma carta na Fundação:

"Nós temos uma menina que tem um irmão mais velho, e sabemos que a pequena tem um engrama em que a mãe diz: "Espero que seja um rapaz; gosto muito mais de rapazes do que de raparigas". A pequena mostra tendências marcadas para ser maria-rapaz e tenta de todas as maneiras possíveis ser como o irmão.

Os pais queriam saber o que poderiam fazer. A criança ainda não tem idade para correr isto como engrama. A única resposta possível era: "Valide tanto quanto possível o facto da criança ser rapariga, e tenha o cuidado de não a restimular mostrando qualquer preferência por rapazes".

Outra coisa que pode ser feita é tentar rebentar elos nas crianças. É muito simples, e a criança não precisa ter qualquer ideia do que está a fazer. O procedimento poderia ser: "O que é que estavas a fazer quando bateste com a cabeça?" Resposta: "estava a andar de triciclo". Faça mais perguntas acerca disso, passe o incidente até ao fim, depois volte atrás e passe-o outra vez. É bastante eficaz. Tente correr elos tão continuamente quanto possível. Se aos engramas não é permitido permanecer em sintonia, eles são ineficazes.

Há uma outra coisa a dizer sobre valências. Se acontece a criança estar na valência de outra pessoa, ela tem uma fraca possibilidade de alguma vez se aperceber da sua própria personalidade, porque na

valência está implícita uma abordagem à vida, um padrão de comportamento consistente, etc. O ser humano tem um carácter duro, e ocasionalmente consegue romper com algumas das suas próprias características.

Mas engramas e valências são frequentemente mais duros. A questão é que estar na valência de outra pessoa, não é obviamente uma coisa boa. A forma de ajudar uma criança é ajudá-la a ser ela própria!

CAPÍTULO 3

Para Um Mundo Mais São

O contágio da aberração progrediu com a segunda dinâmica* a um expoente notável na nossa sociedade actual. Os nossos primeiros colonos trouxeram a semente da aberração futura. Como haviam certas doenças para as quais não havia cura, esta falta foi substituída por uma restrição moral.

Tais tabus são baseados na premissa de que algo que a sociedade tenha feito no passado foi mais doloroso que benéfico. O preconceito leva então os tabus muito para além do seu tempo.

Uma vez criados, os tabus têm que vigorar. Contra a razão é aplicada força. O que é a aberração senão a força aplicada contra a razão?

A aberração parece multiplicar-se por progressão geométrica. É uma coisa que se espalha, que se alarga em vez de ir numa linha estreita. As aberrações da mãe aparecem em dois dos seus filhos, e quatro netos. As "idiossincrasias" do pai seguem o mesmo padrão. Dentro de algumas gerações uma sociedade inteira é afectada.

Só a colonização de novas terras interrompeu este contágio. Quando uma raça enfrenta um novo continente e conquista os antigos habitantes, tem que elevar o seu nível de necessidade para um plano muito elevado. É uma meta tremenda arrancar a terra aos que já a possuem, na medida em que o ímpeto que expõe a raça tenha êxito e o contágio nela contido seja consideravelmente cortado.

Algum tempo depois o objectivo é conseguido e quase tudo serenado para os vindouros. Os meios de transporte e comida estão disponíveis com um mínimo de esforço. O governo é estabelecido de rotina, e de repente há uma nação "civilizada" sem metas mais elevadas. Neste momento começa a espiral descendente. Embora a Idade Dourada da raça possa surgir naquele período, a espiral descendente da aberração, já iniciada, desce cada vez mais. O nível de necessidade individual baixa, e as aberrações começam a manifestar-se. O processo de contágio instala-se.

Os costumes da sociedade de hoje tornam muito elegante o facto dos indivíduos terem uma segunda dinâmica bloqueada. Quando um investigador da estatura de Freud estuda uma ordem social e decide que só uma coisa está errada, é pelo menos indicativo de que há muito de errado com apenas essa coisa. Ele foi forçado à conclusão de que o sexo é o principal responsável pela aberração, e é evidente que durante os dois séculos passados o sexo se tornou cada vez mais tabu.

Alguns, até à Dianética, tinham de facto olhado secamente para este problema como deviam, e reconheceram a que ponto a criança é o produto do sexo. O facto de haver uma correlação definida entre as crianças e o sexo pode parecer uma declaração super-óbvia. Mas quantas pessoas pensam que os bebés são muito, muito bonitos e, ao mesmo tempo, sentem que o sexo também é muito, muito sórdido? A segunda dinâmica tem que incluir, não só sexo e o acto sexual, mas também as crianças.

A tendência talvez seja bloquear a segunda dinâmica tão completamente que as gerações futuras se tornarão completamente

* A dinâmica do sexo e criação de filhos.

insanas. Se esta espiral descendente de aberração sexual não for interrompida, haverá pelo ano 2000 ou 2050, não 1,900,000 internados em sanatórios e manicómios, mas apenas algumas pessoas sãs a viver as suas vidas num quase 100% louco.

Uma segunda dinâmica bloqueada é acompanhada por uma aversão, abuso e impaciência geral com as crianças. Contudo, uma segunda dinâmica não é necessariamente bloqueada em relação a sexo e a crianças. Ela pode ser selectivamente bloqueada: aberta em relação ao sexo e completamente bloqueada em relação a crianças, ou toda aberta em relação a crianças e completamente bloqueada em relação a sexo. Quando esta ultima condição está em evidência, as crianças resultantes dessa união são muito neuróticas.

É então evidente que a espiral descendente acaba nos colos das crianças! As crianças têm que aguentar o ímpeto dos resultados provocados por tabus, que são os costumes da sociedade. Para deter esta espiral, o ataque mais eficaz é o uso da Dianética Preventiva, aplicada às crianças e vida da família.

Se uma criança puder, em primeiro lugar, ser impedida de adquirir engramas, a espiral descendente é de repente interrompida; e se os engramas latentes nos bancos reactivos das crianças já nascidas são impedidos de sintonizar, é um passo de gigante para parar o contágio da aberração da sociedade.

Realizando o primeiro, a sociedade tem que assumir alguma da responsabilidade de cuidar adequadamente da mãe. Queremos com isto dizer, Dianéticamente mais do que economicamente. Toda a gente tem que aprender a não dizer nada perto da mãe grávida quando está ferida ou doente, ou durante trabalho de parto e nascimento. Particularmente durante o nascimento deve ser guardado silêncio absoluto, e quanto mais delicado for o parto, melhor.

O melhor nascimento pareceria, à primeira vista, ser por Cesariana, uma vez que se acredita que a criança não sofre nenhum dos rigores de um nascimento normal. Contudo, não é o caso. Os nascimentos de Cesariana são mais duros para a criança do que no nascimento normal, porque o obstetra espera usualmente até a criança estar firmemente entalada, e indica que não vai nascer normalmente. A criança permanece então dessa forma, doze ou catorze horas com o crânio entalado.

Num raio-x de um processo de nascimento, os ossos frontais do feto estavam sobrepostos, o crânio dobrou-se completamente sobre si mesmo, porque a região pélvica da mãe era muito pequena. A criança permaneceu nesta condição durante catorze horas, enquanto as pessoas estavam à volta com longas conversas. A diferença entre o Q. I. deste rapaz e do irmão, apenas um ano mais velho, é enorme. A criança mais jovem é lenta e desajeitada, enquanto que o irmão é arguto e alerta. A criança mais velha nasceu prematuramente e teve um nascimento indolor, tão inesperado que o médico não chegou a tempo. Estas crianças têm bancos de engramas pré-natais quase iguais. A grande diferença é no nascimento.

Outro caso foi uma menina que parecia estar só meio desperta quando foi trazida para processamento. Ela era muito gorda, e o seu desenvolvimento físico era muito atrasado. Ao ser perguntado à mãe que espécie de parto tinha tido, ela disse que achava que tinha corrido bem porque não se lembrava de nada. Tinha ficado inconsciente aproximadamente doze horas com clorofórmio. Está claro que a criança estava também anestesiada através do cordão umbilical. Os

médicos e enfermeiras trabalharam à volta da mãe inconsciente, falaram, brincaram e riram, carregando tanto o banco de engramas da mãe como o da criança. Então a criança nasceu. No que respeita à banda do tempo da mente reactiva, a menina permanece aí no nascimento, em sono profundo, numa anestesia contínua.

Os engramas de uma criança não começam vulgarmente a sintonizar antes de ter decorrido um tempo considerável. O nível de necessidade é alto, e ela está geralmente em boa forma. Ela poderia ter um banco de engramas fortemente carregado, mas precisaria de uma extraordinária ameaça do ambiente para sintonizar este material.

É relativamente difícil cansar as crianças. Elas podem parecer cansadas, mas o seu nível de "desistir e ir dormir" vem muito depois de num adulto. Só quando uma criança é realmente empurrada e muito cansada por alguma circunstância extraordinária, chega ao ponto do material engrâmico sintonizar.

Será a primeira sintonia que traz consigo a primeira doença da criança. Uma forte pancada que aborrece mais do que dói, embora recuperando bem e não provoque facilmente lesões, poderia provocar uma sintonia durante alguns segundos. As pessoas tomam normalmente precauções para prevenir as crianças de acidentes e anaten (grau de atenuação das faculdades analíticas), logo isto não tem que ser salientado. O que tem que ser salientado é a possibilidade de sintonia nestas ocasiões. Existem engramas no banco que coincidem com o tom de voz dos pais, os quais podem ser muito facilmente sintonizados. Daí que absolutamente nada deveria ser dito perto da criança a seguir a uma lesão de qualquer tipo. Por maior que seja a tentação de dizer: "Oh! pobre bebezinho, querido", deixe a criança berrar. É de longe melhor e mais seguro deixar passar alguns minutos depois uma lesão de qualquer tipo, antes de falar com a criança lesionada, em lugar de correr o risco de sintonia e restimulação.

Discussões à volta de uma criança a dormir, são altamente restimulativas. A criança está cansada, vai para cama... e imediatamente os pais começam a discutir. Um caso de gaguez começou desta maneira. A criança tinha estado a brincar para além da hora de dormir depois de ter estado fora num parque de diversões onde os passeios eram tão fascinantes e tudo tão maravilhoso, que ficou demasiado excitada para dormir. Ela estava muito cansada até para jantar. Tinha adormecido apenas há meia hora quando o pai chegou a casa embriagado e começou uma discussão. Algumas das palavras usados foram: "Não podes falar assim comigo"! e "Com quem pensas que estás a falar?" Na manhã seguinte quando a criança acordou gaguejava e gaguejou durante os vinte dois anos seguintes.

Não fale perto de uma criança doente. Se o médico decide manter uma longa conversa perto da cama do doente, o nosso sentimento natural de cortesia ou temor poderia impedir-nos de fazer alguma coisa. Mas o seu sentimento natural de cortesia ou temor pode ajudar a aberrar severamente uma criança para o resto da vida. Uma boa canelada em alguém que fala perto de uma criança doente ou quase qualquer violência física seria justificável, dadas as circunstâncias. Parece demais, nós sabemos, mas tendo sido auditor o tempo suficiente para encontrar toda a verborreia aberrativa à volta das crianças, você não pode deixar de se sentir punitivo. Até pessoas com a melhor das intenções podem arruinar por completo a vida de uma criança dessa maneira.

Se for necessário castigar uma criança, não ralhe e bata na criança e depois não ralhe um pouco mais. Diga à criança a razão do castigo em linguagem simples, directa, e então aplique o castigo em silêncio absoluto. O castigo provoca anaten; se a conversa acontece durante e depois, o conteúdo da prelecção só é agarrado numa base reactiva e fica indisponível para a mente analítica. A criança não pode por isso racionalizar um bom comportamento. Ela só analisa o facto de que estas pessoas são horrivelmente más para ela.

Uma criança tem sempre que "honrar o pai e a mãe" e mais nada! Mas nunca ninguém se deu ao trabalho de dizer à criança o que os pais têm que fazer para serem honrados.

Se uma criança tem uma série de "acidentes" de partir coisas, intercalado com laivos de desobediência, é quase certo que está a ser muito atormentada, de um ou outro quadrante. O processamento não é tão necessário à criança como à família, mesmo que uma família que tem um filho muito mau ou muito doente se possa considerar e comportar como uma verdadeira santa, cheia de amor e compreensão. Nunca se deve discutir na presença da criança. Nunca se pode castigar indevidamente a criança. A criança pode ter sempre tido a melhor comida e o melhor cuidado. Mas procure o banco recente da vida desta criança e verá quantas destas, assim chamadas, "doenças de infância habituais" foram precedidas por uma perturbação emocional muito grande perto dessa criança!

Numa família, quase um modelo de correcção, a criança tinha estado muito doente com uma combinação de varicela e pneumonia. Uma forte discussão tinha obviamente acontecido no lugar onde a criança dormia, porque as pernas de aço do berço estavam tortas do peso dos adultos que lhe caíram em cima. A parede estava marcada como se fossem nós dos dedos de adulto ou objectos lançados em fúria, contudo esta família vivia supostamente uma vida modelo, pois nunca discutiam perto da criança!

Um rapaz "mau" de quatro anos de idade foi levado a um auditor. De acordo com os pais, se ele tivesse 1,80 m teria dado a Genghis Khan uma boa diversão. Ele iria pela escada acima e tirava as roupas da mãe dos cabides e cortava tudo à tesourada. Entraria noutro quarto, de preferência um muito limpo e arrumado, e rasgaria o papel de parede com uma faca. Alguém da família que fosse tomar o pequeno-almoço encontraria o cereal todo misturado com cigarros esmagados. Ele era astuciosamente desajeitado; parecia capaz de quebrar selectivamente qualquer peça valiosa de bricabrac em casa.

O que ele obviamente precisava, diziam, era mais disciplina. Investigada a disciplina que ele teve, mostrou castigos à média de quatro surras e um carolo na cabeça por dia. A única coisa que poderia ser dita sobre o castigo é que era constante: não importa o que acontecesse, ele era castigado. Além disso, havia unanimidade na família. O pai concordava e castigava-o. A mãe concordava e castigava-o. E um avô que estava sempre por perto, também concordava e castigava-o. Cá estava um rebelde em brasa, um verdadeiro insurgente na comunidade conduzindo uma revolta com sucesso.

O assunto foi resolvido muito simplesmente. O auditor, tomando nota do facto de os adultos que trouxeram o rapaz não serem muito altos, fez saber que a próxima pessoa que pusesse a mão na criança seria pessoalmente responsável perante ele. Eles concordaram que esta era uma nova realidade, e dentro de vinte quatro horas deu-se

uma mudança no jovem pré-claro. Ele apanhava as suas próprias roupas. Começou a lavar a louça! De repente já não era um diabinho.

É absolutamente maravilhoso observar crianças que não foram "disciplinadas". Nem por isso são piores. Se você quer ver uma criança realmente má, encontre uma que tenha tido uma grande dose de disciplina. Ela sabe exactamente o que deve fazer, e desde que o corpo respire, está lixado se o fizer! Ela é confrontada por uma sociedade atingida por uma segunda dinâmica bloqueada como uma coisa em voga. Ela é confrontada com pessoas que não gostam de crianças e que lhe aplicam todo o tipo de barbarismo com a desculpa de que isto promove a lealdade e a disciplina.

Há duas linhas particularmente insidiosas na sociedade a respeito de crianças. Uma é a convicção de que a paternidade é um facto biológico, mas que a criança não tem qualquer afecto natural para com os pais, e poderia ser criada da mesma maneira por qualquer outra pessoa. A outra é a que ensina a criança a não crescer porque (1) é altamente gratificante ser criança, e (2) os adultos não se divertem, logo para quê ser adulto?

Há um afecto natural óbvio da criança para com os seus próprios pais, e apesar das teorias contrárias, uma criança dá-se muito melhor com os seus próprios pais. De facto as vozes dos pais são muitas vezes restimulativas e fazem toda a espécie de coisas erradas com a relação a nível reactivo, mas a criança tem usualmente com os pais afinidade e afecto bastantes para superar a maior parte dessas coisas.

Um auditor recebeu um dia um telefonema de um cavalheiro que disse. "Não sei o que poderá estar errado com minha filha. Fugiu de casa três vezes". Questionando-o revelou que ele tinha sempre tido muito cuidado em nunca demonstrar qualquer afecto por ela com medo de instalar algum complexo, disse ele, e que ela própria tinha muitas vezes reclamado de não ter "vida familiar por que valha a pena ficar". Este homem tinha tido toda a sua vida o cuidado de não ser afectuoso; ele pensava que as crianças se poderiam estragar amando-as. Mas a forma de estragar as crianças é não as amando.

Nenhuma criança jamais foi estragada pelo afecto, pela simpatia, pela generosidade, pela compreensão ou até por indulgência. A velha superstição de que o amor e o afecto transtornam tão completamente uma criança que a põem louca, é incrível. Uma criança pode ter brinquedos melhores do que qualquer outra no prédio e não fazer dela uma snobe. Se lhe for permitido crescer em sociedade com crianças, ela fará uma análise adequada a respeito das suas coisas e, instinctivamente, compartilha-as. Ela descobrirá por si própria como fazer o melhor da vida.

Mesmo enquanto o manuscrito estava a ser preparado para publicação, apareceu, como por desígnio providencial, um artigo num jornal a confirmar esta tese sobre os extremos a que as crianças mal amadas recorrerão para se rebelar contra o seu infeliz ambiente. Em Oakland, Califórnia, por exemplo, um rapaz de doze anos, por nenhuma razão "aparente para as autoridades", disparou uma arma sobre os pais quando se sentavam a ver um programa de televisão. Em Palm Beach, na Flórida, um adolescente confessou ter atirado sobre o pai, avô e um polícia porque "eles estavam a tentar deserdar-me de \$600,000". A compor a tragédia acresce o facto de o jovem ter tido um "exame psiquiátrico" apenas três dias antes do incidente e ter sido declarado um "caso mental moderado". No oeste médio, uma adolescente deitou fogo a várias casas para: "me vingar das pessoas

fazerm pouco do meu cabelo ruivo". Em Nova Iorque, quadrilhas de crianças rebelaram-se e cometaram sérios actos de vandalismo em protesto contra decisões arbitrárias da parte das autoridades de um centro juvenil de diversões. Finalmente, a manchete reveladora, "Ninguém Gostava do Patinho Feio; Logo o Rapaz Matou 3 Como Um Robô". A história foi espalhada com frases como: "Matou sem ódio, mas com falta de afecto.... As autoridades estão convencidas que o jovem não matou com o coração. O coração estava vazio...". Um oficial pôs isto deste modo: "A criança estava com fome de afecto. Se o tivesse, tudo poderia ter sido diferente". O Chefe BOBBY que tinha mostrado bondade paternal para com o rapaz observou: "eu não sou psiquiatra, mas conheço as crianças. O rapaz era uma ovelha negra. Ele precisava de alguém para lhe dar uma palmadinha nas costas e o chamar Filho. Ele precisava de orientação e amor".

O reverso, é que à maioria das crianças da nossa sociedade de hoje é negada qualquer responsabilidade ou posição de qualquer tipo. Desde o primeiro suspiro que lhes começa a ser negada a independência que todo organismo procura. Ela é metida numa espécie de molde supostamente desejável ou, "melhor para ela", cortam-lhe a liberdade de acção e expressão em todas as direcções. Afortunadamente para ela, tem pelo menos uma meta: crescer. Poderia ter outras metas necessárias, mas são secundárias comparadas com esta graça salvadora; ela pode salvar-se só com essa meta, quer dizer, a menos que seja perfeitamente ensinada a não crescer.

Se ela decidir que crescer é algo que resultará num mau estado de coisas, que o que é desejável é permanecer criança, foi-lhe roubada uma meta que, apesar de influências antagónicos, a levaria adiante. As crianças que têm uma recompensa muito grande por serem crianças são as que progridem menos satisfatoriamente.

Uma escola moderna de pensamento, entre muitas outras, dá às crianças uma posição na família que excede de longe o seu verdadeiro estatuto. A criança é atribuída uma importância de ser criança muito fora de proporção com a importância de ser adulto. Se o pequeno Willie entra de repente num quarto, vai contra o candeeiro e entorna sumo pegajoso de ananás por cima do fato de um convidado, está certo. Afague a cabeça do pequeno Willie e dê-lhe um pouco mais de sumo de ananás. Diga ao convidado que "São crianças e não sabem mais". Este tipo de treino em crianças confere uma prioridade muito alta para permanecer criança. De facto, quem é que quereria ser adulto nesta família?

Como é que a criança determina se o facto de crescer é desejável? Ela tem uma energia enorme e boas qualidades reparadoras e curativas. Ela é naturalmente muito enérgica e activa. Ela tem, como regra geral, uma mente satisfatória, assim, um dia olha em volta e diz para si mesmo: "Ora vejamos. Eu estou a crescer. O que serei quando for grande? Serei um adulto, está claro". Então começa a observar os adultos muito de perto nas suas imediações, e começa pela família.

Aqui está a mãe cuja concentração é apenas em ser uma criada das crianças. Ela não quer ser a mãe pois não se diverte. Há o pai. Ele arrasta-se do trabalho para casa, esboça um sorriso e talvez tenha a sorte de olhar para o jornal antes de cansadamente jantar e ir para cama. Depois queixa-se das crianças que fazem muito barulho. A criança por força conclui: "Ele também não é muito polido". Depois de uma breve pesquisa pelos parentes menores, ela começa a coçar a cabeça e pensa "que diabo é esta coisa de gente crescida? Eu quero

ficar criança, porque olha, somos servidos, temos comida e vestuário, e tudo".

Se puder separar-se da sua presente atitude sobre a "realidade", e puder dar uma olhada nisso, verá isso de um ponto de vista, muito como o de uma criança. A criança sabe que gosta de correr e brincar, a ideia dela é que as outras pessoas devem também gostar de correr e brincar. Uma grande secção da sociedade adulta acredita que correr e brincar é de facto muito mau. Simplesmente não é feito. Pelo menos a maioria dos adultos não o faz. Eles nunca se divertem muito.

A criança tem, afortunadamente, um sentido muito alto de realidade, mas foi completamente cercada pelas ilusões dos adultos. Ela não tem o tipo de realidade com que toda a gente está de acordo, mas o que ela vê e interpreta de acordo com os seus dados. Não é uma ilusão para ela.

Ela concorda perfeitamente com ser Hopalong Cassidy (herói de banda desenhada) das quatro às seis horas, e outro, o Pequeno Castor às mesmas horas. Não há falta de acordo nem falta de realidade; a sua realidade é a maior, simplesmente porque tanto a pode enfrentar em toda a periferia como estreitá-la para uma realidade selectiva. O mecanismo que instala o seu sentido de realidade é mais vívido e ilimitado do que o de um adulto, que afinal de contas tem que se submeter ao tipo de realidade que o segura a uma secretária ou a uma banca de trabalho.

Trabalho, servidão económica, quer goste quer não, é a realidade do adulto; mas que pobre substituto! É a super-artificialidade com que tem que concordar, figurativamente, com uma arma apontada. A sociedade disse: "Se você não considera o seu trabalho a maior realidade da sua vida, a única, nós vamos matá-lo à fome, Bud". Logo, ele contrariado, concorda. Realidade? Não! É um pacto de um estrato da sociedade, um código de acção acordado.

A criança também é muito sensível à irrealdade. Se alguém, falando do ponto de vista do seu próprio estreito sentido de realidade, tenta dizer-lhe a razão porque isto e aquilo têm lugar, é provável que a criança o fite bastante pasmada, incapaz entender. Terá que lhe ser dito muitas vezes. Tem que lhe ser dito na escola primária, na escola secundária, na faculdade e então, quando casada e lhe é dito pelo chefe, ela apanha finalmente a ideia. De repente concorda que a coisa que lhe foi dita toda a sua vida é de facto realidade. Nesse momento começa a fracassar.

Um das melhores maneiras de pôr as crianças num caminho feliz é oferecer-lhe um pouco de educação. Interessá-las pelo mundo real, e tentar interessá-las por passatempos nos quais possam aprender a usar os seus corpos. Deixe-as escolher o passatempo e mostrar quão proficientes se podem tornar. Ensine-as a andar sobre cordas esticadas ou a fritar ovos. O mundo não é um monte de assuntos seleccionados que alguém escreveu num livro. Esta é a tarefa da vida, e, se alguma coisa é especialmente interessante para a criança, é essa a coisa a ensinar-lhe. Se puder ser construído um controlo preciso do corpo da criança, isso ajudará a sua sanidade, elevará o seu tom e tornará o processamento mais fácil.

A simples aprendizagem de uma perícia não basta, porque quanto mais aquela perícia se afasta da aplicação prática no futuro, menos eficácia terá na correcção da sua saúde mental e física. A criança tem que ver se o que está a aprender corresponde a uma verdadeira necessidade da sua vida. Dê à criança um sentimento de orgulho em

si própria, e um sentimento de independência sobre alguma coisa determinada. É absolutamente necessário que o Johnny tenha reservado só para ele pelo menos uma esfera de acção na qual ele é completamente independente.

Um rapazinho, que anda no centro da cidade com os pais, viu um acordeão numa janela e de repente decidiu aprender a tocar acordeão. Depois de uma sessão de lamentos e gritos, adquiriu um pequeno acordeão e, apesar das fitas, finalmente aprendeu a tocar algo. "Sempre pensei que era uma boa ideia começar no acordeão", "gozavam", um após outro. Eles lutavam entre si pela distinção de ser o primeiro em reconhecer o génio. Então baixaram o tom.

"Tens que praticar uma hora e dezassete minutos por dia, como diz no livro. Não vais sair e tocar com aquele bando de desordeiros". Já não era o acordeão da criança nem a sua música. Um dia aconteceu simplesmente que o acordeão ficou "esmagado". Os pais deram as suas desculpas: "Sabe como as crianças são, elas são inconstantes e mutáveis. Não sabem o que querem a seguir".

A criança tinha seleccionado algo para fazer. Quando achou que não era uma esfera independente de acção, abandonou-o.

A independência de acção pode ser roubada a uma criança de numerosas maneiras. Impedi-la de tomar as suas próprias decisões infligindo-lhe castigos quando as suas próprias decisões a conduzem a problemas é uma das maneiras. Outra é tentar impressioná-la continuamente mostrando como toda a gente é boa para ela, e como o mundo todo corre para ela, e como ela é ingrata. Outra maneira, particularmente desprezível e desmoralizadora, é condonar-se dela ficando doente, ou cansado, ou desencorajado quando ela faz qualquer coisa errada.

Já viu uma mãe que manejou uma criança com uma tirania presumivelmente mais subtil, mas realmente mais destrutiva do que a de um imperador romano, simplesmente dizendo à criança que toda a labuta da pobre "mãe" e todas as doenças e cansaço da "mãe" são porque a "mãe" dá tudo pela criança? É também bem patente que ela espera que a criança faça algo em troca; pelo menos, se a "criança" é uma menina crescida, deve ser um pouco obediente e não casar com o John. O aspecto lamentável da situação é que, se a jovem corta as amarras e casa com o John, algo usualmente acontece à "mãe" que prossegue com a dramatização até ao fim.

A criança que tem um medo crónico está usualmente num estado mental amplamente disperso. Os seus bancos padrão não têm dados bastantes que lhe permitam seleccionar o que está errado e identificá-lo. É um mundo vasto, desconhecido para ela, porque há partes desse mundo que não estão identificadas; daí o extremo terror. O mundo da criança é de gigantes e dragões, não porque toda a infância seja uma ilusão, mas simplesmente porque as crianças não têm dados suficientes.

Um poema particular é responsável por mais transtornos em crianças do que qualquer outro trabalho. Algo como o efeito de "o pai ouviu-o chamar e a mãe ouviu-o gritar, mas quando foram escada acima não havia nada a não ser uma pilha de roupa. Os duendes tinham-no "apanhado!" "O que é um duende, mãe?" "É alguém que come crianças". Ilusão de infância? é mais ilusão de adulto!

É absolutamente desnecessário comunicar com uma criança neste nível. Uma criança é perfeitamente lógica. Não faz sentido dizer-lhe que existem duendes e que há um lugar chamado inferno onde arderá para

sempre, e que a alma que está dentro dela vai ser tirada pelo Senhor, Senhor que não existe quanto aos seus próprios dados e realidade. O senhor James Jeans e muitos outros têm tentado durante muito tempo identificar a alma e não tiveram sucesso nem sequer para sua própria satisfação; e contudo desta criança, com dois ou três ou quatro anos, é esperado dizer com devoção "O Senhor... vai vir quando eu estiver a dormir..." Ela papagueará isso, sim, mas isso ameaçá-la-á e assustá-la-á mais do que será lógico para ela

A coisa talvez mais insidiosa que pode acontecer à criança é o aliado exterior. Até ter processado várias pessoas, você não pode perceber como o aliado é mortal no engrama de simpatia.

Não deveriam ser permitidos avós na casa dos seus netos, até aprenderem a comportar-se Dianeticamente. Uma pessoa pode ter todo o sentimentalismo lamechas do mundo e pensar: "Avós muito, muito queridos" mas espere até voltar lá atrás ao banco reactivo e descobrir o que eles fizeram. Eles eram muito bons, é verdade, mas muitas vezes subornaram a criança e quebraram a afinidade entre os pais e a criança.

Uma avó que chaga e mina a situação até receber o afecto da criança que pertence aos pais, não pode deixar de fazer isso mesmo. Ela demonstra à criança que os pais são cruéis, injuriando a mãe cada vez que ela corrige a criança, estabelecendo-se por isso durante os momentos de dor e angústia como um aliado. Qualquer família, que permite no seu interior pessoas que quebram esta afinidade natural entre crianças e pais, está à procura de problemas futuros com a condição mental da criança.

Um aliado que se descai com uma criança febril e diz: "Meu querido, eu vou ficar aqui até ficas bom", torna-se uma sanguessuga na mente daquela criança. Considere o que acontece quando uma criança fica muito doente e a avó questiona: "achas que vai morrer? Oh, meu querido, querido bebezinho, vai morrer. Eu sei que vais morrer. Por favor não me deixes"!

Mais tarde na vida, a criança resvala para a valência da avó, e um período de doença, que originalmente durou aproximadamente cinco dias, é sintonizado e mantém a criança doente durante meses!

Trabalhar com crianças será simultaneamente fascinante e uma aventura árdua. O auditor, que aplica visão e paciência aliados à sua perícia, será recompensado vendo as crianças progredir de pequenos rebeldes e travessos, duma inconsciência e miséria doentias, para membros da sociedade cooperativos e saudáveis.

Ele verá que é necessário enfrentar tanto a inconsistência dos pais como das crianças. A tarefa parecerá por vezes impossível e descorçoadora, mas no fim haverá um sentido incomparável de missão cumprida, de ter feito algo realmente valioso para o avanço das futuras gerações.

CAPÍTULO 4

Técnica Padrão de Dianética

Discutindo a Dianética aplicada aos problemas especiais das crianças, é frequente fazer referência a uma compilação de técnicas conhecida como Procedimento Padrão. Com o conhecimento da existência de engramas na mente, era necessário idealizar o método de contactar e reduzir ou apagar esses engramas. O método tinha que dar resultados uniformes, e tinha que funcionar em todos os casos. Este método, uma vez formulado e codificado, ficou conhecido como Procedimento Padrão.

Desde então, no melhor interesse de uma criança, é muitas vezes necessário processar um ou mais adultos do seu ambiente imediato, e pode ser útil um esboço breve dos passos envolvidos no Procedimento Padrão. A sequência desta técnica aplicável a crianças será encontrada em capítulos posteriores.

Quão raramente nesta vida moderna ocupada nós encontramos alguém genuinamente interessado nos nossos problemas, nos nossos medos e nas nossas antipatias. Repetidamente esperamos iniciar uma conversa com o profundo propósito de dizer algo do fundo do coração, mas muitas vezes o nosso ouvinte interpõe os seus próprios problemas; "Oh, isso faz-me lembrar uma vez...". E de repente as nossas pequenas perturbações não são nada comparadas com as suas decepções com almas despedaçadas e terramotos. Em lugar de dizermos algo do fundo da nossa alma, tornámo-nos ouvintes, o auditor. Nós suspiramos, enterramos a nossa decepção com um sorriso amarelo, e ouvimos. É uma verdade estranha que o melhor ouvinte é muitas vezes aquele que mais precisa de um ouvinte simpático.

Assim é estabelecida afinidade. Quando você começa a auditar um membro da sua família, um amigo ou um parente, faça-lhe muitas perguntas sobre coisas de tempo presente, como ele se sente sobre questões correntes do dia, se concorda ou discorda das pessoas perto dele. Ausculte-o sobre os seus métodos de comunicação, dele para outros, e como ele recebe comunicação, mas não discorde dele de forma alguma! As pessoas discordaram dele toda a sua vida. Não é de um auditor de Dianética onerar uma lista já de si demasiado longa.

A afinidade entre o auditor e o pré-claro é da maior importância. O pré-claro tem que ter confiança no auditor, quanto à sua integridade, como pessoa, e a sua capacidade como auditor para manejá qualquer coisa que possa surgir durante uma sessão. A Comunicação entre auditor e pré-claro deve ser duma natureza tal que impeça qualquer reserva. A realidade de qualquer sessão de audição dependerá grandemente da observância destes dois factores.

Tendo estabelecido alguma base para o prazer, convicções e esperanças de tempo presente no seu pré-claro, dirija a atenção dele para os itens ou indivíduos do seu ambiente com um alto valor de realidade para ele. A pessoa que ele sabe ser sua amiga, os degraus de pedra que conduzem à porta da frente que ele está absolutamente certo serem reais e as crianças que procriou e que verdadeiramente sente que são as crianças dele, tudo isto e muito mais contribui para um aumento de afinidade de tempo presente com a vida do pré-claro.

É consigo, o auditor, questionar o pré-claro de tal maneira que contacte momentos em que estas coisas são reais.

Os itens até agora delineados são os meios de avaliar seu pré-claro. Grosso modo você está a descobrir através de perguntas, através de discussão e ouvindo o que ele tem a dizer, onde o seu preclaro fica na escala arbitrária, desde a mais alta sanidade possível até às mais baixas profundezas da insanidade e morte. Os métodos usados para processar o pré-claro a partir deste ponto dependerão da sua avaliação. Obviamente, para os que estão muito em baixo na escala (em Dianética chamada Escala de Tom), devem ser usados métodos muito claros. É definitivamente desaconselhado a um auditor sem experiência tentar processar alguém violentamente insano, ou até apaticamente insano. Mas acima dos níveis mais baixos da escala de tom, um pré-claro pode ser aceite com a confiança de que você pode, usando as técnicas de Dianética, aumentar a felicidade e bem-estar do pai ou mãe de uma criança, e assim reduzir as dificuldades da criança nas relações familiares.

Deve manter-se um registo de cada sessão. Não há qualquer necessidade de ser um relato literal de cada palavra, movimento ou pestanejar do pré-claro, mas de anotar os factos pertinentes. Escreva a idade, o número de irmãos e irmãs do pré-claro, e se morreu alguma da família directa. Registe as frases preferidas para verificação no futuro contra o conteúdo de engramas primários ou secundários.

Depois de fazer um reconhecimento preliminar do caso, começa a usar fio-directo (memória de linha directa) para lembranças de qualquer tipo da vida do preclaro. Pergunte-lhe por momentos de felicidade na infância, quando acabou o curso e quando teve um professor de quem especialmente gostava. Oriente o preclaro para o seu passado desta maneira até ser estabelecida uma verdadeira existência de um passado na realidade do preclaro. Pode ser surpreendente encontrar muitas pessoas cujo passado é uma confusão de completo irrealismo, em que elas estão incertas de que qualquer coisa na verdade lhes aconteceu a elas. Fio-directo ajudará o pré-claro a aumentar a realidade do passado que é, com efeito, corrigir uma porção da sua banda do tempo.

Para ganhar tudo isto no caso do preclaro, você pode ter gasto duas horas, ou mesmo três semanas ou mais de sessões diárias.

Quando o pré-claro estabeleceu algumas das suas "balizas" definidas nos momentos passados, momentos em que a afinidade e a realidade eram muito altas, é então tempo de procurar uma cadeia de elos altamente analítica, questionando-o. (Uma "cadeia" de elos é uma série de incidentes semelhantes no passado do preclaro arquivados por ordem cronológica, às vezes através do assunto, outras vezes através de outros percépticos, embora não necessariamente. Elos "analíticos" são momentos em que o preclaro recebeu elogios por um feito, ou quando sentiu que tinha razão sobre qualquer coisa). Anote os incidentes no papel à medida que são achados, e então, quando a cadeia parece estar completa, quando não tiver qualquer incidente adicional de natureza semelhante para contactar, interroga o preclaro outra vez sobre os mesmos incidentes, um por um, na mesma ordem que apareceram a primeira vez.

Então faça a mesma coisa outra vez e use só os incidentes contactados, a menos que o pré-claro insista em juntar novos incidentes de natureza semelhante. Continue a fazer perguntas selectivamente sobre estes incidentes específicos na ordem apropriada

até o preclaro subir obviamente de tom. Esta técnica é conhecida dos Auditores Hubbard de Dianética como "Fio-directo" Repetitivo.

Ao correr momentos analíticos, o pré-claro tentará, quase de certeza, contactar momentos de raiva, desgosto, medo ou anaten. Mantenha-o no assunto original dirigindo as suas perguntas só para os momentos analíticos da cadeia. E não fique surpreendido se o preclaro ficar "letárgico". Esta é uma condição em que o preclaro aparentemente entra em sono profundo, às vezes ressonando ruidosamente, às vezes murmurando e outras vezes ficando meramente calado sem dizer nada. Durante estes períodos que se podem estender a qualquer duração, de um minuto a oito horas ou muito mais tempo, não perturbe o seu pré-claro com perguntas. Sente-se atentamente e espera que ele saia da letargia.

Esta condição é provocada por inconsciência no passado do preclaro. A letargia parece ser a descarga em tempo presente de inconsciência passada. É particularmente notável e pesada num caso receptor de várias tentativas de aborto enquanto no útero. Depois de um pequeno ou grande período de letargia o pré-claro terá uma subida notável de tom em tempo presente. Ele estará mais alerta, mais interessado no mundo à sua volta. Este pode muito bem ser o primeiro grande sinal de melhoria no seu pré-claro.

Você pode ter um pré-claro cujos percépticos, isto é, a percepção de som, tempo e movimento, víscio, etc., está tudo em pleno. Se não, continue com o processamento como antes até o tom subir e as percepções voltarem e ele ter um alto sentido de realidade sobre o passado e o tempo presente.

Quando ele acerta a última descrição você pode começar a trabalhar com o seu "arquivista". O arquivista é a sua "personalidade básica". Da mesma maneira que o seu nome o indica, o arquivista responde a uma pergunta dirigida ao pré-claro, dando datas, tempos, idades, respostas sim ou não e, de facto, qualquer dado desejado relativo ao arquivo dos dados da memória da mente do preclaro. Para iniciar a acção do arquivista, instrua o pré-claro a dar a primeira palavra ou frase que lhe saltar à mente quando lhe faz uma certa pergunta. Por exemplo:

"Resposta sim ou não, há uma cadeia de elos disponíveis agora?"

"Sim!"

"Qual é o nome dessa cadeia?"

"Chicotear".

Deste modo um auditor prepara o terreno para uma sessão particular.

Noutra secção deste livro está mencionada a "idade relâmpago". É simplesmente uma resposta do arquivista à pergunta: "Que idade tens?" ou "Qual é a tua idade?" ou só a palavra única (depois do arquivista ficar muito fiável) "Idade?" Ficará surpreendido, se for um auditor principiante, com quantas pessoas responderão números aparentemente ridículos quando pede uma idade relâmpago. É interessante experimentar vários amigos. Instrua-os meramente a dar o primeiro número que lhes ocorrer depois de fazer a pergunta: "qual é a tua idade?"

Mas os números raramente são ridículos. Suponha que um pré-claro que você sabe ter 36 anos dá uma idade relâmpago de 13. Ele fica desorientado e não consegue perceber porque deu esse número disparatado, mas depois interogue-o sobre um incidente aos 13 anos.

Melhor ainda, use o arquivista alguns momentos mais para estabelecer a geografia do incidente:

"Por favor responde sim ou não: Hospital?"

"Sim".

"Médico?"

"Não"!

"Enfermeira?"

"Sim".

Desta forma é determinada a natureza e lugar do incidente que fez o pré-claro ficar preso na banda do tempo. Ocasionalmente o número dado pelo pré-claro não é em anos, mas em dias ou meses pós-natal. O tempo de referência pode ser facilmente estabelecido perguntando ao arquivista. (..depois de uma resposta 8, por exemplo)

"Dias?"

"Não"

"Semanas?"

"Sim"!

O mecanismo do arquivista é tal que, quando validado aceitando as suas respostas, dá informações correctas relativas a eventos, tempos e direcções a fim de prosseguir com o caso. O arquivista, quando interrogado sobre o próximo incidente necessário para solucionar o caso, dará uma resposta que, ou será uma pista, ou uma delineação directa do que deve vir a seguir.

Invalidar o arquivista equivale a atolar o caso. Um arquivista pode ser invalidado na justeza das suas respostas por descrença, inferida ou directa.

Tendo trabalhado com o arquivista durante algum tempo e estabelecido para sua própria satisfação que dá respostas válidas às suas perguntas, (algumas vezes as respostas de um arquivista são filtradas por um circuito "pesado" e não são válidas, mas mesmo assim, o auditor não deve permitir à personalidade básica do pré-claro suspeitar que ele não acredita nas suas respostas) peça o momento anterior de dor ou inconsciência necessário para solucionar o caso. Esta é uma rotina sugerida:

"O arquivista dará o momento anterior de dor ou inconsciência necessário para solucionar o caso. A 'Banda Somática' irá para este incidente".

A banda somática é outro mecanismo, mas que é comandada em termos não aleatórios. Enquanto que ao arquivista é pedido um incidente, a banda somática é comandada. A banda somática poderia ser comparada à cabeça de um gira-discos, a não ser que teria que ter muitas agulhas representando os vários percépticos em lugar de uma única. A cabeça do gira-discos pode ser colocada em qualquer ponto duma gravação, e a banda de som tocará o que quer que esteja gravado a partir daquele ponto. A banda somática é comandada para ir para os vários pontos banda do tempo do preclaro, e ela vai. Ela obedecerá ao comando de passar através do incidente que o arquivista deu. A parte do "eu" do pré-claro perceberá então, em recordação, as coisas que aconteceram em qualquer momento da sua vida, desde alguns horas antes da concepção até ao tempo presente. Quando você manda um pré-claro "vir para o tempo presente", você mandou a banda somática deixar um incidente (o que algumas nunca fazem até aquele incidente, se aberrativo, ser reduzido ou apagado por muitas repetições).

Suponha você que ordenou a banda somática do seu pré-claro para contactar um incidente, e aparece ao pré-claro uma conversa. Mande-

o repetir as frases que está a ouvir, mas além disso, persuada-o a sentir também os outros percépticos. Se ele contactou um incidente de dor, é possível que ele sinta somáticos (dor) do incidente sem o seu convite para isso. Para o auditor principiante, este é o momento em que precisa de coragem e confiança nos seus utensílios. Quando o pré-claro está aparentemente na mais intensa dor, talvez com os olhos a arder, você tem que calmamente continuar a correr o incidente e pedir qualquer frase conectada com o dito incidente, e detectar todos os sons, sentido de tacto e cinestesia, à medida que aparecem. A banda somática reproduzirá tudo o que foi registado. E então, quando o incidente parece ter terminado e a dor baixou, mande a banda somática para o início do incidente e rode isso outra vez! Faça isto várias vezes até o pré-claro passar pelo ciclo de apatia, raiva, tédio e, talvez depois de umas oito vezes, estará alegre e talvez ria da coisa toda com vontade. Não preste qualquer atenção a algum esforço que ele possa fazer para evitar atravessá-lo uma segunda ou terceira vez. Se o incidente está apagado, você pode ter a certeza de que o pré-claro não se importará de o correr outra vez, e que o fará alegremente. Se ceder às suas exigências de mudar de assunto ou de continuar para qualquer outra coisa, você atolará o caso e dará ao preclaro alguns somáticos de tempo presente muito, muito desconfortáveis.

Se você percorreu um engrama e sente que o tempo que passou em sessão é suficiente para um dia, dirija o seu pré-claro para um momento de prazer ocorrido algures na sua vida e percorra isso três ou quatro vezes exactamente como se fosse um engrama. Então comande o pré-claro com "vem para o tempo presente".

Se, quando primeiro comandou a banda somática para contactar o engrama oferecido pelo arquivista, o seu pré-claro não contactou o incidente, pode ser necessário correr alguns secundários que estão por cima do engrama. Um secundário é um incidente da vida recente contendo emoção dolorosa, que activou o engrama. Pode ser a perda de um animal, a morte de um membro da família ou a perda de um aliado. Interrogue cuidadosamente o pré-claro para encontrar seja o que for que possa estar disponível, e então percorra o incidente a partir do momento da consciência da perda até ao ponto em que o analisador retomou a operação. Então o pré-claro é retornado ao início do incidente e percorre-o outra vez, exactamente como se fosse um engrama básico. Com passagens sucessivas através do incidente, o pré-claro subirá por desgosto, ira, tédio e, finalmente, alegria. Talvez pareça estranho que alguém possa ficar contente com a morte da mãe, mas quando o desgosto do secundário, uma das ocorrências mais aberrativas na vida de um indivíduo, é corrido a apagado, a alegria estará em evidência.

Depois de correr um secundário, você notará uma subida distinta no tom geral do pré-claro, na sua actividade diária. Será gratificante verificar que ele já não esbofeteia as crianças por cada brecha naquilo que ele poderia chamar "disciplina". Ele foi elevado na escala de tom, e uma porção aberrativa da sua vida passada foi eliminada da mente reactiva.

Mas há dúzias, às vezes centenas de secundários na vida de toda a gente, devendo ser percorrido o maior número possível desses secundários. Quando eles já não se apresentam, quando o pré-claro não pode encontrar outros incidentes contendo emoção dolorosa, retorno o pré-claro à área pré-natal, pedindo ao arquivista o incidente disponível anterior necessário para solucionar o caso, e comande a

banda somática (ou o pré-claro) para ir para o início desse incidente. Corra o engrama apresentado, e então, quando mais nenhum engrama estiver disponível, peça uma vez mais novos secundários que possam, por esta altura, estar disponíveis.

Durante os momentos finais de cada sessão com seu pré-claro, faça fio-directo* em tudo o que ocorreu durante a sessão, o que inclui qualquer coisa que você possa ter feito para o irritar. Pergunte-lhe o que aconteceu quando começou, o que surgiu primeiro, como era o engrama (se existiu). Pergunte-lhe se ouviu vozes dentro ou fora do quarto. Assegure-se que ele tem firmemente em mente tudo o que ocorreu durante a sessão, porque só então você pode ter a certeza de que, seja o que for que ele percorreu, está firme na mente analítica. Termine cada sessão com um breve momento de prazer. Deixe-o apanhar o momento de prazer, e percorra-o duas ou três vezes, e então traga-o até tempo presente.

Esta é a base do Procedimento Padrão. Há refinamentos, está claro. Um auditor profissional treinado pela Fundação está familiarizado com muitas técnicas que se ajustaram a condições especiais. Não se espera que uma pessoa se torne um auditor perito nas técnicas aqui esboçadas, mas se um pré-claro é escolhido com cuidado a fim de não aceitar uma pessoa extremamente em baixo na escala de tom, não há razão para que qualquer adulto inteligente não possa pôr as técnicas em prática e esperar obter resultados agradáveis.

Uma última palavra de precaução: Estas técnicas, conforme delineadas neste capítulo, são para usar em adultos, ou crianças na adolescência. Para crianças mais jovens há variações a este procedimento.

* **Fio directo** é a recuperação dos verdadeiros tempo, lugar e objecto.

CAPÍTULO 5

Processamento de Dianética Para Crianças

É possível processar uma criança em qualquer idade a partir do ponto em que ela aprende a falar. Contudo, nenhum processamento sério deverá ser empreendido até a criança ter pelo menos cinco anos. O processamento extenso de Dianética não é encorajado, excepto em circunstâncias muito invulgares, até a criança ter pelo menos oito anos de idade. Pode ser feito muito bem antes dos oito anos através de técnica de memória directa, e no período dos oito aos doze anos a criança pode ser processada por qualquer das técnicas aqui esboçadas. Mas a pessoa não deverá forçar a criança para a área pré-natal até ter pelo menos doze anos. Se a criança fizer um retorno à área básica é para ser aceite e tratado como um facto natural, e os engramas reduzidos ou apagados, mas o auditor não deverá de forma alguma forçar a criança a fazê-lo.

Em todos os casos, excepto nos casos severos, uma criança pode ser processada com completo sucesso por um dos pais. Em todos os casos, é contudo mais difícil para os pais do que para um auditor externo, pois os pais, em virtude de serem o agente causativo, são um restimulador para a criança. Só o tom da voz de um dos pais, mesmo sem a semelhança do conteúdo de palavras, agirá às vezes como restimulador. Contudo, com um pouco de inteligência e objectividade da parte dos pais, pode ser feito. Isto deverá ser montado como um programa bem definido, ocorrendo duma forma apreciavelmente diferente de qualquer outro acontecimento ou tarefa de uma casa. Deverá ser manejado como um jogo novo, excitante, cujas regras são ligeiramente diferentes das de outras formas de jogo. Mesmo que o processamento seja feito por um auditor de fora, os pais ainda fazem parte essencial do ambiente da criança e devem ser educados quanto à aceitação dos factos e valores vitais da Dianética.

Existem três passos principais no processamento de crianças:

1. Prevenir a restimulação.
2. Quebrar Elos.
3. Desintensificar a emoção dolorosa.

A mãe deverá tentar evitar a linguagem que está no banco reactivo da criança. As emoções que acompanham esta linguagem também deverão ser evitadas, assim como qualquer repetição conhecida de situações que provavelmente terão sido registadas pela mente reactiva da criança. Se os pais não podem recordar os incidentes que poderiam ter criado engramas, ou se não se podem lembrar da linguagem usada naquele momento, podem determinar em breve, pelas reacções da criança, que jogo de palavras e que tipos de emoção estão no banco reactivo da criança. Eles próprios deveriam ter então todo o cuidado de evitar esta linguagem, especialmente quando existem situações que poderiam ser engrânicas. Qualquer aberração numa criança é a prova de que ocorreu uma sintonia, e as situações nas quais as aberrações são muito aparentes terão percepções semelhantes aos percépticos presentes quando o engrama foi instalado.

Por exemplo, uns pais tentaram impedir a criança de molhar a cama, dizendo-lhe continuamente para ir para a cama sem beber água antes de se deitar. Apesar desta "educação", a criança continuou a molhar a cama. A avaliação Dianética da situação revelou

imediatamente que algo no ambiente da criança estava a restimular um comando engrâmico que a fazia molhar a cama. Neste caso, como em muitos outros, a acção tomada de boa fé pelos pais estranhos à Dianética, não era prevenir a aberração, mas antes mantê-la cronicamente em sintonia. Estes pais encontraram os comandos que significam reactivamente ter que urinar na cama quando a palavra "água" é mencionada no engrama de nascimento. O verdadeiro conteúdo do engrama era:

"A água vai chegar".
"Partirá e irá para a cama".
"Fica aí e deixa andar".

O engrama foi desactivado quando os restimuladores foram removidos. Quando os pais deixaram de mencionar a palavra "água" antes da criança se deitar, o facto de molhar a cama diminuiu e depois parou inteiramente.

Os elos podem ser contactados e rebentados por técnicas de memória directa; quer dizer, sem devaneio. Os pais podem dar uma grande ajuda nesta parte do processo, porque sabem muito bem quando criaram um elo, especialmente numa explosão emocional de qualquer tipo. Lembrando-se do padrão das suas dramatizações durante as crises emocionais, podem ajudar a criança ou o auditor da criança a encontrar os elos que ajudarão a criança a superar melhor as suas dificuldades. Sempre que está presente anaten na criança, e está presente quando qualquer engrama está a ser restimulado, pode ser formado um elo. A aberração resultante dependerá da emoção e dor do elo, assim como do engrama original. Este facto, mais a natureza da aberração, podem ser usados para determinar quais os elos que deveriam primeiro ser investigados.

Numa criança, retornar é um mecanismo simples e natural, e a técnica de rebentar elos é uma combinação de memória e recordação. Por exemplo, pergunte à criança se a mãe sempre a censurou. Se sim, tente conseguir que se lembre de um incidente específico. Nesse momento muitas crianças fecharão os olhos e voltam para o evento. Se a criança se puder lembrar das palavras exactas da mãe, e das palavras de qualquer outra pessoa no incidente, permite-lhe atravessar o incidente tantas vezes quanto lhe interessar. A maioria dos elos rebentará com um único relato, e deixará de ter qualquer efeito aberrativo sobre a criança.

O desgosto pode ser contactado numa criança tão facilmente como num adulto. A principal diferença é que o desgosto estará em momentos que parecem não muito importantes para um adulto. Uma criança terá um sentido definido de perda quando, por exemplo, a mãe não lhe permitiu velejar o seu barco num dia chuvoso. A descarga sobre este tipo de engrama de desgosto será pequena quando comparada com o desgosto ocasionado pela partida de uma enfermeira favorita, ou a perda de um animal: mas qualquer momento de desgosto, que pode ser descarregado, melhorará a saúde e bem-estar da criança.

O auditor que deseja ter êxito com crianças tem que ter, acima de tudo, a capacidade de estabelecer afinidade com essa criança. Este é o problema de interessar a criança nos incidentes que causaram a sua dificuldade. A atenção de uma criança está muito difusa. Ela ainda não aprendeu a focalizar bem a atenção, e é função do auditor apanhar-lhe a atenção e canalizá-la para os elos e engramas de desgosto.

Uma criança tem um grande sentido natural de dignidade. Não fale para ela de cima para baixo. Trate-a com tanta dignidade quanto puder. Você verá que a criança tem concepções esquisitas sobre muitas das coisas do quotidiano à sua volta. Localize a fonte destas concepções e usualmente encontrará um adulto que não se deu ao trabalho de dar essa criança os dados certos. Nunca fale com os pais uma criança acerca dela na sua presença. É melhor falar com a criança dos seus pais, trabalhando sempre com ela numa base de parceria.

Com alguma frequência, o processamento de uma criança envolve inevitavelmente mais do que apenas trabalhar com a criança. Muito da aberração nela encontrada terá vindo de uma falta de conhecimento de Dianética da parte dos pais, e, em vez de pôr a criança num sofá e remover elos e percorrer engramas de desgosto, são precisos passos no sentido de evitar a restimulação.

Há três maneiras de tratar uma pessoa com Dianética, e todas elas são às vezes necessárias no processamento de uma criança

1. Procedimentos padrão de processamento.
2. Educação de Dianética.
3. Mudança de Ambiente.

Você pode usualmente contar com pais muito ansiosos de ver as crianças melhor e mais saudáveis. Infelizmente também pode contar com o facto dos pais aceitarem o seu conselho apenas num grau muito limitado. De você pode depender forçar de alguma maneira esses itens, que são deveres dos pais para com a criança.

Um rapazinho que não falava em absoluto, foi levado a um auditor. Depois de muitas tentativas infrutíferas para ganhar uma abertura de caso, o auditor perguntou ao rapaz qual dos pais lhe tinha dito que seria punido se dissesse alguma coisa sobre as suas discussões. Lágrimas! Uma torrente de palavras. Abertura de caso!

Como é que um auditor pode fazer algo por uma criança se os pais a proíbem de falar sobre o que se passa em casa? Estes pais tinham a certeza de que os livros cômicos eram os responsáveis pela aberração da criança, mas durante todo o percurso de "saída do furacão" matrimonial brigavam, habitualmente a todas as refeições. O pai começava a queixar-se da comida, e a mãe de trabalhar no duro. Não era incomum agarrarem na loiça e atirá-la um ao outro, e não era invulgar o rapaz ser atingido. Ele não tinha apetite, entretanto o peso comum para um rapaz da idade dele seria 38 Kg, e a balança mal chegava aos 25.

A prescrição, neste caso, era meramente técnica de linha de memória directa à primeira vez que os pais brigaram à mesa na sua presença. Depois insistir para que a criança pudesse comer na cozinha de portas fechadas.

Quando ouviram isto, os pais olharam furiosos para a criança e disseram. "O que é que lhe disseste?" O auditor viu logo que a criança estava provavelmente pronta a apanhar, logo advertiu os pais: "eu sei que se este rapaz puder comer sozinho ganhará peso; se nas próximas duas semanas não ganhar peso, terei que chamar a Sociedade Protectora".

A criança ganhou peso.

O auditor que lida com crianças precisa de avaliar o ambiente da criança de um ponto de vista de Dianética. Em muitos casos são os pais que mais precisam de processamento, e não a criança. Em todo caso, é importante que os pais compreendam o que são sintonias e como as evitar. Um dos pontos importantes a lembrar nesta conexão,

é que as doenças "habituals" da infância ocorrem com alguma frequência e três dias depois de algum transtorno emocional em casa. Ao processar a criança, tenha a certeza de que explora a área precedente de alguma doença que ela possa ter tido. A possibilidade de encontrar a sintonia que a ajudou a provocar é excelente. A primeira doença da criança ajudará a localizar a primeira sintonia. Se forem encontradas bastantes sintonias, os pais serão convencidos da necessidade de evitarem mais. Se o processamento da criança não fornece provas bastantes para persuadir os pais da importância das sintonias na saúde da criança, é dever do auditor que processa a criança demonstrar a um deles que essas sintonias acontecem, e que elas afectam a saúde e felicidade de um indivíduo, jovem ou não.

Um pouco de educação aos pais nos princípios de Dianética Para Crianças resolve às vezes mais do que o mesmo número de horas gastas no processamento da criança. O ponto mais importante nessa educação é talvez tornar claro para os pais a necessidade urgente de dar metas a uma criança, e que a meta mais vital é crescer até ser adulto. Uma criança deve ter a responsabilidade e independência proporcionais ao seu estatuto de criança. Ela deve ter coisas que são completamente suas e sobre as quais deve decidir tudo. Mas em nenhuma circunstância ela deva ter automaticamente os mesmos direitos de um adulto em casa. Dar-lhe tal privilégio prematuramente é remover a meta principal da sua vida: crescer. A criança cuidada sem discussão e treinada para nada, perde o incentivo principal na vida, especialmente quando vê perto dela adultos que não desfrutam da condição de adultos que não têm qualquer prazer nos seus direitos como adultos, e não insistem nos seus direitos de adultos. Quando uma criança é mantida dependente, protegida e é recompensada por ser criança, o incentivo a ser diferente é muito reduzido, com uma consequente deterioração da capacidade de adquirir conhecimento, e uma redução séria da quantidade que adquirirá, uma vez que não vê qualquer razão para o fazer.

A educação da mãe inclui, está claro, as ideias básicas da Dianética Preventiva. Não fale perto de uma criança doente ou ferida. Assim que o anaten começa a desaparecer depois de um pequeno acidente, ajude no sentido de pôr a criança confortável, mas durante alguns minutos depois disso não diga nada. Não deixe a criança numa atmosfera restimulativa. Não tire uma criança do meio de um belo sono para lhe dizer repetidamente: "Senta-te nessa cadeira e vais ouvir como é terrível ser casada com um homem", como uma mãe fez. Tente e mantenha a criança longe de dramatizações altamente carregadas de qualquer tipo. Cuide da criança eficaz e calmamente, mas não se arme num aliado indispensável.

Se um auditor acha no início do processamento que a criança com a que está a trabalhar tem falta de fazer coisas construtivas (e será mais habitual que o contrário), às vezes é bom fazer um programa definido para a criança adquirir algumas perícias. Estas devem ser principalmente perícias do corpo. Este programa pode ser usado como meio de mudar ligeiramente o seu ambiente para longe da maior parte da restimulação de que está a sofrer. Se possível, deixe a criança tratar do seu próprio programa. Ajude-a a prepará-lo, mas se especificamente projectado para ser o seu programa, não influencie o seu curso de forma alguma ou insista para que seja levado a cabo se ela o desejar abandonar. Ela tem geralmente as suas razões, embora possa ser incapaz ou relutante para as expor.

A criança precisa de muito pouca educação em Dianética. O seu funcionamento é natural para ela. Ela depressa verá o processamento como um jogo interessante se o auditor montar a situação deste modo.

Por um lado o auditor pode ter uma função muito importante na educação da criança. Uma criança está quase sempre confusa com o mundo à sua volta, em grande parte por causa dos rótulos dados aos objectos por adultos que não compreendem a seriedade de rotular incorrectamente um objecto para uma criança. Considere o caso de uma criança que não teve quaisquer dados prévios relativos a morte, e a quem é lido um poema sobre soldadinhos de chumbo e anjos de cabelos dourados. Se esta é a sua primeira compreensão falsamente simbólica da palavra "morte", então deve ser de facto muito confuso para ela ao observar como os adultos realmente reagem quando ocorre uma morte. A impressão produzida por este primeiro falso conceito do significado de morte deve de alguma maneira ser eliminada, antes de poder ser feita à criança qualquer comunicação precisa sobre o assunto. A divergência entre este primeiro conceito de morte e todos os conceitos futuros formam uma área perturbada no sistema de arquivo do analisador, o que prenderá alguma da atenção disponível da criança até a tensão ser resolvida. A técnica para resolver isto é simplesmente tratar a incorrecta rotulagem original como um elo, e retirar a tensão através do contacto íntimo com o tempo presente.

Às vezes, uma falta de orientação semântica causará problemas na mente da criança com implicações tais que, solucionando-os semanticamente, produzirão resultados aparentemente milagrosos. Uma pequena chumbava em aritmética. Era brilhante noutras assuntos, e nenhuma razão sugeria o seu fracasso neste assunto. Foram-lhe dados alguns problemas, mas ficou desesperadamente atolada ao tentar resolvê-los.

AUDITOR: Se um avião está a voar a 10.000 pés às 14h e a 5.000 pés às 15h, a que distância é que um homem teria que cair para alcançar o solo às 15h?

PEQUENA: Meu Deus! Não sei. Bem, se são dez mil e depois cinco mil... Honestamente, não lhe posso dizer. Realmente é um problema.

AUDITOR: É só esse o problema que te preocupa?

PEQUENA: Acho que sim.

AUDITOR: Alguém aqui à volta alguma vez fala de problemas?

PEQUENA: Bem, talvez a minha mãe poderá ter dito que tem muitos problemas.

AUDITOR: Alguém te disse que eras um de problema?

PEQUENA: Bem, talvez a minha Mãe, ela poderá ter dito que tem muitos problemas.

AUDITOR: Quem poderia dizer que tu és um problema?

PEQUENA: Bem, talvez a minha Mãe. Oh! Você quer dizer aquele tipo de problema!

A palavra tinha assumido seu significado certo, e a PEQUENA logo começou a obter boas notas em aritmética.

Um auditor pode descobrir informação que tornará as mudanças ambientais necessárias para a saúde da criança. Usualmente é possível obter a cooperação dos pais para fazer estas mudanças. Se puder ser demonstrado aos pais que a saúde da criança será afectada adversamente se, por exemplo, ela visitar os tios todos os verões, o pai usualmente suspenderá as visitas.

A maioria das mudanças necessárias no ambiente de uma criança será no sentido de a remover do efeito restimulativo de aliados. As formas insidiosas com que os aliados podem minar completamente a saúde e sanidade mental das crianças, sem sequer estarem conscientes do que estão a fazer, é difícil de imaginar a menos que você veja por si mesmo os resultados.

Numa circunstância, um auditor visitou uma menina num hospital. Quando chegou, descobriu que a avó tinha lá estado e que a menina tinha desenvolvido febre. Um pequeno interrogatório estabeleceu o facto de a avó e a febre se terem materializado simultaneamente. A memória de linha directa contactou uma doença aos 9 anos de idade, durante a qual a avó se re-estabeleceu como aliado e insistiu que estaria por perto sempre que a PEQUENA estivesse doente. Quando este elo foi estoirado, a febre baixou imediatamente e desapareceu por completo nalguns horas.

A este respeito é interessante notar que qualquer pessoa que contraria a autoridade de um pai, também mina a independência da criança. A realidade da criança consiste em grande parte da sua relação com os pais. Qualquer factor colocado entre ela e os pais não é bom para o crescimento da criança. Qualquer parente ou outra pessoa que interrompa a comunicação entre uma criança e os pais, não importa quanto bem intencionados os seus esforços, e especialmente tente colocar-se como outro pai menos severo, está a lesar a saúde e sanidade mental da criança. Um auditor deve usar todos os meios possíveis para que essa pessoa seja removida do ambiente imediato da criança.

A Dianética para crianças também tem os seus problemas especiais. A criança não é capaz de uma concentração constante e não deverá ser forçada a isso. Mesmo ao trabalhar momentos de prazer, o auditor deve ter o cuidado de não tentar manter a criança concentrada numa actividade mais tempo do que ela pode suportar sem se cansar. Quando possível, é melhor trabalhar todos os dias com uma criança, pois o período de trabalho para as crianças deve necessariamente ser menor. O período em que uma criança pode trabalhar de uma assentada é usualmente de uns quinze minutos a meia hora. Devidamente preparadas, e entrando no espírito do processamento, algumas crianças podem suportar períodos maiores. Se a criança é incapaz concentrar a sua atenção num período mais longo do que o comum, não fará absolutamente nenhum bem tentar mantê-la para além desse tempo. A este respeito seria bom notar que, embora o trabalho possa ter que ser encurtado, o bem que pode ser realizado mesmo com sessões breves parece às vezes milagroso às pessoas que não tinham experimentado as técnicas de Dianética em crianças.

Um problema especial com as crianças, é que elas estarão às vezes pouco dispostas a entrar num elo que parece ligeiro a um adulto. Uma forma dar a volta a isto, é pedir à criança para imaginar uma televisão ou uma tela de cinema, e imaginar nessa tela um incidente semelhante ao elo. Bastante frequentemente, o verdadeiro elo aparecerá na tela. Uma palavra de advertência sobre esta técnica (que também pode ser usada com adultos em elos muito oclusos): Nunca diga à criança que qualquer parte da situação é imaginária ou uma ilusão.

As crianças, até mais que os adultos, perdem o sentido da realidade quando os seus dados são invalidados. Se na imagem da tela do Júnior a mãe tem cabelo verde, não lhe mostre que o cabelo da mãe é realmente ruivo. Percorra simplesmente o elo, e prossiga com

processamento. Finalmente os dados começarão a rectificar-se na mente do Júnior e ele oferecerá a informação de que o cabelo da mãe não é na verdade verde, mas ruivo, e que ele sempre o soube.

Nada em Dianética oferece mais excitação do que ver uma criança recuperar o seu sentido de realidade. Uma vez a comunicação entre um auditor e uma criança definitivamente estabelecida, os resultados de processamento são imediatamente visíveis. As crianças agarram a Dianética facilmente, e não é incomum vê-las começar a usar novos jogos de memória sobre a mãe e o pai e os parceiros. A menos que haja um banco pré-natal muito mau já sintonizado, as recordações dos percépticos das crianças estão usualmente em boa forma. É um prazer vê-las recuperar os seus próprios dados, e restabelecer a sua validade.

As crianças ficam particularmente adeptas de correr incidentes menores de dor, logo depois de ocorrerem. Uma vez que a mais recente pancada ou queda pode ser contactada e a dor diminuída ou completamente aliviada pela própria criança, vários auditores ensinaram aos filhos a técnica de cuidar de contusões menores.

Considerando a alta adaptabilidade das crianças, não foi de modo algum surpreendente quando um auditor profissional descobriu a FILHA no pátio com um ar duma terrível determinação na face, percorrendo o leve açoite que o pai acabou de lhe dar!

O problema do processamento das crianças é da maior importância, e ocupará muito mais atenção ao auditor do que trabalhando com adultos. A acessibilidade, a interferência parental e a falta de um tipo de educação correcta da criança, tudo se associa para apresentar um real desafio ao auditor, desafio que só o exercício de uma profunda perspicácia e paciência tipo esfinge lhe permitirá vencer. Ele deve ser firme e ao mesmo tempo diplomático com os pais da criança. Ele tem que ir ao encontro da criança num nível de companheirismo e tornar-se literalmente o seu tutor privado. E deve ser capaz de ir à raiz de um problema, não só a partir de informação confusa, mas também de uma completa falta de dados.

É muito interessante que o tratamento de uma criança e o tratamento de um psicótico são problemas paralelos, principalmente porque ambos apresentam o problema da acessibilidade. Uma criança bastante mal habituada na sua vida é propensa a resistir à atenção de um adulto. Ela é um problema de auto-controlo, porque ainda não aprendeu o controlo preciso do seu corpo.

O problema do auditor é dirigir a atenção da criança para os seus próprios elos e engramas. À medida que as falsas unidades de auto-controlo ou circuitos desaparecem, o "eu" é cada vez mais capaz de controlar o organismo. Mas antes de uma criança poder ser processada, a sua atenção deve ser concentrada e focalizada. Quando uma concentração suficiente da mente sobre o manejo do corpo é construída, a mente pode manejar os engramas. Para realizar isto deve ser empreendida uma certa quantidade de educação.

Comece por mandar a criança definir palavras, objectos e os seus usos, e verá que ela tem as mais confusas e esquisitas concepções do mundo em que vive levadas até ela pelos adultos da sua vizinhança. Você pode corrigir muita coisa com uma criança só a nível educacional.

O banco pré-natal de engramas da criança está tão cheio de engramas, que um pré-claro de 35 anos, com toda a sua compreensão, hesitaria enfrentá-lo. A banda do tempo está empedernida com disputas dos pais, e às vezes pura brutalidade. É de mais pedir a uma criança de 4, 5 ou 6 anos idade que enfrente esta espécie de coisas.

Ela não pode fazer isso. A sua mente analítica não está suficientemente desenvolvida, nem tem todo um banco de dados com que avaliar.

Suponha que iniciou o processamento, levando a criança de volta para um passeio de trenó ou para quando foi nadar. Ela coopera, indo prontamente para cima e para abaixo na banda do tempo até você lhe dizer: "volta para o momento em que a tua mãe te apanhou a roubar biscoitos e te castigou". Ha! É um lugar para onde esta criança não irá. Foi só uma lambuzadela moderada, muito moderada, que teve meramente a ver com alguns bofetões quando o acusado estava anaten de susto. Se a criança não pode regressar e enfrentar algo tão moderado como isto, como é que se pode esperar que ela volte e enfrente uma briga real de bota-abixo encenada pelos pais?

O processamento padrão é então barrado a uma criança até ser educada no manejo do seu próprio corpo e ter bastantes dados com que possa avaliar. Isto abre uma linha inteiramente nova de processamento: a identificação de objectos num nível educacional. Dê simplesmente mais dados à criança.

Suponha uma criança normal que apanha constipações umas atrás das outras, tem asma, fica doente e de quem os pais dizem: "fizemos tudo no mundo por esta criança", e finalmente é trazida para processamento. A melhor coisa a fazer é levar a criança para longe dos pais. Peça-lhe que se sente e fale com ele num nível bastante digno. Verá que ela falará no mesmo nível de dignidade. Nesse momento entrou no Caso.

O melhor que você pode fazer pela criança é reconstruir a confiança e afinidade dela a um ponto onde poderá voltar e apanhar desgosto. Alguém lhe levou o triciclo, um grande momento de desgosto. Uma vez o desgosto fora do caso, há a possibilidade de os somáticos crónicos desaparecerem, aliviando tensão suficiente para que a criança fique bastante bem equilibrada. Então preserve a criança contra sintonias futuras, falando à mãe sobre restimulações e os resultados dos transtornos emocionais que ocorrem com o que ela ouve. Aponte para uma desintensificação e não para a clarificação. A sua meta é elevar a criança de forma a poder dar-se melhor com o seu ambiente.

Você encontrará casos em que as crianças são mandadas e ameaçadas para não chorar, acabando por isso em desgosto. Você terá dificuldades com estas crianças, mas pode voltar, até para esta área de desgosto com memória de linha directa, e acabar com isso.

Uma vez o desgosto percorrido e a criança um pouco mais proficiente nos seus jogos de memória, leve-a de volta à última vez que estava ligeiramente ferida e percorra isso. Ensine-a a apanhar elos, engramas menores, etc., recentes. Mas não julgue que, lá porque chegou aqui com êxito, pode imediatamente voltar ao básico, básico.

Se a criança é doente, veja se os pais estão realmente envolvidos. Seleccione os factores mais restimulativos do seu ambiente e obtenha a cooperação dos pais para os eliminar. Para lidar com pais serão exigidos tacto e diplomacia consideráveis. Um rapaz muito alérgico à mãe tinha sido levado a todos os tipos de recursos de saúde por ser tão doente. A cada lugar que ia levava consigo a fonte da doença. Mas você não pôde dizer à mãe numas quantas palavras que era ela própria restimulativa para a sua criança, e que ela iria ficar doente desde que estivessem juntos. Tente educar a mãe diplomaticamente ou dê-lhe a ela algum processamento. Se é o pai que está especialmente interessado no caso, venda-lhe a ideia de o deixar processar a mãe primeiro.

Você vai auditar uma criança, mas pode acabar por processar um ou mais adultos da sua vizinhança. As pessoas estarão muitas vezes tão interessadas na saúde de uma criança, que se deixarão processar por causa da mesma, quando normalmente não se incomodariam em fazê-lo para o seu próprio benefício. E pense quanto melhor teria sido para a criança se os pais pudessem ter sido processados antes da descendência ser concebida.

Não pregue auto-disciplina a uma criança, porque isso é um mecanismo nativo e natural, e não algo instalado à paulada

Quando ela começa a ficar inquieta e a sua atenção a divagar, siga a divagação e deixe-a divagar por aí fora. Não torne o processamento pesado exigindo mais do que o alcance natural da atenção da criança. Se você só está a entrar no caso somente cinco minutos por dia, contente-se com isso. Deixe-a ir para casa se quiser. Da próxima vez que vier, estará perfeitamente disposta a trabalhar consigo. Se tenta dizer-lhe que tem que ter processamento, que tem que ouvir isto ou aquilo ou que tem que ser obediente, você só está a contribuir para um vida jovem e já desvantajosa.

Enquanto está a falar com o Billy, não preste qualquer atenção aos pais do Billy. Acima de tudo, não fale com um pai nas costas da criança; de facto poderia ser às vezes vantajoso falar com o Billy nas costas do pai. Fale só com a criança, ou perderá toda a afinidade que deve ser construída. Se a criança lhe pode falar num nível diferente de outros, será um ser humano diferente e muito melhor depois de cada sessão.

Em DIANÉTICA PARA CRIANÇAS você pode esperar precisar de muito mais paciência e resistência do que no processamento de adultos. Há que ser persistente e capaz de adaptar a atitude à da criança. Se puder fazer estas coisas Dianeticamente, obterá resultados inteligentemente.

CAPÍTULO 6

A Dianética No Cuidado da Criança

A teoria da Dianética gera técnicas simples e definidas para o manejo de crianças, não só em emergências, mas também no cuidado usual do dia a dia. Elas podem ser aprendidos rápida e facilmente. Trabalhar com crianças é uma alegria, porque elas retornam fácil e naturalmente e porque os resultados são tão visíveis.

Cada um deverá em primeiro lugar, está claro, tentar impedir os engramas de se formarem. A mulher grávida zela geralmente para que nada aconteça que possa magoar a criança, e toma usualmente mais cuidado durante a gravidez. Mas também tem o direito de pedir às pessoas, não só que a protejam fisicamente, mas que zelem para que não seja envolvida em qualquer tempestade emocional.

Qualquer pessoa passível de estar em contacto com uma grávida, deve também ser ensinada a permanecer absolutamente silenciosa caso ela sofra algum acidente ou mal. O silêncio é a primeira regra, e nada deverá ser dito se puder ser evitado. Ela pode ser ajudada sem comentários.

Uma mulher que quer que a sua criança tenha a melhor sorte, terá que encontrar um médico que concorde em ficar calado enquanto a examina, especialmente durante o parto, e que insista para que o silêncio seja mantido na zona de partos do hospital até onde for humanamente possível. Ela também quererá um parto natural, e terá que encontrar um médico que coopere zelando para que assim aconteça. Um parto em que a dor da mãe não é oclusa por anestesia ou narco-anestesia, não será tão engrâmico para a criança. Muitos auditores viram que a primeira carga real de desgosto ficava imediatamente depois do nascimento, devido à separação da mãe. Se a criança nasce com a mãe anestesiada, é limpa à pressa e levada para uma ama, a quebra de afecto é severa. Além disso, é completamente desnecessário.

Um médico que pratica o parto natural porá a criança no abdómen da mãe antes até do cordão ser cortado, e assim que é cortado e amarrado, a mãe acaricia-o e amamenta-o. Este procedimento contribuirá indubitavelmente muito para reduzir o efeito da súbita quebra de afecto do nascimento, e provavelmente elimina-a completamente. É impossível, de um ponto de vista da Dianética, apressar muito o parto natural de uma criança.

Na vida pós-natal, se a criança está ferida ou doente, é claro que a regra do silêncio absoluto deve ser mantida. Os pais devem insistir para que toda a gente no ambiente da criança tenha cuidado com as frases de formação de aliados. Qualquer coisa que possa ser interpretado como: "Morrerias sem mim", ou "Comigo aqui tudo correrá bem" é dinamite, como qualquer auditor sabe. Os pais que sabem Dianética protegerão diligentemente as crianças das pessoas que dizem essas coisas como as protegeriam dos animais selvagens. Também as protegeriam de todas as frases "acredita-em-mim-e-tudo-correrá-bem", e "tens-que-fazer-como-eu-digo".

Está claro, silêncio à volta de uma criança doente ou magoada não impede o afecto genuíno, inteligente, e carícias físicas. A criança precisa disto mais do que nunca quando doente, e nenhuma quantidade de amor formará qualquer computação se nenhuma

palavra for proferida. Mas as carícias são melhores se forem gentis e calmas. Não deverão ser permitidos abraços violentos ou maus-tratos. Pegando calma e firmemente na mão da criança em lugar de agitadamente, dar-lhe-á a garantia de apoio que ela precisa quando está doente.

Em casos de lesão física menor, qualquer pessoa lhe pode dar uma assistência. Mas em crianças mais jovens, deixá-las apenas chorar parece bastar. Quando uma criança é ferida, muitas pessoas dão por si a dizer palavras confortantes e consoladoras quase sem dar por isso. E o que dizem é usualmente o que já disseram uma centena de vezes quando a criança estava ferida. Isto restimula a cadeia inteira dos ferimentos.

Os pais podem ajudar muito uma criança não dizendo nada. Pode levar algum tempo a treinar-se a não falar quando a criança está ferida, mas não é difícil ganhar o hábito de permanecer calado. A necessidade de silêncio não inibe o afecto. A pessoa pode segurar a criança, se ela quiser ser agarrada, ou pôr um braço à volta dela. Muitas vezes, se nada for dito, uma criança mais jovem chorará duramente durante um minuto ou dois e de repente pára, sorri e corre atrás do que estava a fazer. Permitir-lhe chorar parece libertar a tensão resultante da lesão, e nenhuma assistência é necessária se isto ocorrer. De facto, é frequentemente muito difícil fazer a criança retornar ao momento da lesão, se ela a eliminou deste modo. Ela evitará a dor de retornar como evitaria a dor original, e provavelmente o incidente já está percorrido e re-arquivado, e por isso sem importância bastante para a preocupar.

Mas se a criança não recupera espontaneamente depois de chorar um minuto ou dois, espere até recuperar do pequeno período de anaten que acompanha uma lesão. Usualmente não é difícil ver quando uma criança está aturdida ou não. Se ela ainda chora depois do período de aturdimento, é usualmente porque foram restimuladas outras lesões. Neste caso, uma assistência é valiosa. Em crianças mais velhas (de 5 anos para cima) habitualmente é necessária uma assistência.

Quando a criança já não está aturdida, pergunte-lhe: "o que é que aconteceu?" Como é que foste magoado? Fala-me sobre isso.

À medida que começa a falar sobre isso, se ela não conta a história espontaneamente no presente, mude-a para o presente. Tente isso deste modo:

"Bem eu estava em cima de numa grande pedra e escorreguei e caí, e..." (a chorar)

Dói quando estás em cima da pedra?"

"Não"

"O que acontece quando estás em cima da pedra?" "Escorrego..." (a chorar)

"Depois o que acontece?"

"Caio no chão".

"Há relva no chão?"

"Não, é só areia".

"Fala-me outra vez sobre isso".

Você pode levar a criança através disso várias vezes até ficar aborrecida ou rir. Não há nada de difícil com isto, e todo o processo pode ser tão casual e fácil que ninguém pouco conhecedor da Dianética reparará que está a ser feito algo incomum. Depois de uma criança ter tido algumas assistências deste modo, ao ser magoada correrá para a

pessoa que pode administrar esta ajuda indolor e segura, e exige falar sobre isso.

A melhor forma de impedir uma criança de ser restimulada, é os pais serem libertos ou claros. Infelizmente isto leva tempo. Mas entretanto os pais devem ter cuidado com as suas próprias dramatizações, e especialmente devem notar as frases favoritas e evitar usá-las tanto quanto possível na presença da criança.

Trabalho de memória directa em cada um deles no sentido de os libertar das dramatizações e frases reincidentes, deve ajudar os pais a minimizar cenas altamente restimulativas até os engramas subjacentes serem completamente eliminados. Este procedimento deve ser aplicado a todos os outros que estão no ambiente da criança.

Muitas pessoas dizem habitualmente às crianças: "não faças isso senão adoeces", "Meu Deus, estás a ficar constipado de certeza" "Olha que adoeces se continuas com isso", "eu sei é que o Johnny vai apanhar poliomielite se for para a escola", e outras incontáveis sugestões pessimistas. Eles também usam milhares de frases "não faças" "não podes" e "controla-te". Os pais podem vigiar-se quanto a estas frases e evitar usá-las tanto quanto possível. Com um pouco de imaginação e prática, não é difícil encontrar formas de manter as crianças a salvo sem usar restrições verbais constantes que produzam elos nos engramas subjacentes. As sugestões feitas a uma criança devem ser tanto quanto possível positivas; devem apelar para a sua mente analítica. Uma criança tem uma mente dessas, mesmo nos primeiros tempos. Ilustrando graficamente o que acontece a uma garrafa de vidro quando cai, passa melhor a ideia do que mil gritos de "foge disso"! ou "larga isso"!

Movimentos suaves, gentis e uma voz calma, evitarão muito a restimulação, quando as crianças estão a ser manejadas. Todos os que desejam ter êxito com crianças cultivarão estes atributos. Eles são particularmente valiosos em emergências.

Se a atenção de uma criança tiver que ser obtida rapidamente por causa de uma situação potencialmente perigosa que se está a desenvolver longe demais para permitir ao tutor alcançar a criança depressa, chamá-la pelo nome suficientemente alto para se fazer ouvir fará o truque inofensivamente. É muito melhor que gritar ordens como: "Pára!" "Fica aí!" "Não faças isso!" e assim por diante. Não é tão provável restimulá-lo.

A técnica que mais vezes será usada ao lidar com crianças é trabalho de memória directa informal. Embora seja memória directa, muitas vezes a criança retornará espontaneamente quando. As crianças retornam tão facilmente que é difícil mantê-las só em recordação. Mas não há necessidade de as impedir de retornar quando trabalhamos com linha directa.

A memória de linha directa pode ser usada nas centenas de situações que surgem no dia a dia: sempre que a criança está irritável, infeliz e chora; quando ela se sente ligeiramente doente; quando é obviamente restimulada por algo; quando ouve uma dramatização ou alguém a castiga severamente ou solta uma dramatização directamente contra ela; quando se sente rejeitada; de facto, sempre que uma criança está infeliz ou nervosa por qualquer razão, ou se sabe que teve recentemente um experiência altamente restimulativa.

O princípio aqui, como em qualquer trabalho de linha directa, é chegar às frases específicas e situações que causam as restimulações. Está claro que esta técnica só pode ser usada depois da criança ter

aprendido a falar o suficiente para dar conta do que está a pensar e a sentir.

Se a criança se sente transtornada (não seriamente doente), você pode começar por lhe perguntar quando se sentiu assim. Usualmente uma criança lembrar-se-á. À medida que faz mais perguntas sobre o que estava a acontecer, o que estava a fazer na ocasião, quem estava a falar, o que foi dito, como se sentia e as perguntas habituais dirigidas a descobrir a situação, ela descreverá a cena graficamente. Quando o fizer, percorra simplesmente isso mais algumas vezes. Quando chegar ao fim diga: "Fala-me outra vez disso. Onde estavas quando o teu pai estava a falar?" "Conta outra vez". Ou, simplesmente: "Vejamos agora, estavas sentado no sofá quando o teu pai diz: o que disse ele?" Pode ser usada qualquer frase simples que retorne a criança ao início da cena.

Ao tratar crianças não há necessidade de usar termos de Dianética ou complicar as coisas. As crianças compreendem, "Conta outra vez". Elas próprias adoram ouvir histórias inúmeras vezes e contar as suas a uma audiência interessada. Mas não seja simpático demais. Mostre afecto e interesse, sim. Mas não sussurre, ou gema: "Bebézinho, coisa pequenina!" ou frases semelhantes. Elas só servem para formar computações de simpatia.

Quanto mais puder entrar na realidade de uma criança melhor a poderá ajudar a percorrer elos. Imita o tom de voz dela, o seu "Sim!", "Fizeste isso!", "E Depois?". Adapte-se à sua mímica, olhos abertos, interesse ofegante, ou qualquer que seja o humor e tom, mas não ao ponto de papaguear tudo, está claro. Se você não puder fazer isso bem, então seja simples, natural e interessado.

Muitas vezes, quando está restimulada, uma criança usará uma ou duas frases inúmeras vezes. Para quem sabe Dianética, ela está obviamente no meio de um engrama. Nesse caso pode começar com: "Quem é que diz isso?" ou "Quem é que te está a dizer isso?" ou "Quando é que ouviste isso?"

Às vezes ela insistirá com: "Digo-to eu, cala a boca seu maluco!" ou seja qual for a frase. Então pergunte: "Quem mais é que diz isso?" ou: "Vê se podes lembrar-te de quando ouviste outra pessoa dizer isso" e ela começará usualmente a falar de um incidente. Um interrogatório paciente tirará usualmente o último elo duma cadeia.

Uma auditora, trabalhando com a filha, ficou estupefacta quando a criança disse: "A mãe disse isso há muito tempo". "Onde é que estavas quando eu disse isso?" "Oh, eu era só uma coisinha na tua barriga". Isto provavelmente não acontecerá muitas vezes. Mas à medida que a criança obtém a ideia do trabalho de memória directa e de retornar, pode acontecer mais cedo ou mais tarde. Qualquer que seja o incidente, engrama ou elo, é só continuar com perguntas para construir o incidente. "O que estavas a fazer?... Onde estavas?... Onde é que eu estava?... O que é que o pai estava a dizer?... Como te parecia?... Como te sentiste?" e assim por diante. Perceba a criança pelo incidente algumas vezes até ela se rir. Isto rebentará o elo e libertará a restimulação.

Se a criança está a chorar, uma boa maneira de começar é: "Porque é que estás a chorar?" Depois da criança ter dito algumas vezes a razão porque está a chorar, sendo de cada vez ajudada com perguntas sobre o incidente, e quando o choro é menos, você pode perguntar: "Porque mais é que estás a chorar?" Deste modo, você pode às vezes levar uma

criança através de uma cadeia inteira de elos e possivelmente até à sintonia.

Se o pai sabe que a criança ouviu uma dramatização ou foi severamente castigada ou repreendida, pode correr o elo algumas horas depois do evento perguntando-lhe: "Lembras-te quando eu gritei com a mãe ontem à noite?" Se a criança não está habituada a exprimir a sua raiva para com os pais, ou se foi severamente reprimida no passado, pode haver alguma persuasão para conseguir que ela fale sobre isso. Enquanto o faz, tente assegurá-la à sua maneira de que é perfeitamente certo falar sobre isso. Se simplesmente não puder, você poderá tentar que ela o represente. Se a criança brinca com bonecas ou bonecos de animais você pode, a brincar com ela, conseguir que ela faça as bonecas representar a dramatização. "Esta boneca é a mãe. E este é o rapaz. O que diz a mãe (boneca) quando está furiosa?" Muitas vezes isto levará a criança logo para a cena, e se você realmente a deixar abrir e descrever a cena sem condenação, e a ouvir de uma maneira simpática, interessada, e a encorajar com um "Sim... e depois?" bem colocado, ela deixará de fingir e começará a dizer directamente o que ouviu. Mesmo que não faça isto, e, como as crianças muitas vezes fazem, passando a cena um par de vezes com as bonecas ou brinquedos desintensificar-se-á grandemente.

Em vez de bonecas ou brinquedos, você pode mandar a criança puxar imagens. "Puxa uma imagem de mulher e de um homem ... O que estão eles a fazer? ... Puxa uma imagem de mulher a chorar", etc. A ênfase deverá estar sempre no adulto dramatizado e não na criança travessa. Puxando imagens, brincando às casas com uma criança: "e então tu dizes... e então eu digo...?", ou simplesmente conseguindo que a criança invente uma história sobre isso, ajudará a entrar no elo.

Com crianças que não foram inibidas nas suas expressões de raiva contra os pais, estes subterfúgios não são habitualmente necessários. Elas dirão livremente e dramatizarão cenas que escutaram, ou repreensões, se você agir como ouvinte interessado e as encorajar a construir a cena. Se observar crianças a brincar verá que elas fazem muitas vezes exactamente isso, imitando as dramatizações dos pais e de outros adultos, estoirando assim, elas próprias, os elos. Observar crianças pode ser uma boa educação em Dianética. Nada demonstra a técnica de Dianética mais depressa e mais vigorosamente do que a brincadeira de uma criança. Muitas vezes as crianças parecem saber estoirar elos sozinhas com memória directa ou retornando à cena, e fá-lo-ão sozinhas. Para elos severos precisam contudo da ajuda de um adulto em que confiem.

Às vezes basta perguntar a uma criança: "O que é que aconteceu para te sentires mal?" ou "O que é que eu disse para te sentires dessa maneira?", o que apresentará os elementos restimulativos da situação presente, retirar-lhe-á a carga e tirá-la-á a ela para fora do elo.

Ocasionalmente, em casos excepcionais, uma criança pode de facto recordar um engrama em memória directa. Se esse retorno ocorre, obtenha tanto quanto possível do engrama em memória directa usando o pretérito. Então percorra prazer até o seu tom estar alto. Mas não encoraje o referido retorno a um engrama antes de ela estar preparada para isso. Isto pode assustá-la e inibir o retorno mais tarde.

Usualmente não há necessidade de precaução a este respeito. As crianças saltarão usualmente logo para tempo presente assim que se aproximam de um somático.

Se não tem tempo para usar técnicas de memória de linha directa, ou se por alguma outra razão não o deseja, você pode tirar uma criança de um elo por outros meios. É fácil reconhecer quando uma criança está restimulada, e de a localizar na escala de tom. Se ela está lá em baixo num tom de hostilidade expressa, muitas vezes você pode deixá-la sair sozinha encorajando-a a terminar a dramatização.

Toda a gente está familiarizada com as ameaças violentas que as crianças podem inventar quando são frustradas: "Eu desfaço-o em pedaços e atiro-o ao rio; eu meto-os a todos num armário e fecho a porta à chave e deito a chave fora e eles vão ver" e assim por diante. Se você as encoraja com "Sim? E depois o que é que fazes?" ou "Meu deus, isso é que era!" muitas vezes elas continuarão nisso durante algum tempo e depois, de repente, saltarão para fora do elo e continuarão com o que estavam a fazer.

Ou se uma criança está num tom de raiva, deixe-a esbravejar, ainda que seja você a vítima. Deixe-a representar a raiva dela, e usualmente depressa desaparecerá. Mas se você a tenta suprimir, ficará pior e durará mais tempo, e todo o incidente permanecerá como um elo. Deixar uma criança reagir a uma situação frustrante sem supressão adicional parece libertar a energia da frustração sem formar elos, e tirá-la-á dela mais depressa do que quase qualquer outra coisa. Tenha particularmente cuidado com a frase "controla-te" em alturas como estas.

Se está num tom de medo, deixe-a falar sobre isso e dê-lhe todo o encorajamento que puder. Isto é particularmente eficaz em pesadelos. Acorde a criança, pegue nela em silêncio até o choro acalmar um pouco e pergunte-lhe pelo pesadelo levando-a através dele várias vezes até já não estar assustada. Então pergunte-lhe por um incidente de prazer, e corra-o antes de a deixar. Se ela não quiser dormir sozinha depois disso, não a faça enfrentar o medo. Fique com ela e encoraje-a a falar disso até já não ter medo, mesmo que isso lhe tome algum tempo. Para o medo crónico use as técnicas de memória directa repetidamente, alguns minutos de cada vez, até localizar e desintensificar os elos subjacentes. Perguntando por medos, você pode localizar uma série de restimuladores usando a frase "o mesmo que". Se a criança tem medo do escuro, pergunte-lhe: "O que é o mesmo que o escuro?". Se ela tem medo de animais, uma pergunta fá-la-á analisar o seu medo, e assim você chegará ao resto do conteúdo do engrama ou elo. Talvez nem sempre tenha êxito no primeiro interrogatório, mas se continuar pacientemente, em breve obterá um incidente que você possa ajudar a criança a atravessar.

Se a criança está num tom de desgosto: "porque é que estás a chorar?" ajudará a dizer-lhe ou a representar completamente o seu desgosto, saindo do elo. De facto, será muitas vezes bastante deixando-a apenas chorar até sair disso. Isto é especialmente verdade se está em contacto íntimo com ela e ela sabe que pode contar consigo em tempos de apoio e ajuda. Não tente parar uma criança de chorar dizendo-lhe simplesmente para não chorar. Quem fez alguma audição sabe o mal que isso faz. Ou percorra o incidente que causou o choro perguntando o que aconteceu, mandando-a falar sobre isso até sorrir, ou deixe-a chorar enquanto você a acaricia ou a segura. Nenhuma palavra neste caso; apenas afecto.

Se a criança é simplesmente irritável e "intratável", você pode sair muitas vezes do elo desviando a sua atenção introduzindo uma história nova e fascinante, ou um livro de imagens ou brinquedo ou,

no caso de uma criança muito jovem, algo que resplandeça. Esta é uma velha técnica, mas Dianeticamente válida. Se a criança é irritável, é provável que esteja no tom de aborrecimento, o que significa que a actividade particular em que ela estava interessada foi de alguma maneira suprimida. Ela está à procura de algo novo, mas incapaz de encontrar. Se puder dar-lhe algo que a possa interessar, o seu tom depressa subirá. Contudo, não faça esforços frenéticos para atrair a sua atenção, não a avassale com movimentos bruscos e distractivos tais como: "Vê, bebé, vê este relógio bonito"!, e se isso falhar o efeito instantâneo, não salte para outro objecto. Isso muitas vezes só a confundirá e agirá como supressor adicional. Mova-se suave e calmamente, mantenha sua voz suave e calma, e dirija a sua atenção para uma coisa nova. Isso deve ser suficiente.

Se nada disto funcionar, ou se parece estar solidamente fixa num engrama e constantemente a dramatizá-lo, pode às vezes libertá-la trazendo-a até ao tempo presente com intensa estimulação física, como lutar com ela ou algum outro exercício vigoroso.

Se puder obter a sua atenção tempo bastante, você pode correr um incidente de prazer pedindo-lhe para lhe contar alguma coisa gira. Ela pode fazer isso com relutância no princípio, mas à medida que a encoraja, regressará muitas vezes logo ao incidente de prazer, e em breve o tom estará outra vez alto.

Qualquer criança pode ser lenta e suavemente introduzida no processamento informal fazendo um novo jogo de recordar. Isto fornece ocasionalmente um modo construtivo e agradável de manter uma criança ocupada, durante momentos estranhos tais como viajar em carros eléctricos, viagens longas, esperas, períodos de convalescença, e assim por diante.

Afinal de contas, o fim imediato de clarificar uma pessoa é tornar a sua vida passada acessível com todos os detalhes. Ao clarificar um adulto, devem ser passadas às vezes horas a afinar percépticos. Mas as crianças têm naturalmente boa memória de percépticos, e uma capacidade imediata para retornar. Elas adoram falar de momentos de prazer. Uma boa parte da conversa de uma criança está cheia de coisas maravilhosas que fez ou espera fazer, e fala muitas vezes espontaneamente de incidentes em que foi assustada ou infeliz.

Tornando um jogo de lembrar e retornar uma coisa aceite, normal e casual, ajudará incomensuravelmente na hora de fazer trabalho de fio-directo, estoirando elos ou dando assistências. Quando a criança alcança a idade de ser auditada formalmente, retornar será um acto natural e habitual, e o seu caso deve prosseguir muito rapidamente por causa desta vantagem.

Ensine uma criança a correr momentos de prazer perguntando-lhe o que aconteceu quando foi ao jardim zoológico ou à piscina. Quando ela começa a contar, mude-a subtilmente para o presente do indicativo, sugerindo-o, se ela não o fizer sozinha. Diga-lhe que sinta a água, o seu próprio movimento, que veja o que se passa, que oiça o que as pessoas dizem e os sons perto dela. Construa os percépticos como o faria com um adulto. Mas não insista nos percépticos todos se a criança está a atravessar o incidente com rapidez e segurança, falando dele fluentemente, e está obviamente retornado tão realisticamente quanto pode. Não é preciso muito para conseguir que uma criança retorne, e algumas perguntas dirigidas a construir somáticos e sónico será usualmente bastante. Mas não negligencie o

facto de inserir essas perguntas todas as vezes para que a criança se habitue a apanhar tudo.

Você pode introduzir o jogo dizendo: "Vamos brincar a recordar", ou "Fala-me de quando foste para ___", ou "Vamos fingir que vamos outra vez ao jardim zoológico", ou qualquer outra dessas frases casuais. Entre na história tanto quanto puder adoptando o tom e modos da criança se o puder fazer facilmente, sempre interessado e ansiosamente à espera do próximo detalhe.

Depois de ter praticado em momentos de prazer durante algumas semanas, você pode começar a estoirar elos na base de memória directa, contactando elos que sabe existirem. "Lembras-te de estares doente na última acção de graças? Diz-me o que aconteceu. Quem é que lá estava? O que é que fulano de tal disse?" Ou: "Vejamos se te podes recordar quando foste assustado por aquele cão grande na escola", e assim por diante. Ao trabalhar elos apenas, não deixe a criança retornar. Agarre-se ao pretérito. Cada vez que trabalha um elo deste modo, percorra depois um ou dois incidentes de prazer.

À medida que continua, você pode começar a descer por uma cadeia de elos e tentar a sintonia. Podes recordar a primeira vez que ficaste assustado?" "O que aconteceu a primeira vez que a tua mãe te chateou?"

Depois de mais ou menos um mês de prática, uma criança poderá usualmente retornar a incidentes antigos, e você começará a obter recordações do berço. Ocasionalmente pode obter um engrama moderado. Corra-o tão fácil e casualmente como os elos, e não peça à criança para fechar os olhos.

Está claro, enquanto corre elos, deixará a criança descarregar qualquer desgosto ou medo ou fúria sem a parar, e continuará a correr o elo até alcançar um tom de aborrecimento ou riso. Todas as precauções que se aplicam à audição formal de adultos são necessárias com crianças, mantendo o código do auditor, adoptando o tom do incidente e assim por diante.

Se a criança também tende a reviver demais, é boa ideia lembrar-lhe: "Tu estás só a recordar. Aconteceu há muito tempo". Com uma criança que retorna muito bem é melhor manter o pretérito até ter idade bastante para compreender todo o processo. Isto não se aplica a incidentes de prazer que devem sempre ser corridos no presente.

Sempre que uma criança vem contar-lhe um acidente ou algo que a assustou ou a fez infeliz, ouça-a e percorra isso várias vezes. À medida que as crianças aprendem "a brincar ao recordar" e o que isso lhes faz, começarão a pedir mais quando querem ou precisam.

Se uma criança, a partir do momento em que pode falar, foi ensinada a recordar e a retornar a incidentes de prazer, pode prever-se que cedo estará pronta para audição formal. Os critérios para iniciar a audição formal é que a criança compreenda o significado de vida pré-natal, saiba tudo sobre o nascimento e repare que o percurso repetido de uma experiência dolorosa a livrará dela para sempre. Quando a criança está disposta a enfrentar uma dor moderada para evitar uma mais recente, a audição formal pode ter início. No caso de crianças seriamente transtornadas, a audição formal pode por absoluta necessidade ser iniciada antes da criança compreender estas coisas. Em tais casos, deve ser estabelecido um alto grau de afinidade entre o auditor e a criança a fim de contactar e reduzir engramas com êxito.

Resumo:

Os pontos principais nos cuidados de Dianética da criança são:

1. Prevenção de engramas na criança por nascer através de cuidados apropriados da mãe expectante, silêncio durante qualquer lesão ou doença que ela própria possa sofrer e evitar frases de formação de aliados.
2. Percorrer assistências em lesões menores na criança, se necessário, ou deixar a criança chorar se isso parecer suficiente.
3. Estoírar elos via memória de linha directa, mandando a criança recordar a última vez que aconteceu, ou mandando-a contar tudo o que aconteceu que a fez infeliz.
4. Ensinar uma criança a recordar e retornar através de percorrer momentos de prazer.
5. Usar momentos de prazer ou outras técnicas para tirar a criança dos elos para o tempo presente.

Tais cuidados prepararão a criança para audição formal, tornarão a audição formal rápida e fácil logo que possa ser iniciada, dissiparão a maioria do material dos elos antes do percurso formal e manterão a criança mais saudável e feliz.

CAPÍTULO 7

Relatório de um Auditor

O pré-claro é um jovem de 7 anos de idade. Ele foi entregue ao auditor com o propósito específico de tentar descarregar um somático crónico, a asma. O rapaz tinha tido um total de aproximadamente três horas de processamento num período de cinco semanas.

Os seguintes dados são obtidos do preclear:

"Quando fico muito cansado, à noite acordo e estou ofegante. Fico zangado e começo a bater no meu irmão. A minha mãe diz: "Acaba já com isso!"

Quando questionado sobre como se sente em tempo presente, responde usualmente: "O. K. Nada mal. Satisfatório".

O pré-claro foi retornado à primeira vez em que ouviu a palavra "asma". Encontrava-se no sofá do médico e ouviu a mãe dizer ao médico: "O que é que pensa disto, doutor?" A resposta do médico foi: "Ele tem asma. Tem que ser mantido quieto". Isto foi corrido várias vezes em devaneio e algumas vezes em trabalho de memória de linha directa.

O pré-claro foi dirigido então a um incidente anterior no qual a mãe poderia ter dito ao médico, ou em que um médico poderia ter dito à mãe qualquer coisa sobre asma ou qualquer outra doença. Com um ano de idade apanhou a mãe a dizer: "Tu és um rapazinho doente. Fica aqui quietinho e vais melhorar".

Perguntado como se sentia na mesa do médico ele disse: "Não, muito bem".

Neste momento o pré-claro foi guiado para presente do indicativo. A mãe diz ao pré-claro: "Eu trato disso".

O pré-claro diz para a mãe: "Não quero tomar esse medicamento".

A mãe diz: "Ha, ha, não é nenhum medicamento. É geleia. Vai fazer-te sentir bem".

O pré-claro contacta a sensação de beber e diz: "É bom".

Este episódio do gabinete do médico foi contactado várias vezes em três sessões diferentes.

Da observação do pré-claro, o auditor acredita que o tom geral do rapaz parece ter melhorado ligeiramente, tom 3 mais a maior parte do tempo. A mãe informa que ele se dá melhor com ela própria, com o pai e com outros membros da família. Não teve qualquer ataque de asma durante os últimos dois meses, embora, como tinha sido dito ao auditor, os ataques fossem bastante frequentes antes do processamento começar. Nas noites em que ele acorda com algo como respiração "ofegante", ela é menos intensa do que anteriormente, e de manhã desaparece.

Vários elos foram estoirados no pré-claro, particularmente frases de controlo, ou elos que contêm frases de controlo como: "Agora tem calma e vais sentir-te bem", a qual foi instalada pela mãe; "Agora tem calma", instalada pelo pai quando a criança tinha cinco meses; e "Agora controla os teus abanos", instalada pela mãe, "abanos" que significam orelhas. A criança tem orelhas grandes, e não é uma criança bonita. No nascimento a mãe fez a declaração: "É um rapaz. É meu, mas é feio!".

Outros elos com frases de controlo que foram estoiradas são: "Baixa o volume" significando "Controla o tom de voz", e "Sê bom rapaz" o que

foi contactado a um mês pós-natal. "Baixa o volume" foi contactado a dois meses pós-natal. "Agora controla os teus abanos" foi localizado onze meses pós-natal. Até agora, este auditor não entrou no banco pré-natal de engramas.

Interrogado sobre o que é a asma, o pré-claro responde: "é uma doença. Não gosto disso. Não quero ter isso". Interrogado sobre se precisa ter asma, ele diz: "Não". À pergunta: "precisas de ofegar?" respondeu: "Penso como me sentirei bem quando parar".

A mãe da criança conseguiu apanhar, em memória de linha directa, o facto de ela própria sofrer de bronquite aguda durante o quarto mês de existência pré-natal do preclear. Ela recebeu tratamento de um amigo osteopata. Durante esses tratamentos havia muita conversa, mexericos habitualmente locais. Ela lembra-se de dizer: "Eu tussi tanto, tenho tanto medo de ter um aborto. Não vejo como pode aguentar. Sinto como se o fosse tossir. Tenho uma sensação de aperto no peito".

Durante a última sessão com o pré-claro, foi-lhe perguntado o que acontecia quando tinha um ataque. A frase que saiu foi: "Tenho uma sensação de aperto no peito". Quando lhe foi pedido para descrever essa sensação ele disse: "É como se algo estivesse em cima de mim". Perguntado se ele podia sentir isso agora, disse: "Não, mas posso recordar a sensação". Ao pedir para descrever isso outra vez, ele começou a sentir essa pressão no peito. Foi meramente instado para descrever a dor. Ele disse que a dor não era muito grande e que quase desapareceu assim que falou ao auditor sobre isso. Havia aparentemente um leve retorno e um ressaltador que o levou para tempo presente. Em lugar de trabalhar a criança quando estava relativamente cansada, o ressaltador foi deixado em efeito e percorrido prazer para aliviar a restimulação. Quando deixou a última sessão sentia-se consideravelmente bem.

Sete semanas depois o auditor teve a oportunidade de correr uma curta sessão de linha directa com a criança na qual declarou que se sentia muito bem, e que não tinha asma há várias semanas. Já não estava a tomar nada excepto vitaminas e disse: "Gosto agora da minha mãe, do meu pai e do meu irmão mais do que nunca".

Sem consultar o auditor da criança, e sem ver o seu relatório, a mãe deste pré-claro relata substancialmente o seguinte:

"Desde o processamento que o meu filho mostrou uma subida clara em termos de disposição. Gostou muito do teste psicométrico e teve uma afinidade excelente com o psicométrista. O tempo, intensidade e duração dos períodos de ira ou frustração diminuíram. O pai também notou isto.

"É como se desenvolvesse alguma compreensão das suas próprias e das minhas manifestações de ira, e às vezes fica pacientemente à espera que eu termine! Isto pode ser devido ao processamento ou ao aumento da compreensão das discussões e comentários que ouve constantemente em casa. A mudança mais dramática nas últimas quatro semanas é contudo, do meu ponto de vista, o seu comportamento à noite".

"Era durante vários anos habitual ele ser perturbado por volta das duas ou três da manhã pela necessidade urinar e limpar o nariz e a garganta. Estes períodos começavam com os gritos irritados do bebé, e levava de cinco a trinta minutos para o acordar para ir à casa de banho. Há quatro semanas que ele não tem esta dificuldade. Ele chama-me aos gritos, mas está acordado quando chego ao quarto, vai

para a casa de banho a conversar alegremente, bufa e ronca algumas vezes, e volta para a cama e dorme. Ele tem até dormido de seguida toda a noite, umas sete noites até agora.

"Se isto é atribuível a duas ou três sessões de quinze minutos por semana, não sei. Ele tinha resistido à audição durante algum tempo, e teve um ataque de asma moderado durante dois dias, mas mais nenhuma perturbação nocturna.

"Está claro, a minha própria atitude está constantemente a melhorar; as minhas manifestações de raiva são menos frequentes e menos violentas".

CAPÍTULO 8

Técnica especial Para Crianças

O processamento de uma criança tem necessariamente que tomar uma forma algo diferente do procedimento padrão disponível para as crianças mais velhas e adultos. A criança não pode perceber a importância do processamento melhor do que a necessidade de se afastar do telhado de um celeiro ou evitar um ramo fraco quando sobe à cerejeira do vizinho. O seu mundo é um mundo de dados limitados, de livros e televisão cómicos, de buscar sempre as experiências mais aprazíveis e evitar as que invariavelmente lhe trazem dor. É rara a criança que de facto comprehende as implicações da vacinação contra a varíola, como através do simples arranhão de um aparo agora, ela não terá depois uma doença terrível. Ela só vê o aparo, e só sente a dor agora; amanhã está muito longe e ela não pode ver e sentir o amanhã.

O seu âmbito de atenção é limitado. Um novo jipe de brincar mantém-la-á interessada durante algumas horas no máximo, e depois tem que buscar qualquer outra coisa. Uma simples tarefa de casa como varrer as folhas das árvores, embora com a promessa de uma lustrosa moeda de 50c, é facilmente esquecida se algo de novo surge no momento certo. O futuro está para vir, mas esta nova diversão está agora aqui. Além disso, o pai às vezes fá-lo economizar os 50c, um atributo louvável para uma criança, mas o que é que ela obtém por trabalhar tão duro e largar a brincadeira com outras crianças cujos pais são um pouco mais indulgentes? A promessa de que os 50c valerão mais um centímetro no próximo ano é um substituto pobre para a azáfama de brincar com o carrinho de mão.

Na comunicação entre a criança e os adultos à sua volta há uma considerável falta de realidade. Um pai invalidará repetidamente o que uma criança diz, algo ela sabe sem sombra de dúvida ser verdade, intimidando a criança a aceitar a versão do adulto. "Agora, Billy, sabes que isso não é certo! A mãe é que sabe". Ela foi confrontada com o dado de que a mãe sabe quase tudo o que há a saber sobre o mundo exterior, e quando ela acredita que algo é verdade sem sombra de dúvida, isso é declarado absolutamente falso pela mãe e a criança fica mais do que confusa. E quando o pai faz a mesma coisa, a realidade do mundo da criança tem uma nova baixa.

A educação é limitada pela sua idade. Ela aprendeu a linguagem ou parte dela, e só está a aprender a associar palavras e frases às realidades do mundo à sua volta. Uma coisa aprendeu duramente: evitar a dor. Se em processamento ela dá repetidamente com um incidente doloroso e sente os somáticos de uma experiência previamente dolorosa, não tarda a evitar o próprio processamento como experiência dolorosa.

Com o seu âmbito de atenção limitado, a sua dificuldade de comunicação no sentido adulto e levando em conta a sua falta de educação, o Procedimento Padrão deve ser adaptado à sua idade. A paciência é talvez o ingrediente mais importante no processamento de uma criança. Serão precisas muitas horas para compensar uma só perda de temperamento, de uma só explosão de ira, porque a Betty não faz as coisas exactamente da maneira que você pensa.

Considere, por exemplo, uma criança de cinco anos. A criança, no seu próprio ponto de vista, foi muito molestada ao longo dos seus curtos anos e empurrada de um lado para o outro pelos adultos. Você deve arranjar algo que seja, com efeito, em primeiro lugar educacional. Por isso, tire um bocado do dia em que a criança possa fazer tudo o que quiser que não afecte animais ou a propriedade. Se ela o quer por perto durante esse tempo, tempo esse que você pode começar a chamar "a hora do Billy", óptimo. Passe uma hora ou duas com ela e faça seja o que for que lhe peça, dentro do razoável está claro. Depois da novidade passar, ela começará a usar "o seu tempo" para lhe fazer perguntas sobre o mundo à sua volta, perguntas que você deve responder muito cuidadosamente e com precisão, seja qual for o assunto. Seria muito desleal dizer, em resposta a uma pergunta inocente sobre sexo por exemplo: "Não vamos falar dessas coisas sórdidas". Responda-lhe simples e completamente, e com um mínimo absoluto de gaguez e rubor da sua parte.

Às vezes a criança quererá ficar o "seu" tempo ao seu colo, e o caso especial poderá até querer um biberão. Não lhe diga que isso é infantil, e que ela já ultrapassou isso. Dê-lhe o biberão e pegue-lhe ao colo até se cansar.

Talvez ela queira dramatizar dificuldades familiares tais como uma discussão recente entre os pais. Óptimo. Reveja isso com ela como ela desejar. Isto muitas vezes libertará muitos elos formados durante uma experiência desagradável, não só os que foram formados na criança mas, se você é o pai, também em si. Quando a criança tem a certeza de que não há reservas quanto à oferta de o "seu" tempo, aproveitará totalmente a oportunidade de rever muitos detalhes que a feriram, e retornando deste modo, raramente a aborrecerão outra vez.

Então, depois de alguns períodos passados deste modo, pergunte-lhe se quer saber alguma coisa, ou se quer falar de alguma coisa. Permita-lhe ter a sua dignidade, e uma enorme autodeterminação a fim de se afirmar. Exorte-a a explicar-lhe coisas na sua própria linguagem. Quando passa por algo que a perturba em termos de significado, ela perguntar-lhe-á, se é que ganhou a sua confiança. Às vezes, quando a criança lhe faz uma pergunta que você tem a certeza que ela já deveria saber, responda com outra pergunta e pergunte-lhe o que ela pensa disso. Isto é muitas vezes o que a criança realmente quer, e só usa a pergunta como meio de abrir a discussão sobre o assunto.

Durante o "seu" tempo, não pergunte porque uma certa coisa aconteceu, pergunte o que aconteceu. Explique porquê. Se há necessidade de lhe dar uma informação use a lógica de múltiplos valores (certo, talvez, errado) e explique o seu uso. Quanto às decisões tomadas sobre qualquer discussão, deixe-a tomar a sua própria decisão, e não lhe diga que está errada. Se você sente que ela fez uma suposição decididamente falsa, economize os seus comentários para outro período e faça as perguntas apropriadas, e dê explicações e dados outra vez.

Explicações simples ou definições são na verdade sugestões positivas. Dizer que uma coisa é incondicionalmente verdade é tentar fazer uma criança aceitar a sua decisão sobre um assunto. Nunca esqueça os dados qualificativos: "O dicionário diz que branco é a combinação de todas as cores". "A avó disse-me que nunca tinha visto o Cume do Pico". Dizendo isto assim a criança é livre de fazer a sua própria avaliação sobre se o dicionário está certo ou não, ou sobre se

a avó na verdade visitou ou não o Cume do Pico. Poderia até ser que a avó lhe tivesse dito a si uma coisa, e desse outra versão à outra pessoa.

O nível de tom de uma criança poderia ser descrito como o seu "espírito" ou atitude para com a vida em geral. Se está num tom alto, ela estará contente, saudável e enérgica e raramente chorará. Se está num tom inferior, dará a aparência de estar continuamente triste com alguma coisa, raramente se entregando por completo a brincar com outras crianças, e se não mórbida e doente, certamente muito perto disso. O nível de tom de adulto ou de criança vai de apatia ou desinteresse total em qualquer coisa, passa por raiva e agressividade, para parcialmente bem dispostos e, no topo da escala de tom, entusiasmo fervoroso. Por isso pode ver-se que, só porque uma criança está quieta, não há razão para assumir que está em melhor forma do que quando está furiosa com algo. Ela poderá muito bem estar na zona de apatia da escala de tom, e este é um nível muito perigoso do ponto de vista da saúde e bem-estar geral da criança.

A partir do pequeno estudo da escala de tom que se segue, será possível localizar a criança com bastante precisão quanto à sua atitude perante a vida:

PADRÃO GLOBAL DA ESCALA DE TOM NA ORDEM DESCENDENTE

Tom 4 - Persecução entusiasta da actividade, com liberdade completa de escolha para outras actividades conforme desejado.

Persecução interessada da actividade, algumas dúvidas sobre liberdade completa noutras actividades, algumas dúvidas sobre a capacidade para superar o supressor na actividade procurada.

Tom 3 - Persecução continuada, obstinada da actividade, esperança de superar o supressor só com esforço.

Indiferença para com a actividade; tentativas moderadas para encontrar outros campos de acção.

Retirada da actividade suprimida, direcção de outras linhas de actividade em aberto.

Tom 2 - Se outra actividade fechar, a situação de repente muda. O indivíduo tem que descobrir uma saída para a actividade suprimida antes de ter outra vez liberdade de escolha. A decisão é feita para ela, por assim dizer, pela inibição instalada pelo supressor. Neste ponto ela tenta destruir o supressor com esforços relativamente moderados. Se estes esforços não têm sucesso, ela faz esforços violentos para destruir o supressor.

Se o supressor ainda não está conquistado, o seu campo de acção é ainda mais constringido para agora nem sequer poder agir directamente contra o supressor, e entra num nível de tom onde tenta encontrar maneiras de destruir o supressor por acção retardada. O medo começa aqui, uma vez que há uma forte dúvida sobre se o supressor pode alguma vez ser destruído.

Tom 1 - À medida que o medo aumenta e a possibilidade de destruir o supressor fica cada vez mais remota, o indivíduo faz tentativas violentas para escapar de qualquer forma possível.

Se não puder escapar, o último recurso é um grito frenético por ajuda. Desgosto, soluços, lágrimas parecem ser esse grito especialmente evidente em crianças mais jovens. No caso de perda de um aliado, o desgosto parece ser uma tentativa desesperada para retomar o mesmo, uma chamada de ajuda para o referido aliado.

Se a chamada de ajuda falha e o grito fica sem resposta, não há mais nada que o indivíduo possa fazer, entra no tom de apatia e submete-se finalmente ao supressor.

Tom 0 - Se o supressor continuar, a apatia aumenta, chega a paralisia, inconsciência, e finalmente a morte.

A importância de localizar o nível da sua criança na escala de tom é muito grande. Por um lado sugere muito depressa uma área provável de carga ou de angústia emocional. Por outro lado, à medida que o processamento continua, fica disponível um meio de conferir o progresso do seu trabalho e esforço. Se, por exemplo, a sua criança fica geralmente irritada depois de algumas sessões de processamento, você não precisa imediatamente de pensar que, por causa disto, ela está a piorar em vez de melhorar. Talvez estivesse no nível de apatia antes de começar. Será uma coisa totalmente natural ela passar por ira, e por consequência mais ansiosa na busca de actividade.

A partir de um estudo da escala de tom, alguns métodos de processamento se podem apresentar. Suponha uma criança baixa de tom, talvez a chorar. Tente desviar a sua atenção para algum outro campo de actividade em vez de lhe murmurar palavras de simpatia. Em muitos casos é surpreendente ver a suspensão súbita das lágrimas, e o interesse no novo objecto de atenção. Está claro que isto não funcionará se estiver muita atenção amarrada ao elo ou sintonia, o que é a base do seu choro. Assim que a influência da divergência é removida ou se cansa da nova actividade ou interesse, a sua atenção baixa uma vez mais ao incidente causativo. Quando este método é usado, corresponde muito de perto a trazer um adulto "até tempo presente".

No caso de um elo pesado para o qual a sua atenção é atraída de vez em quando, estabeleça comunicação com a criança assim que puder, e pergunte-lhe o que aconteceu. Consiga que ela lhe diga três ou quatro vezes exactamente o que aconteceu, e o tom subirá muito depressa. Isto pode ser usado muitas vezes, dentro ou fora do período das sessões regulares.

Há as crianças que, quando foram levemente magoadas a brincar com outras crianças, ou até sozinhas com os brinquedos, desatam a chorar muito mais do que a gravidade do incidente justifica. Neste momento ofereça à criança pouca simpatia, mas pergunte-lhe antes o que aconteceu. "Como é que caíste? Ah, estou a ver. Andavas a correr? E onde é que o pedal te arranhou? Agora fala-me disso outra vez". Não serão precisas mais do que três ou quatro contagens até a criança ficar tão aborrecida do incidente que anseia por retomar a brincadeira. Algumas instâncias como esta, e ela logo obtém a ideia. Ou ela não se dará ao trabalho de vir a correr e chorar por causa de um choque banal, ou ela própria passará determinadamente isso algumas vezes sozinha. Um "bebé chorão" torna-se deste modo numa criança sossegada e feliz em muito pouco tempo.

A fim de manter o tom da criança alto durante o processamento, pode ser jogada uma série de jogos de memória. Eles demonstrarão como pode ser agradável manter o contacto com o passado, e como também será educativo. Às vezes é usada uma série de cartões, cada um exibindo uma grande letra maiúscula. Os cartões são baralhados pedindo à criança para fechar os olhos. Vários cartões são então dispostos lado a lado com a face para cima, e as cartas completamente à vista. A criança pode olhar uns cinco ou dez segundos, depois os cartões são invertidos. Num tempo surpreendentemente pequeno, a criança pode nomear em sequência até uma dúzia de cartas, e desfrutará imenso do sucesso. Se a criança lhe pede para também jogar o jogo, não desista com medo de não o poder também fazer. Faça o melhor que puder. Talvez pelo menos num campo minúsculo, a

criança encontre algo que de facto pode fazer melhor do que um adulto. Isto fará maravilhas pelo seu tom.

Há um assunto mencionado de vez em quando neste livro, mas que não foi tratado extensivamente: a existência de engramas pré-natais. Às vezes, quando as crianças são instadas a voltar a algum incidente com um pouco de dor ou desgosto, elas deslizam naturalmente para trás na memória para a existência pré-natal. Elas falam fluentemente das suas vidas dentro da barriga da mãe, "e descrevem sons e outras percepções com uma memória tão vívida, como se falasse da festa de aniversário de ontem.

Definitivamente, os engramas pré-natais existem. De facto, os primeiros formam a experiência dolorosa básica sobre a qual centenas de engramas mais recentes se acumulam em cadeias, talvez por causa de uma palavra comum ou de um conteúdo de percéptico semelhante. Contudo, mandar de volta uma criança a um destes engramas básicos, seria equivalente a pedir-lhe que passasse pelo meio de um par de lenhadores em luta. Até atingir a idade de 8 a 12 anos e ter experiência considerável no percurso de engramas menores, é definitivamente aconselhável restringir o processamento à memória de linha directa. Se ela contacta um de memória e imediatamente o abandona de moto próprio, não o mande de volta para lá. Se ela contacta isso naturalmente e não a assusta excessivamente, é possível percorrer isso embora se aconselhe precaução. São necessários dados muito mais analíticos do que os estão na mente da criança comum para dar realidade a engramas pré-natais.

Há várias coisas a evitar se desejar que a criança continue o seu processamento. Uma dessas coisas é a sugestão positiva. A imaginação fértil das crianças torna-as vulneráveis a uma declaração que diga que uma coisa é verdadeira ou falsa, preta ou branca. Tente manter sempre uma atitude em que uma coisa possa ser verdadeira ou falsa, em que haja sempre qualificadores. Um exemplo de sugestão positiva bastante perniciosa, e que é infelizmente usada muitas vezes, é: "O Jimmy é católico. Não é bonito?".

Você, como auditor da criança, deve ter sempre o cuidado de não exibir qualquer sinal de restimulação ou afectação emocional por qualquer do material da mente reactiva da criança. É natural que seja o caso, particularmente se você é o pai, mas uma "cara impassível" num evento assim vale o seu peso em ouro. Às vezes uma criança rebentará um elo ou, melhor dizendo, desrestimulará um elo, fazendo ruídos feios com a boca. Tornou-se um elo, em primeiro lugar porque o pai objectou. Quando isto ocorre, deixe passar sem dar qualquer sinal de que você é minimamente afectado.

Tome particularmente o cuidado de manter sempre a sua parte do combinado. Nunca diga a uma criança que amanhã estará com ela no "seu tempo", e depois não aparecer, ou tentar afastá-la. Isso provocará todas as vezes uma quebra em afinidade, e essas quebras são muito difíceis de reparar. Não combine nada com uma criança que não tenha a certeza de poder manter.

Evite uma atitude melada durante o processamento, e depois "largar" noutrios momentos. A atitude de Dianética deve continuar todos os dias. Embora à 1:30 da tarde não seja o "seu tempo", de qualquer forma fale delicadamente com ela e responda às suas perguntas como se estivesse em processamento. Em breve ela fará uma avaliação de que o "seu tempo" é de alguma maneira um pouco diferente de "o tempo dela".

E agora, pontos de ataque. Se há actividades estranhas, dentre as actividades ordinárias das quais a criança se ocupa, procure as razões que estão por detrás destas acções. Há a possibilidade de dramatizações das acções do adulto, talvez as suas próprias. Vistas dianeticamente, as acções de uma criança surpreendem muitas vezes um pai, na medida em que se revelam as próprias dramatizações do pai. Uma vez descobertas, o expediente é então "percorrê-las" o mais depressa possível no pai. Embora seja útil para a criança percorrê-las como elos, a menos que o pai cesse a dramatização há boas possibilidades de que um novo elo seja instalado num futuro muito próximo.

Um rápido exame informal, escrito ou verbal, ajuda muitas vezes a localizar áreas de tensão emocional numa criança. Um castigo dado pelos pais instala usualmente um elo de infância, e um exame relativo a castigos, quase sempre é solo fértil para uma sessão de processamento. Peça-lhe as razões do castigo, e o que ela pensa da justiça do incidente. Mas não tente justificar a sua ideia de justiça.

Um exame sobre as vezes em que os seus dados foram invalidados produz usualmente muitos elos. Volte atrás, na sua própria mente, às vezes em que você lhe disse que estava errada sobre algo, em que ela veio até si borbulhando de entusiasmo e você lhe lançou um manto de desânimo, dizendo-lhe que estava totalmente errada. Pergunte no exame se algo que ela muito tinha querido fazer lhe foi negado por alguém. Também momentos em que a dignidade dela foi profanada, como a exposição da sua nudez na companhia de outros.

Todas estas coisas, e muitas outras, o conduzirão infalivelmente a momentos do passado da criança nos quais foram instalados elos. Às vezes surge a pergunta sobre quando iniciar uma atitude de Dianética junto de uma criança. De facto isto começa com a Dianética Preventiva, antes da concepção. Enquanto a criança está a ser gerada, a mãe deve considerar os efeitos do desgosto, discussões, brigas e outras actividades que formam engramas. O pai e outros que se encontram no ambiente imediato da mãe, também deveriam estar cientes dos efeitos de um engrama, e de como ele é formado. As avós, que se entregam a monólogos durante a doença matinal da mãe, deveriam ser gentilmente conduzidas à porta. Durante o nascimento deveria ser permitido apenas um mínimo absoluto de ruído e conversação, e então, nos primeiros meses pós-natal da criança, deveria haver o cuidado de permanecer calado durante pancadas, doenças ou outro males de infância.

Em resumo, a atitude de Dianética deve ser praticada vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

CAPÍTULO 9

Sessões Com Crianças

O seguinte é um relato literal de várias sessões de processamento de Dianética, ou partes de sessões com crianças. O seu propósito é mostrar como um auditor pode trabalhar com crianças com idade bastante para as processar em devaneio.

O sobrinho Jimmy, 10 anos e meio de idade, tem mostrado ao auditor a sua bancada de trabalho e os modelos de aviões que está actualmente a construir. O Jimmy sabe que o tio é um HDA (Auditor de Dianética), mas ele não sabe o que é a Dianética. Ele tem uma grande afinidade com o tio.

AUDITOR: Muito bem. Digamos, vamos tentar alguma Dianética.

JIMMY: Está bem. O que é que eu faço?

AUDITOR: Põe-te confortável na cama. Tira os sapatos. (O Jimmy faz isso). Queres uma almofada? Estás confortável?

JIMMY: Não é preciso almofada. Estou bem.

AUDITOR: Vais lembrar-te de tudo aquilo que acontecer. Muito bem.

Podes fechar os olhos. Se a luz é muito forte, podes passar um braço sobre os olhos. (O Jimmy faz isso). Agora, vamos retornar a um incidente muito agradável. (Pausa) O que é que estás a fazer?

JIMMY: Estava a brincar com o meu cão no pátio das traseiras.

AUDITOR: Qual é o nome do teu cão?

JIMMY: Espiga.

AUDITOR: O que é que estás a ouvir?

JIMMY: O meu cão estava a ladrar.

AUDITOR: Que mais é que estás a ouvir?

JIMMY: Carros a passar na rua.

AUDITOR: Alguém a falar?

JIMMY: Não.

AUDITOR: Está lá mais alguém?

JIMMY: Sim, a minha mãe a pendurar a roupa.

(O Jimmy permanece consciente da realidade do incidente como algo que lhe aconteceu no passado. Continua a usar o pretérito e contudo retorna eficazmente. Os percépticos parecem bons). AUDITOR: O que estás a fazer?

JIMMY: A brincar com o meu cão.

AUDITOR: É divertido?

JIMMY: Sim.

AUDITOR: Como está o dia?

JIMMY: Quente.

AUDITOR: O que acontece a seguir?

JIMMY: Entro em casa.

AUDITOR: Retorna ao início do incidente e passa outra vez por isso.

JIMMY: Estava no pátio das traseiras. Estava a brincar com meu cão.

Algun tempo depois entro em casa.

AUDITOR: Retorna ao início e passa outra vez por isso.

JIMMY: Estava no pátio.

AUDITOR: O que é que ouves?

JIMMY: Os carros a passar e o meu cão a ladrar.

AUDITOR: Estás a dizer alguma coisa?

JIMMY: Não.

AUDITOR: Que idade tens?
JIMMY: Três anos.
AUDITOR: Continua.
JIMMY: Acaricio o meu cão e depois entro em casa.
AUDITOR: Como te sentes?
JIMMY: Óptimo.
AUDITOR: Vamos agora para um incidente agradável quando eras um pouco mais velho. (Pausa) O que estás a fazer?
JIMMY: Estava lá fora no relvado da frente. Estava a ser fotografado.
AUDITOR: Quem está a tirar a foto?
JIMMY: O meu pai.
AUDITOR: Como é que ele está vestido?
JIMMY: Calças azuis e camisa branca.
AUDITOR: Está lá mais alguém?
JIMMY: Sim. A minha mãe e a minha irmã. Elas estão na fotografia.
AUDITOR: O que é que está a ser dito?
JIMMY: o Pai diz: "Sorri".
AUDITOR: Podes ouvir o clique da máquina fotográfica?
JIMMY: Sim.
AUDITOR: Que mais?
JIMMY: Carros a passar.
AUDITOR: O que é que acontece agora?
JIMMY: Fomos para a Escola de domingo.
AUDITOR: Quem vai contigo?
JIMMY: A minha mãe e a minha irmã.
AUDITOR: E o teu pai?
JIMMY: Ele não vai.
AUDITOR: Volta ao início e passa isso outra vez.
JIMMY: Eu estava no relvado da frente...
AUDITOR: Que idade tens?
JIMMY: Cinco anos.
(O auditor manda o Jimmy rodar através do incidente várias vezes. A irmã de Jimmy, Mary e outra menina, Judy, ambas com 12 anos, entram enquanto o incidente dos 5 anos está a ser percorrido de novo e fazem algum ruído).
AUDITOR: Sabes o que aconteceu agora mesmo, Jimmy?
JIMMY: A minha irmã e a Judy entraram.
AUDITOR: Isso perturbou-te?
JIMMY Não.
AUDITOR: Está bem fazer-lhes uma demonstração?
JIMMY: Com certeza.
(O auditor manda o Jimmy percorrer de novo o incidente aos cinco anos, inclusive a perturbação provocada pela entrada da irmã e da amiga).
AUDITOR: Certo, retorna a um incidente agradável que aconteceu quando eras bebé. O que estás a fazer?
JIMMY: Estava no berço.
AUDITOR: Está lá mais alguém?
JIMMY: Não. Era suposto eu estar a dormir, mas não estava.
AUDITOR: O que é que estás a pensar?
JIMMY: Oh.... sobre o que fazer.
AUDITOR: É agradável?
JIMMY: Sim.
AUDITOR: Como é o quarto?
JIMMY: Quente. As persianas estão fechadas.

AUDITOR: Como é que estás vestido?
JIMMY: Aos quadrados.
AUDITOR: Retorna ao início do incidente quando a tua mãe te põe na cama. O que estás a fazer?
JIMMY: Estava no chão do quarto da frente
AUDITOR: O que acontece?
JIMMY: A minha mãe entrou no quarto pegou em mim.
AUDITOR: Podes sentir ela a levantar-te?
JIMMY: Sim.
AUDITOR: Ela diz alguma coisa?
JIMMY: "São horas de ires para cama".
AUDITOR: Quantos anos tens?
JIMMY: Seis meses.
AUDITOR: Vem para o tempo presente. Quantos anos tens?
JIMMY: Dez anos.
AUDITOR: Que idade tens?
JIMMY: Dez anos.
AUDITOR: Dá-me um número.
JIMMY: Dez.
AUDITOR: Certo. Podes abrir os olhos. (O Jimmy levanta-se) Gostas-te?
JIMMY: Muito! Diga-me, tio, o que é isto de Dianética?
AUDITOR: Bom, é um processo por meio do qual retornas a incidentes da tua vida e os visitas outra vez. Foi divertido?
JIMMY: Sim.
AUDITOR: Mary, gostarias de tentar?
MARY: Não.
AUDITOR: Porque não? É divertido.
JIMMY: Sim, porque não?
MARY: Bem... Não sei. Bom, está bem.
AUDITOR: Põe-te confortável na cama. (A Mary faz isso). Fecha os olhos. Podes pôr o teu braço sobre os olhos se a luz é muito forte. Vais lembrar-te do que acontecer. Retorna a um incidente que aconteceu quando eras muito mais pequeno. (Pausa) O que estás a fazer?
MARY: Nada.
AUDITOR: O que é que vês?
MARY: Nada.
AUDITOR: Certo, retorna a um incidente agradável por volta da idade de 3 anos, como o Jimmy fez. (Pausa) O que estás a fazer?
MARY: Nada. Não posso fazer nada.
AUDITOR: Podes sim. Tenta e vê. (Pausa) Agora, o que estás a fazer?
MARY: Estava lá fora ao lado da casa. Estou a ser fotografada.
AUDITOR: Quem te está a tirar a foto?
MARY: A minha mãe.
AUDITOR: Está lá mais alguém?
MARY: Não.
AUDITOR: O que é que a tua mãe diz?
MARY: "Sorri".
AUDITOR: Podes ouvir o clique da máquina fotográfica?
MARY: Sim.
AUDITOR: O que acontece então?
MARY: Aparece uma carrinha e nós entramos para ir para a Escola de domingo.
AUDITOR: Como é que a tua mãe está vestida?
MARY: Com um vestido verde e branco.

(O auditor manda a Mary atravessar o incidente várias vezes, depois pede-lhe para ir para um momento de prazer por volta de 1 ano de idade).

MARY: Estava no chão na sala de jantar, num parque de bebé.

AUDITOR: O que estás a fazer?

MARY: Estou a gargarejar.

AUDITOR: Podes ouvir alguma outra coisa?

MARY: Há alguém a falar no quarto em frente.

AUDITOR: Quem é?

MARY: Não sei.

AUDITOR: A tua mãe está lá?

MARY: Não sei.

AUDITOR: Sim ou não, a tua mãe está lá?

MARY: Sim.

AUDITOR: Quem mais?

MARY: Não sei.

AUDITOR: É outra mulher?

MARY: Sim.

AUDITOR: De que é que estão a falar?

MARY: Não sei.

AUDITOR: O que ouves?

MARY: Oiço falar, mas não sei o que estão a dizer.

AUDITOR: Ouve de perto. O que estão a dizer?

MARY: Parece francês.

AUDITOR: A tua mãe fala francês?

MARY: Não, mas parece francês.

AUDITOR: Certo. Retorna ao início do incidente e passa-o outra vez.

(O auditor manda a Mary atravessar várias vezes o incidente e então trá-la até tempo presente.)

AUDITOR: Vem para tempo presente... Que idade tens?

MARY: Doze anos.

AUDITOR: Qual é a tua idade?

MARY: Doze anos.

AUDITOR: Dá-me um número.

MARY: Doze.

AUDITOR: Podes abrir seus olhos. Como te sentes?

MARY: Bem. (Ri.)

AUDITOR: Agora, e tu, Judy; gostarias de tentar?

(Ambas as outras crianças a incentivam a tentar e ela concorda. O auditor retorna-a a um incidente por volta dos 3 anos de idade).

AUDITOR: O que estás a fazer?

JUDY: Estou a brincar com as minhas bonecas.

AUDITOR: Onde estás?

JUDY: Estou no cobertor.

AUDITOR: Onde estás?

JUDY: Neste pequeno parque.

AUDITOR: Está alguém contigo?

JUDY: Sim. A minha mãe.

AUDITOR: O que está a tua mãe a fazer?

JUDY: Está a dormir.

AUDITOR: E o que estás tu a fazer?

JUDY: A brincar com as minhas bonecas.

AUDITOR: O que é que ouves?

JUDY: Carros a passar, pessoas a caminhar.

AUDITOR: O que é que dizes às bonecas?

JUDY: Nada.

AUDITOR: Voltamos para o início deste incidente e passa outra vez por ele.

(Judy faz isto várias vezes.)

AUDITOR: Como te sentes?

JUDY: Óptima.

AUDITOR: Vamos agora para um incidente aos 7 anos. O que estás a fazer?

JUDY: Estou a nadar nesta piscina com a minha amiga.

AUDITOR: Onde?

JUDY: Nas montanhas. Estamos de férias e eu estou a nadar com minha amiga.

AUDITOR: Qual é o nome dela?

JUDY: Barbara.

AUDITOR: Como está a água?

JUDY: Está fria.

AUDITOR: Estás a gostar?

JUDY: Sim. É divertido.

AUDITOR: Que idade tens?

JUDY: Sete anos.

AUDITOR: Certo, vem para o tempo presente. Quantos anos tens?

JUDY: Nove anos.

AUDITOR: Vem para o tempo presente. Qual é a tua idade?

JUDY: Doze anos.

AUDITOR: Dá-me um número.

JUDY: Dez.

AUDITOR: Vem totalmente para o tempo presente. Agora, qual é a tua idade?

JUDY: Doze anos.

AUDITOR: Que idade tens?

JUDY: Doze anos.

AUDITOR: Dá-me um número.

JUDY: Doze.

AUDITOR: Abre os olhos. Como te sentes?

JUDY: Bem.

(As crianças concordam que retornar foi divertido e vão comer.

Depois da ceia, o auditor fala a sós com o Jimmy sobre a Dianética. Jimmy habitualmente molha a cama)

AUDITOR: Ainda molhas a cama?

JIMMY: Sim.

AUDITOR: Quantos anos tinhas quando isso começou?

JIMMY: Oh, creio que aproximadamente 7.

AUDITOR: Lembras-te da primeira vez em que fizeste isso?

JIMMY: Sim.

AUDITOR: Mais alguém molhava a cama na tua família?

JIMMY: Não.

AUDITOR: Certo, vamos descobrir mais sobre isso. Põe-te confortável.
Tira os sapatos.

JIMMY: O.K.

AUDITOR: Retorna à primeira vez em que molhaste a cama. O que estás a fazer?

JIMMY: Ah.... (Pausa)

AUDITOR: Estás a dormir?

JIMMY: Sim.

AUDITOR. O que é que acontece?

JIMMY: Estava a dormir. Estava a sonhar. Depois acordei. A cama estava molhada. Levantei-me e fui para a casa de banho. Depois voltei atrás e pus uma manta na cama.

AUDITOR: Retorna para o início. Estás a sonhar?

JIMMY: Sim.

AUDITOR: Com que é que estás a sonhar?

JIMMY: Uma arma b. b.

AUDITOR: Sim ou não: é a primeira vez em que molhaste a cama?

JIMMY: Não.

AUDITOR: Retorna à primeira vez em que molhaste a cama. O que aconteceu?

JIMMY: Estava a dormir. Estava a sonhar.

AUDITOR: Com que é que estás a sonhar?

JIMMY: Com um arma b. b. Eu sonhei com b armas. b. todo o ano.

(Este auditor vê imediatamente uma semelhança entre "b. b.." e "bebé").

AUDITOR: Que idade tens?

JIMMY: Sete anos.

AUDITOR: Quanto tempo antes da outra vez é que isso acontece?

JIMMY: A semana anterior.

AUDITOR: Quem é que na tua família te disse que eras um bebé grande?

JIMMY: O meu pai.

AUDITOR: Retorna à primeira vez em que o teu pai te disse isso. O que estás a fazer?

JIMMY: A lutar com a Mary.

AUDITOR: O que é que acontece?

JIMMY: Ela deu-me bofetadas e eu comecei a chorar.

AUDITOR: O que é que o teu pai diz?

JIMMY: "És um bebé "grande.

(A criança era um bebé grande quando nasceu, mais de 4,5 Kg).

AUDITOR: Que mais?

JIMMY: Vai tomar um banho e vai para a cama.

AUDITOR: Que idade tens agora, enquanto isto está a acontecer?

JIMMY: Seis anos.

AUDITOR: Responde sim ou não: o é a primeira vez que o teu pai te diz isto?

JIMMY: Sim.

AUDITOR: O que é que acontece aquela noite depois ires para a cama?

JIMMY: Estou a sonhar e acordo. A cama está molhada.

AUDITOR: Sim ou não: é a primeira vez que molhas a cama?

JIMMY. Sim.

AUDITOR: Retorna para a cena com a tua irmã. O que é que ouves?

JIMMY: A minha irmã e eu à luta.

AUDITOR: Ela diz-te alguma coisa?

JIMMY: "És um grande estúpido".

AUDITOR: O que é que tu dizes?

JIMMY: Chamo-lhe grande estúpida. Então ele dá-me uma bofetada.

AUDITOR: Podes sentir isso?

JIMMY: Sim.

AUDITOR: O que é que tu fazes?

JIMMY: Começo a chorar.

AUDITOR: O que é que o teu pai diz?

JIMMY: És um bebé grande. Vai tomar banho e vai para cama.

O auditor corre este elo como um engrama várias vezes, corre um incidente de prazer, traz o Jimmy para tempo presente e então pergunta ao Jimmy o que aconteceu durante a sessão. O Jimmy conta-o e está contente.

Depois, numa conferência privada com o pai, o auditor mostrou-lhe que "vai para a cama" e "Toma um banho", comandado com a voz dominante do pai pode sintonizar o circuito "És um bebé grande". O pai deu a informação de que todas as noites dá um trabalhão meter o Jimmy na cama. Ele tenta obrigá-lo a tomar um banho de duas em duas noites. Ele tem que finalmente forçar o Jimmy gritando-lhe como ameaça: "Toma um banho" e "vai para a cama". Jimmy molha a cama quase todas as noites. Foram sugeridos outros meios para o levar a tomar banho e ir para a cama, e que talvez a voz da mãe não estivesse sintonizada no circuito. Também foi sugerido que palavras diferentes pudessem fazer o truque, ou que poderia ser melhor permitir ao Jimmy ir para a cama quando quisesse. O pai concordou em tentar.

Na próxima visita do auditor, uma semana depois, o Jimmy concordou em fazer uma demonstração para várias pessoas que estão agora interessadas. O auditor retorna-o a por volta dos 7 anos, depois de acautelar os espectadores para estarem tão calados quanto possível.

AUDITOR: O que estás a fazer?

JIMMY: A brincar com meu cão, Pinky.

AUDITOR: Onde?

JIMMY: Na pátio das traseiras na Rua Purcell.

AUDITOR: Como está o dia?

JIMMY: Quente.

AUDITOR: Que idade tens?

JIMMY: Cinco anos.

AUDITOR: O que é que acontece?

JIMMY: Estou a dar de comer ao meu cão.

AUDITOR: E qual é a tua idade, por favor?

JIMMY: Cinco anos.

AUDITOR: Em que ano?

JIMMY: 1947.

(Cinco é a idade errada, mas a verificação do ano e das circunstâncias batem certo. Este incidente é corrido várias vezes e é pedido ao Jimmy para ir para um incidente na idade de 6 anos).

AUDITOR: O que estás a fazer?

JIMMY: Estou a aprender a andar na minha bicicleta nova.

AUDITOR: Sim ou não, tens um acidente?

JIMMY: Sim.

AUDITOR: Vamos para um incidente de prazer anterior por volta da idade de 4 anos. (Pausa) Como te sentes?

JIMMY: Óptimo.

AUDITOR: O que estás a fazer?

(O auditor percorre Jimmy através de dois outros incidentes várias vezes, e então trá-lo para tempo presente).

AUDITOR: Estás em tempo presente?

JIMMY: Sim. (Olhos ainda fechados).

AUDITOR: O que é que vês?

JIMMY: Vejo o bebé a comer "animais" de bolacha.

Isto surpreendeu os observadores, pois a caixa de bolachas não tinha sido dada ao bebé antes de o Jimmy estar em devaneio. Jimmy foi então mandado embora para o quarto com a explicação de que depois lhe seria dada a informação sobre este retorno em devaneio. O auditor adiantou que queria encorajar as visões de Jimmy na matéria, sem serem influenciadas pelas perguntas que os observadores poderiam fazer. Jimmy concordou.

A razão de não abordar a queda de bicicleta, neste momento em que o pré-claro não estava preparado para a confrontar, foi-lhe dada. Também foi dada aos observadores a explicação da cena dos animais de bolacha em tempo presente, segundo a qual os ruídos da caixa de animais de bolacha e o bebé era uma tradução do percéptico visual pela mente analítica do rapaz. Além disso, mesmo que o auditor tivesse pensado que era fantasia, percepção extra-sensorial ou apenas uma suposição, não teria comunicado o facto ao pré-claro, pois isso teria invalidado o seu sentido de realidade.

Depois da demonstração com Jimmy, os observadores ficaram imediatamente interessados em experimentar a Dianética. Seis outras pessoas passaram pela experiência de retornar a incidentes da infância. A mãe de Judy mencionou que Judy não podia lembrar-se de coisas acontecidas antes de há seis meses atrás.

Judy e a mãe estão separadas do pai. Judy parece obviamente afectada por discussões anteriores entre o pai e a mãe. Depois, quando Judy entrou e se ofereceu para fazer uma demonstração, o auditor retornou-a a um incidente aos 4 anos.

AUDITOR: Onde estás?

JUDY: No campo vizinho.

AUDITOR: O que está a acontecer?

JUDY: Estou a ser fotografada.

AUDITOR: Como te sentes?

JUDY: Estou furiosa.

AUDITOR: Com que é que estás furiosa?

JUDY: Não sei, só estou furiosa.

AUDITOR: Quem te está a tirar a foto?

JUDY: O vizinho.

AUDITOR: O que diz ele?

JUDY: "Vá lá, sorri".

AUDITOR: Sorriste?

JUDY: Não.

AUDITOR: O que é que te põe furiosa?

JUDY: Não sei, apenas estou.

(O auditor computa que, encontrar o que pôs a Judy furiosa, pode ser restimulativo para a mãe que é um observador.

Isso pode envolver pai e mãe, logo o auditor não tenta encontrar a origem deste sentimento. Depois de correr este incidente várias vezes, Judy é enviada a um incidente mais agradável na idade de 5 anos).

JUDY: A minha amiga está a mostrar-me a colecção de bonecas. Ela é rica.

AUDITOR: Qual é o nome dela?

JUDY: Barbara.

AUDITOR: O que acontece agora?

JUDY: A Barbara sai do quarto. A mãe chama-a.

AUDITOR: O que é que tu fazes?

JUDY: Fico a olhar para as bonecas. Ela tem-nas de todos os tipos.

AUDITOR: Estás a divertir-te?

JUDY: Sim.

AUDITOR: E quantos anos tens neste momento?

JUDY: Cinco anos.

AUDITOR: E depois?

JUDY: A Barbara volta.

AUDITOR: O que diz ela?

JUDY: "Tenho que ir lavar a loiça".

AUDITOR: O que é que tu dizes?

JUDY: Tens que fazer as coisas quando os teus pais mandam?

AUDITOR: Ela responde?

JUDY: Sim.

AUDITOR: O quê?

JUDY: "Sim".

AUDITOR: E tu?

JUDY: Eu digo: 'Oh'.

(Este incidente é várias vezes relatado e então Judy é trazida para tempo presente. A mãe de Judy está contente com a demonstração, mas arrisca-se a invalidar dados falando sobre isto na frente da criança. Por alguma razão a mãe temia em completar que Judy continuava furiosa com o vizinho e nunca sorria quando ele estava perto. Também, diz ela, Judy atribui nomes errados: a Barbara era outra amiga, e a das bonecas era June. O auditor depressa muda de conversação pedindo para outro preclear demonstrar).

No dia seguinte o auditor retomou as sessões com Jimmy.

AUDITOR: Com quem te pareces na tua família?

JIMMY: Oh, não sei. (Encolhe os ombros)

AUDITOR: És como o teu pai?

JIMMY: Não.

AUDITOR: Mãe?

JIMMY: Não.

AUDITOR: Irmã?

JIMMY: Não, não sou nada como ela.

AUDITOR: Alguém alguma vez disse que tu eras como o teu pai, a tua mãe, ou outra pessoa?

JIMMY: Não. (Encolhe os ombros) ninguém disse nada disso.

AUDITOR: Quem na tua família usa óculos? (O Jimmy usa óculos para o trabalho escolar).

JIMMY: O meu pai, a minha mãe e a minha irmã. Todos eles. Excepto o bebé.

AUDITOR: Quando é que começaste a usar óculos?

JIMMY: O ano passado.

AUDITOR: Quando notaste que precisavas de óculos?

JIMMY: Estava a ler as minhas lições escolares na escola e quando terminei observei que não podia ver muito bem.

AUDITOR: Quando foi isso?

JIMMY: O ano Passado.

AUDITOR: Certo, vamos ver isso. Põe-te confortável na cama. (O Jimmy faz isso). Agora pode ser necessário retornar a um momento onde estás desconfortável, tens uma dor ou o que é chamado somático. Um somático é uma sensação de dor. Atravessando este somático várias vezes, ele desaparecerá. Em Dianética é necessário retornar a este somático e

eliminá-lo, anulá-lo, de forma a termos mais prazer na vida.
Está disposta a fazer isto?

JIMMY: Sim.

AUDITOR: Lembra-te, prepara-te para fazer o que eu digo, e o somático desaparecerá depois de revermos isso várias vezes. Vais recordar-te de tudo aquilo que acontecer.

JIMMY: Certo.

JIMMY: Sim.

AUDITOR: Como te parece?

JIMMY: Não muito bem.

AUDITOR: O que diz a tua mãe?

JIMMY: Nada.

AUDITOR: O que é que tu dizes?

JIMMY: Eu choro.

AUDITOR: O que acontece depois?

JIMMY: A minha mãe leva-me e põe-me no berço.

AUDITOR: O que é que tu fazes?

JIMMY: Eu continuo a chorar um pouco mais.

AUDITOR: Retorna ao início do incidente.

JIMMY: A minha mãe estava-me a bater.

AUDITOR: O que acontece antes da tua mãe te bater?

JIMMY: Estava a alcançar algo na mesa do café.

AUDITOR: O que diz a tua mãe?

JIMMY: Não toques nisso. Se lhe tocas levas e vais para cama".

AUDITOR: Onde estás?

JIMMY: No quarto da frente.

AUDITOR: O que é que estavas a querer alcançar?

JIMMY: (Pausa). Um... um cinzeiro.

AUDITOR: O que acontece?

JIMMY: A minha mãe apanha-me e bate-me.

AUDITOR: O que é que ela diz?

JIMMY: Nada.

AUDITOR: Podes sentir a tareia?

JIMMY: Sim. (A posição do corpo de Jimmy mostra que ele está a sentir dor).

AUDITOR: É muito doloroso?

JIMMY: Não.

AUDITOR: O que acontece depois?

JIMMY: A minha mãe leva-me para o quarto e põe-me no berço.

(À quarta passagem por este incidente o somático está reduzido).

AUDITOR: Como te sentes? Continuamos?

JIMMY: Óptimo. Está bem.

AUDITOR: Agora, retorna a antes de nasceres, ao primeiro momento consciente. Retorna a antes de nasceres. Quando eu for de A até E e estalar os dedos ouvirás as primeiras palavras. A B C D E (estalo). O que é que ouves?

JIMMY: Nada.

AUDITOR: Quando eu ler de A a E ouvirás as primeiras palavras. A B C D E (estalo). O que é que ouves?

JIMMY: Nada.

AUDITOR: O que acontece?

JIMMY: A minha mãe andava a passear. Ela anda um par de quarteirões e volta-se e vem para casa.

AUDITOR: Apanha-o no início e atravessa-o outra vez.

JIMMY: A minha mãe andava a passear.
AUDITOR: O que é que ouves?
JIMMY: Carros a passar.
AUDITOR: O que é que a tua mãe diz?
JIMMY: Nada.
AUDITOR: O que é que vês?
JIMMY: Nada.
AUDITOR: Quantos anos tens?
JIMMY: Oito.
AUDITOR: Sim ou não, é oito dias?
JIMMY: Sim.
AUDITOR: Continua.
JIMMY: A minha mãe caminha um par de quarteirões, vira-se e vem para casa.
AUDITOR: Como te sentes? Algum desconforto?
JIMMY: Sim, por todo o corpo.
AUDITOR: Onde estás?
JIMMY: Na barriga da minha mãe.
AUDITOR: Começa no princípio.
JIMMY: A minha mãe andava a passear.
AUDITOR: O que é que acontece primeiro? Voltemos a dez minutos antes disto. O que está a acontecer?
JIMMY: Estou a dormir. A minha mãe desce as escadas.
AUDITOR: Onde é que acordas exactamente?
JIMMY: Exactamente quando ela desce o último degrau.
AUDITOR: Exactamente quando ela desce o último degrau?
JIMMY: Sim.
AUDITOR: E então?
JIMMY: Ela caminha rua acima.
AUDITOR: O que é que ouves?
JIMMY: Carros a passar.
AUDITOR: Alguma outra coisa?
JIMMY: Os passos da minha mãe.
AUDITOR: Como te sentes?
JIMMY: Não muito mal.
AUDITOR: Volta à primeira vez em que pensaste que não vias bem.
(Pausa) O que estás a fazer?
JIMMY: Estava na escola.
AUDITOR: O que é que vês?
JIMMY: O meu professor, Sr. Bidwell.
AUDITOR: O que é que ele está a dizer?
JIMMY: "Abre o livro de aritmética nos problemas, página 46".
AUDITOR: O que é que acontece?
JIMMY: Faço os problemas.
AUDITOR: Estás a ver o primeiro problema?
JIMMY: Sim.
AUDITOR: Lê isso para mim.
JIMMY: Não posso.
AUDITOR: Talvez possas se tentares. Lê-o para mim.
(O Jimmy lê o problema a partir da recordação víscio).
AUDITOR: Tens transtornos com problemas?
JIMMY: Não.
AUDITOR: És bom em aritmética?
JIMMY: Sim. Quer dizer, satisfatório.
AUDITOR: E os teus olhos?

JIMMY: Quando termino os problemas, observo que não vejo muito bem.

AUDITOR: Sim ou não, é a primeira vez que acontece?

JIMMY: Não.

AUDITOR: Retornemos à primeira vez que isto acontece. (Pausa) O que estás a fazer?

JIMMY: Estou a ler a minha lição de ciências na escola. Olho para cima e não vejo muito bem.

AUDITOR: Que idade tens neste momento?

JIMMY: Nove anos.

AUDITOR: Passa outra vez por esse incidente.

(O auditor manda o Jimmy ler a lição de ciências através do víscio, mas o conteúdo da lição parece não ter nada a ver com os olhos).

AUDITOR: O que aconteceu três dias antes desta lição de ciências?

JIMMY: Nada.

AUDITOR: Retorna a três dias antes desta vez. (Pausa) O que estás a fazer?

JIMMY: A ler a minha lição de ciências.

AUDITOR: A mesma?

JIMMY: Não.

AUDITOR: Como estão os teus olhos?

JIMMY: OK.

AUDITOR: Acontece alguma coisa naquela noite? Discussões?

JIMMY: Não.

AUDITOR: Certo, retorna àquela outra vez, quando observas a lição e não vês bem. O que é que fazes depois quando voltas para casa?

JIMMY: Digo à minha mãe.

AUDITOR: O que é que ela diz?

JIMMY: Que talvez eu esteja a ler muito. Que devo ir a um médico.

AUDITOR: Como te sentes?

JIMMY: Óptimo.

AUDITOR: Vamos agora para o incidente necessário para resolver o caso. Quando eu disser as letras de A a E e estalar os dedos, vai para o início do incidente. A B C D E (estalo). O que é que ouves?

JIMMY: Estou a ler a minha lição de ciências na escola.

AUDITOR: Quantos anos tens?

JIMMY: Nove.

AUDITOR: Retorna ao incidente necessário à resolução deste caso. Quando eu disser as primeiras cinco letras do alfabeto tu ouvirás as primeiras palavras do incidente. A B C D E (estalo). O que aconteceu?

JIMMY: Estou na escola a rever a lição de ciências. (O Jimmy passa outra vez por isto e o auditor tenta outra vez com outra aproximação e pensa que talvez o Jimmy não compreenda o que ele quer dizer. O auditor quer descobrir exactamente quanto o Jimmy comprehende).

AUDITOR: Retorna agora ao primeiro momento da concepção. Volta ao primeiro momento da concepção.

JIMMY: (Pausa).

AUDITOR: Retorna ao primeiro momento da concepção. (O Jimmy começa outra vez a passar a lição de ciências. O problema

aqui é o que Jimmy compreenderá quando o auditor está a tentar entrar num engrama).

AUDITOR: Retorna ao primeiro momento de desconforto, primeiríssimo momento de desconforto. Volta ao primeiro, o mais antigo, momento de desconforto. (Pausa) O que acontece?

JIMMY: A minha mãe estava a bater-me.

AUDITOR: Que idade tens?

JIMMY: Cerca de um ano e meio.

AUDITOR: Sim ou não, é a primeira vez que levaste pancada?

AUDITOR: O que é que a tua mãe diz?

JIMMY: Nada.

AUDITOR: Alguém diz alguma coisa?

JIMMY: Não.

AUDITOR: Algum vizinho fala com a tua mãe?

JIMMY: Não.

AUDITOR: Sim ou não, há alguma palavra neste incidente?

JIMMY: Não.

(O auditor arrisca aqui uma invalidação dos dados continuando a pedir palavras e frases. Ele repara, é claro, ou deveria reparar, se é que ele sabe Dianética, que há engramas sem conteúdo verbal).

AUDITOR: O que acontece a seguir?

JIMMY: A minha mãe vira-se e vai para casa.

AUDITOR: O que acontece quando ela chega a casa?

JIMMY: Sobe a escada da casa.

AUDITOR: Quantos degraus?

JIMMY: (Pausa, e conta os passos). Um, dois, três, quatro. Quatro.

AUDITOR: O que é que vês?

JIMMY: Nada. (Uma confirmação: há não víscio no período pré-natal, mas há outros percépticos).

AUDITOR: Podes ouvir a porta a bater?

JIMMY: Sim.

AUDITOR: O que faz a tua mãe então?

JIMMY: Senta-se.

AUDITOR: O que é que tu fazes?

JIMMY: Eu vou dormir.

(Na quarta passagem pelo incidente completo, o somático de desconforto é reduzido. À décima segunda passagem o conteúdo sónico mantém-se, embora talvez não tão intenso como antes. O Jimmy parece relaxado, fresco e aprazível. Um incidente de prazer é corrido e então é pedido ao Jimmy para vir para o tempo presente).

AUDITOR: Qual é agora a tua idade?

JIMMY: Tenho 10 anos.

AUDITOR: Podes abrir os olhos.

JIMMY: (Abre os olhos). Não estão na mesma.

AUDITOR: O que é que não está na mesma?

JIMMY: Os meus olhos. Posso ver. As outras vezes tinha dificuldades quando os abria.

AUDITOR: Bom. Como te sentes em geral?

JIMMY: Bem.

AUDITOR: Gostas?

JIMMY: Óptimo. Não comprehendi esses palavrões no meio.

AUDITOR: Ah? Bem, às vezes eu uso palavras na minha linguagem que significam coisas que tu não conheces da tua linguagem. Se eu usar uma palavra que não conheces, pergunta-me e eu explico-a na tua linguagem. Tu provavelmente já sabes o que significa. Que palavras eram? Queres dizer "concepção"?

JIMMY: Sim.

AUDITOR: A concepção é a reunião das células do pai com as células da mãe antes de se tornarem um bebé. Tu sabes isso nestas palavras, não sabes?

JIMMY: Sim.

AUDITOR: E somático? Dor significa somático. Dor somática. Compreendes?

JIMMY: Sim.

AUDITOR: Há mais?

JIMMY: Não.

AUDITOR: Se pensares nalguma pergunta-me, OK?

JIMMY: Sim.

AUDITOR: Lembras-te do que aconteceu?

JIMMY: Sim. Você trabalhou com os meus olhos e a minha mãe andava a passear antes de eu ser um bebé.

AUDITOR: Tens molhado a cama ultimamente?

JIMMY: Só uma vez. Foi ontem à noite.

Esta sessão durou uma hora e vinte minutos, e era agora tempo para a ceia. Jimmy estava contente bastante para dizer aos pais algo sobre a sessão.

No que respeita à declaração do preclaro sobre os olhos terem melhorado, podemos assumir que qualquer melhoria a este respeito foi devida a uma libertação geral da tensão, uma vez que o engrama contactado aparentemente não continha material que pudesse afectar directamente os olhos de Jimmy.

CAPÍTULO 10

Alguns Casos A Propósito

C 211:

NOME de CRIANÇA: Richard Jackson, (Dickey").

IDADE: 7 anos.

NOME do pai: Charles

NOME de MÃE: Emma

AVÓ: "Bamma"

RECLAMAÇÃO da MÃE: "Não consigo fazê-lo obedecer".

ACIDENTES: Acidente de automóvel na idade de 5 anos, vários pontos no braço esquerdo, nenhum anestésico administrado.

SOMÁTICOS CRÓNICOS: Resfriados, garganta dolorida.

DRAMATIZAÇÕES: Fala como um bebé.

Quando Dickey chegou à Fundação para processamento era obviamente um sério problema de comportamento. Ele recusava brincar com outras crianças, dava-lhes pontapés e tentava arranhá-las na cara. Ele corria freneticamente pelo recreio, abrindo as portas e tentando sair. Ao abrir a porta para o pátio exterior, fechava-a logo outra vez. Havia outras crianças lá fora.

Fisicamente tinha uma ficha de saúde do médico de família limpa, apesar dos resfriados e dores de garganta serem reclamações crónicas. Tinha um vocabulário muito limitado, a conversação era pobre, e viciou-se quase exclusivamente em "conversa" de bebé. Não havia qualquer defeito físico nas cordas vocais ou na língua.

De acordo com a mãe, estava constantemente com fome, mas em casa, comia só carne e sopa e, na escola, só sopa ou leite. Ele recusava constantemente sanduíches, embora tivessem carne. Em resposta à pergunta do auditor sobre que comida preferia, Dickey respondeu: "Nenhuma!".

Várias das frases eram altamente reincidentes. "Nenhuma" parecia ser a sua favorita, e foi dita em todo e qualquer momento irrelevante durante uma conversa. "Não sei!", veementemente expresso por nenhuma razão aparente durante as conversas e "adeus", entre algumas frases, eram outras duas. Questionado (memória de linha directa) sobre estas frases, trouxe uma reacção instantânea de medo, e até no momento em que isto está a ser escrito, nenhuma informação definida foi conseguida sobre verdadeiros incidentes que as contêm.

O progresso de Dickey foi muito lento durante as primeiras quinze sessões. Ele recusava de qualquer forma cooperar com o auditor. Ele não chorava. Em vez disso havia uma expressão exterior de desafio como se preferisse aceitar qualquer castigo em lugar de mostrar lágrimas. Às vezes estaria mal-humorado e silencioso, e a outros gritava e dava pontapés. Quando lhe era pedido para enfiar contas, para brincar com blocos ou para se deitar e fechar os olhos, atirava as contas e os blocos às janelas, e deitava-se e mantinha os olhos muito abertos.

Finalmente, à décima sexta sessão, o auditor notou uma mudança distinta. Quando lhe pediu para se deitar e fechar os olhos, Dickey disse: "Certo. Por pouco tempo". Daquela vez, pela quinquagésima hora de processamento, ficou mais cooperante em todos os sentidos.

Os percépticos parecem bons. Ele pode descrever as salas, as pessoas que lá estavam e o que faziam. Ele pode ver-se muitas vezes

na sala, e não gosta do rapazinho que vê. Ele coopera agora no processamento, e desfruta bastante disso como um jogo entre ele e o auditor, com quem desenvolveu uma profunda afinidade. Quando interrogado dá respostas limitadas, mas dá sinais de desenvolver iniciativa na elaboração.

O progresso notável que teve lugar, no momento em que isto é escrito, constitui uma melhoria clara do comportamento. A fala melhorou consideravelmente, e o uso da conversa de bebé diminuiu para quase nada. Ganhou afeição a certas outras crianças, e dá-se optimamente bem com um rapazinho em particular. Quando lhe foi pedido para fazer algo, ele levou isso a cabo contente e de boa vontade. Em vez de atirar com os blocos, constrói casas imaginárias, paredes e vários objectos lá dentro. Enfia contas em padrões de cores e, ao fazê-lo, compete com as outras crianças na limpeza.

Em geral, participa agora bem das actividades de todas as crianças.

HORAS TOTAIS DE PROCESSAMENTO ATÉ AGORA: 56 horas.

C-173:

NOME de CRIANÇA: Stanley Vinel, ("Stan").

IDADE: 9 anos

NOME DO PAI: Warren

NOME da MÃE: Cora

AVÓ: "Granny"

IRMÃ: Sally

DADOS MÉDICOS:

Três dias de idade, pulmão colapsado; pneumonia. Sete semanas, hérnia. Um ano e meio, convulsões, a piorar, continuando até aos três anos e meio. Fenobarbital prescrito pelo pediatra; ainda a usá-lo. Três anos e meio, a hérnia reapareceu; operação à hérnia. 5 anos, infecção de vírus. Grande convulsão, hospitalizado, oxigénio e hipodérmicas. Ataque violento de gastrite. Seis anos, convulsão. Sete anos, caiu e abriu a cabeça, vários pontos sem anestésico. Atingido por um taco de beisebol no mesmo ano, parte os óculos e levanta orla inferior do olho direito. Oito anos, convulsão. Nove anos, atropelado por automóvel, contusões e tremores.

Stanley vive com a mãe, pai, irmã, avô, uma avó que fala sozinha e um tio. O pai gagueja quando excitado, e pensa que a mãe é "mole" demais com Stan. O avô fala muitas vezes na sua língua nativa com a avó.

O castigo da mãe de Stan consiste em o amarrar com o cinto do pai, ou um assentador de navalhas de barbear, industriosa e frequentemente aplicado. Castigos mais moderados tomam a forma de proibição de ver televisão, ou de uma amarração a uma perna da mesa por períodos alargados. O pai obriga o Stan à obediência com um bofetão ocasional na boca.

Todos os adultos na família argumentam frequentemente à toa e falam das crianças como se elas não estivessem presentes. Os argumentos acabam ocasionalmente com vizinhos encolerizados exigindo paz e sossego, e com a polícia à porta.

A mãe está neuroticamente preocupada com a saúde física da família inteira, e está constantemente a dizer que nem Sally nem Stan gostam de estar longe dela.

Quando Stan apareceu para processamento, a fala dele era muito difícil de compreender. Ele tentava desesperadamente falar, mas gaguejava muito. Tinha medo, a tocar o terror, quando ia ser deixado só, ou apenas na companhia de outras crianças. Tinha que ter sempre um adulto por perto. Mostrava uma agressividade extrema para com outras crianças, continuamente à bulha, arranhando, mordendo e dando pontapés.

A seguinte lista de frases foi descoberta no processamento do Stan, e através de observação. Algumas das valências são conhecidas e adequadamente indicadas, mas muitas não estão claras nem sequer no próprio banco de memória de Stan, e estão confundidas umas com as outras.

- "Quero o pequeno-almoço". (Tio)
- "Quero fazer uma pergunta antes de continuarmos".
- "Vens aqui?" (O pai, mãe; intimação pré-natal)
- "Adeus! Vou "deixar-te".
- "Sou uma prisioneira". (A mãe)
- "Sais daqui, seu maluco?" (A mãe)
- "Sê bom rapaz". (Todos os adultos)
- "Sê bom rapaz ou levas no coco". (Tio)
- "Levas um pontapé nos dentes". (O pai)
- "Parto-te os dentes todos". (O pai)
- "Está claro?"
- "Deixas-me só?" (A mãe)
- "Dou-te só mais uma oportunidade". (A mãe)
- "Só um minuto, só um minuto". (A mãe)
- "Pára um minuto". (A mãe)
- "Quero fazer só uma pergunta".
- "Espera tudo seis meses".
- "O Natal está a chegar".
- "Ponto final!"
- "Espera tudo!"

(A computação do auditor até agora foi: tudo é o mesmo que nada o que significa zero. Nada significa nenhum chapéu, nenhum casaco, nenhum sapato, nenhuma meia, nenhuma calça, nenhuma roupa, nenhuma comida, nenhum peixe, nenhum cavalo, nenhum gabinete).

- "Para onde vamos a partir daqui?"
- "Venha aqui, seu estúpido maluco". (O avô)
- "Nada aconteceu".
- "Nenhum bem".

Durante o processamento, Stan mostra uma capacidade razoável para retornar a incidentes específicos; contudo, assim que contacta alguns percépticos e começa a aproximar-se do período de dor física ou emocional, retrocede para a simulação. O período pré-natal é contactado facilmente, Stan pode aparentemente obter percépticos e somáticos. Estes somáticos só podem ser percorridos uma ou duas vezes, depois começa a evitá-los.

Tem imensas frases nos bancos que o comandam directa ou indirectamente para se manter quieto ou manter a boca calada. Incidentes recentes, que respeitam à dificuldade da fala, contêm frases como: "parto-te os dentes" e "arranco-te a língua". Stan esconde

habitualmente os dentes atrás dos lábios e mantém a língua recolhida, estorvando a dicção dos L's e F's.

Stan evidenciava continuamente uma restimulação do pré-natal que o fazia saltar de valência para valência, desempenhando sempre um papel altamente agressivo. As frases contactadas na área pré-natal (cerca de seis meses, de acordo com a pergunta relâmpago) continham computações segundo as quais nada é tudo e nada é zero; nada implica nenhuma roupa, nenhuma comida, nenhum gabinete e apenas "não". Nada também é uma pessoa, a identidade de quem ainda não é conhecido.

Algumas técnicas especiais foram usadas no Stan. Uma das que teve mais êxito consiste em dizer-lhe que ele está a ponto de ser deixado só; que o auditor regressará imediatamente. É-lhe explicado que o propósito desta acção é ajudá-lo a lembrar-se de como se sentia nas outras ocasiões quando foi deixado só. Ele comprehende, ficou sempre debulhado em lágrimas com essa restimulação, e levou as lágrimas para instâncias em que a mãe e a avó o tinham deixado.

Ao processar Stan, foram iniciadas várias cadeias diferentes em sucessão, e levada a cabo uma mudança ininterrupta de cadeia para cadeia. A razão deste procedimento foi que muita da ênfase em desgosto ou dor parecia antagonizá-lo e torná-lo relutante a continuar o processamento. O mesmo incidente de desgosto foi contactado em quatro sessões diferentes, e da última vez a restimulação de permanecer só levou-o de volta ao incidente original, e algum grau de redução foi realizado. A restimulação foi então percorrida como um elo.

Se é permitido ao Stan sugerir o incidente para o qual quer retornar, ele fornece o esqueleto do seu início, e comporá então um conto fantástico baseado nele em que tudo resulta bem. Quando o auditor o dirige para um incidente ou tipo de incidente específico, ele parece dar um relatório bastante directo.

O processamento é às vezes impedido pelas suas dramatizações. Uma sessão foi constantemente interrompida por uma frase de um pré-natal violento que estava indisponível: "Antes de continuar gostaria de lhe fazer uma pergunta". Quando lhe foi permitido fazer a pergunta (que se revelou ser: "Onde vamos a seguir?"), o processamento continuou.

O notável progresso constitui numa tremenda melhoria da fala, cooperação com o auditor e a brincar com outras crianças.

HORAS TOTAIS DE PROCESSAMENTO ATÉ AGORA: 25 horas; contínuas.

C 103:

NOME:	Robert Williams, (Bobby")
IDADE:	10 anos.
NOME do PAI:	Perry.
NOME da MÃE:	Celia.
AVÓ:	Edith.
TIAS:	"Dilly"; Esther.
TIO:	Fred.
DOENÇAS:	Transtornos digestivos, doença de pele. Colocado em berço aquecido na infância. Acidose, desidratado, micção excessiva e salivação.
SOMÁTICOS CRÓNICOS:	Resfriados, nariz a escorrer.
DRAMATIZAÇÕES:	Acessos de raiva; momentos de choro.

COMPORTAMENTO VISÍVEL: Tremular de pálpebras, fechar de olhos, tensão de músculos, crispas de mãos. Constantes piparotes em qualquer objecto contidos nas mãos. Senta-se durante horas de cada vez, com livros, às voltas com as páginas. Memória musical excelente, ritmo e coordenação. Boa destreza manual. Dramatização constante de incidentes que acontecem em casa. Muda de Valência rapidamente, e fala dele próprio na terceira pessoa.

OBSERVAÇÕES: Não aprende a ler. Arrasa completamente qualquer tentativa de educação formal. Fala excelente. Palavras usadas, muito avançadas para a idade. Completamente incontrolável. Muito pouco contacto com a realidade. Computação de que tudo é igual a tudo mais.

DIAGNÓSTICOS PROFISSIONAIS PRÉVIOS: Numerosas especulações de várias fontes no passado, isto é, desequilíbrio da tireoide, mentalmente atrasado, encefalite e esquizóide.

Nas palavras do auditor de Dianética do rapaz, "Bobby parece ser multivalente e, em síntese, com um 'Eu' muito repugnado por um exame de demónios anti-Bobby com o analisador numa camisa-de-forças muito eficaz".

Bobby tem expostos muitos sintomas do seu desajuste: alucinação de víscio, contorções, músculos tensos, momentos de choro, acessos de riso, etc. Quando começam as sessões diz usualmente: "não quero brincar a recordar"; mas uma vez a sessão iniciada ele ficou muito quieto, fechou os olhos e cooperou. Contudo, ao retornar a frases e incidentes, parece ficar preso por volta da idade de 5 anos numa escola interna que frequentou à qual ele se refere como "O Rhynes".

As respostas às perguntas são bastante irracionais, sem relação visível entre as frases. Sempre "aconteceu no Rhynes" ou "a Nance é que disse isso". Até agora não há nenhuma indicação sobre quem a "Nance" possa ser.

O Bobby não dramatiza em processamento como o faz em tempo presente. Ele não percorre engramas porque não pode obter mais que uma frase de cada vez. As frases seguintes são sempre relacionadas a algo diferente da frase inicial. Tem vários somáticos, tanto fora como dentro do processamento, e diz prontamente onde lhe dói apontando para várias partes do corpo.

A mãe de Bobby tinha aproximadamente 35 anos no momento da gravidez, e foi aconselhada pelo marido, amigos e família a considerar o aborto. Ela declara que não o fez (?). Durante a gravidez foi a um psicólogo cuja terapia consistiu em gritar-lhe palavras "porcas" "para ultrapassar a sua susceptibilidade".

O pai é evidentemente um caso de "controlo", um homem que é dramaticamente "dono da casa". Ele não quer saber nada de Dianética ou, para usar as palavras dele, "eu provavelmente parava essa coisa maldita se soubesse o que se estava a passar". Ele aparece nos bancos de Bobby como aliado e como antagonista. Bobby dramatiza muitas vezes as verbalizações do pai.

Bobby é estorvado no processamento por uma invulgar restimulação em casa. Cada sessão deve ser iniciada com elos associados à família surgidos no intervalo a seguir à sessão anterior. Os pais assistiram de má vontade a várias conferências especiais dadas pelo auditor, e a mãe leu DIANÉTICA: A Ciência Moderna de Saúde Mental. Apesar desta tentativa de educar os pais, a solução ideal no caso de Bobby, enquanto o processamento contínua, seria uma escola interna.

O seguinte é um registo de um monólogo dirigido por Bobby Williams:

- BOBBY: Bom significa que eu sou bom. Bom significa algo bom. Não significa doce, significa blocos. É algo que eu faço. Eu construo comboios. O comboio é algo. Algo para ir uoo-uoo. Nunca andei num.
- AUDITOR: Quem estava no comboio, Bobby?
- BOBBY: Alguém era. Eu fui. Bem... era fora do comboio e eu estava no Rhynes. Estou agora no Rhynes. É uma locomotiva. É a primeira carruagem do comboio. É a carruagem que puxa todas as outras. Locomotiva. Locomotivas vão. .., vão algures. .., vão para algures. Algures elas vão.
- AUDITOR: Está escuro lá dentro?
- BOBBY: Sim, está-se bem.
- AUDITOR: Quem diz isso?
- BOBBY: Célia diz que se está bem, dói.
- AUDITOR: Há uma diferença entre doer e sentir bem?
- BOBBY: Há.
- AUDITOR: Gostas de ser magoado?
- BOBBY: Não quero ser magoado. Estava húmido. Não estava húmido, estava seco. É bom quando está húmido. É bom e húmido. Está escuro. Os olhos estão fechados. Está a fazer pressão aqui (Aponta para um ponto no abdómen).
- AUDITOR: Onde é que mais está a fazer pressão?
- BOBBY: Por toda parte, está a fazer pressão por toda parte. Dói. Estou a dormir.
- AUDITOR: O que acontecerá se acordares?
- BOBBY: Algo acontecerá.
- AUDITOR: Algo é bom ou mau?
- BOBBY: É bom. Algo acontecerá (começa a chorar). Algo de bom acontecerá (chora outra vez). Algo é a melhor coisa que pode acontecer. (Idem...)
- AUDITOR: Há outra palavra para algo?
- BOBBY: Algo. Isso não é algo? (idem)
- AUDITOR: Isso uma boa frase?
- BOBBY: Sim. Jogo é uma boa frase. É uma boa frase. Sabe... bem. Sabe bem. Eu brinco. Eu trabalhei.
- AUDITOR: O que vem logo antes disso?
- BOBBY: Algo vem logo depois disso. Alguma coisa vem antes disso. São blocos. É não são bons para comer. Algo bom para comer.
- AUDITOR: Para que são os blocos?
- BOBBY: Os blocos são bons blocos. Blocos são bons para comer. Blocos são algo. Os blocos são feitos... não de madeira.
- AUDITOR: De que são feitos os rapazes?

BOBBY: Os rapazes são feitos de madeira.
AUDITOR: De que são feitas as cabeças dos rapazes?
BOBBY: A minha cabeça é feita de madeira. Eu acredito nisso.
AUDITOR: O que é a madeira?
BOBBY: Algo de madeira. Por favor tira-me da madeira? Madeira. Idem..
AUDITOR: E depois?
BOBBY: Brinquei. Quer brincar com esses blocos, por favor? Por favor? Isso faz com que ele não trabalhe.
AUDITOR: Tu és ele?
BOBBY: Eu não sou ele. Não sei o que "ele" significa. Ele é ele. Quer brincar com esses blocos, por favor? Eu não lhe disse a ele por favor.
AUDITOR: Aprendeste isso no Rhynes?
BOBBY: Sim. Quero trabalhar. Por favor brinque. Eu trabalhei. Quer brincar com esses blocos por favor? Idem...
AUDITOR: O que é que fariam se tu brincasses com os blocos?
BOBBY: Eles diriam... (silêncio).
AUDITOR: O que é que eles te dão se tu brincares com blocos?
BOBBY: Dão-me alguma coisa.
AUDITOR: Há outra palavra para algo?
BOBBY: Não é nenhum doce. Idem... Eles dizem que lhe dariam um doce. Eles deram-lhe um doce. Foi no Rhynes. O Rhynes é alguma coisa. É bom.
AUDITOR: O que é bom?
BOBBY: Algo de bom. Eu não vou tê-lo, não vou.
AUDITOR: O que é algo?
BOBBY: É madeira. Não é madeira. Eu estou a brincar.
AUDITOR: Quem está a brincar?
BOBBY: Estou a brincar com O Rhynes. Eu estou a brincar com algo. É um comboio.
AUDITOR: O que é um comboio?
BOBBY: Algo é um comboio.
AUDITOR: Treinar é como aprender?
BOBBY: É treinar. Vai choo-choo-choo.
AUDITOR: Já alguém te treinou a fazer alguma coisa?
BOBBY: Alguém o fez.

As computações que danificam os bancos de um preclaro dependem da extensão da aparência "semelhança" entre os eventos, que de facto não são semelhantes. Por isso, quando a pessoa está a tentar localizar uma computação, poderia ser bom pedir a "igualdade" das coisas, localizando conexões próximas e remotas. As identificações mais próximas entre dois quaisquer eventos, são, na maioria das instâncias, os factores aberrativos mais fortes.

Segue-se uma cópia de uma sessão com Bobby Williams, mostrando uma aplicação desta técnica, cujo objecto foi descobrir cadeias de frases que para ele são o mesmo.

AUDITOR: Que palavra é o mesmo que morte?
BOBBY: Algo o mesmo que morte. Alguma coisa perigosa.
AUDITOR: O que é o mesmo que perigoso?
BOBBY: Bobby entrar no inferno.
AUDITOR: O que é o mesmo que Bobby entrar no inferno?
BOBBY: Algo é o mesmo que ir para inferno. (Põe a mão na boca) já digo o que significa "o mesmo".
AUDITOR: O que é o mesmo que ir para inferno?

BOBBY: Ir para o inferno é ir para o inferno.
AUDITOR: Que palavra é o mesmo que morte?
BOBBY: Algo é o mesmo. Idem... Ir para inferno.
AUDITOR: O que é a mesma coisa que ir para inferno?
BOBBY: Você fez o mesmo?
AUDITOR: Diz mais.
BOBBY: (Silêncio)
AUDITOR: O que é a mesma coisa que perigoso?
BOBBY: Algo é ir para inferno.
AUDITOR: O que é a mesma coisa que ir para o inferno?
BOBBY: Algo é.
AUDITOR: O que é ir para inferno?
BOBBY: Aaa-ha-ha!
AUDITOR: É chorar?
BOBBY: (Nenhuma resposta)
AUDITOR: O que é o mesmo que ir para inferno?
BOBBY: (Nenhuma resposta)
AUDITOR: Que pessoa é ir para inferno?
BOBBY: Algo é ir para inferno.
AUDITOR: O que é o inferno?
BOBBY: O inferno é ir para o inferno: Quero dizer cancelado. Ele vai dizer, ele dirá isso.
AUDITOR: O que é igual a inferno?
BOBBY: Algo é igual a inferno. É isso. Vá para inferno.
AUDITOR: O que é quase igual a inferno?
BOBBY: (Cheira a mão)
AUDITOR: É cheiro?
BOBBY: Sim.
AUDITOR: Cheiro é igual a inferno? Sim ou não?
BOBBY: Sim.
AUDITOR: Cidade é igual a inferno?
BOBBY: Sim. Depois de você fazer o mesmo dizemos cancelado. Um pouco depois, a seguir ao fim da sessão, foi feita aquela pergunta: resposta relâmpago, Bobby. Sim ou não?" (estalo!)
"Sim!"

Podem notar-se aqui computações definidas, embora restringidas. A conclusão pareceria ser que a ameaça mais imediata para a sobrevivência de Bobby é algo (Algo!) conectado com uma cadeia antiga na qual a mãe tinha dito algo como "Vai para inferno, é muito perigoso, eu poderia morrer". Ou talvez as ideias de perigo e morte estejam conectadas à mãe por uma cadeia de tentativas de aborto com frases sobre inferno e danação ou apenas com simples "Que inferno". Das conversas com a mãe, parece provável que exista uma cadeia de tentativas de aborto, ou pelo menos de falar de aborto, nos bancos de Bobby. O progresso neste caso foi bastante bom considerando o estado emocional muito alto com que o Bobby usualmente aparece para processamento. Como mencionado antes, ajudaria consideravelmente as coisas se o Bobby pudesse ser removido do ambiente da casa e respectiva restimulação.

Os acessos de raiva desapareceram quase completamente, e só ocorrem a intervalos muito longos. Os momentos de choro diminuíram. Tem mais consciência e interessa-se pelas coisas à volta dele, e gosta de fazer tarefas específicas. Parece diferenciar mais realisticamente as coisas.

HORAS TOTAIS DE PROCESSAMENTO ATÉ AGORA: 25 horas;
continuando.

C 27:

NOME da CRIANÇA:	Marie, ("Mame").
IDADE:	13 anos.
NOME DO PAI:	Clarence
NOME da MÃE:	Peggy
AVÓ:	Mater
IRMÃO:	Bobbie
ACIDENTES:	Cai duma árvore, 5 anos. Parte um braço, tratado sem anestésico. Escorregou no pavimento, 9 anos, derrubado com uma pancada na parte de trás da cabeça.

REGISTO

MÉDICO-DENTAL:

Dente arrancado, 7 anos de idade, gás de óxido nitroso. Amigdalotomia, 9 anos, anestésico de éter.

SOMÁTICOS CRÓNICOS:

Garganta dolorida constante, resfriados. Enxaquecas provocando momentos de desfalecimento.

Marie foi trazida para processamento, não porque ela fosse um claro problema de comportamento, mas porque parecia atrasada nos estudos e na associação com outras crianças. Não havia explicação aparente para isto, uma vez que consultas prévias com professores e pais tinham estabelecido que ela tinha uma inteligência muito alta para a idade.

Foi muito cooperante com o auditor a partir da primeira sessão. Os percépticos eram bons, e ela retornava prontamente e de boa vontade a incidentes passados quando instada a fazê-lo pelo auditor. Ela seguia uma cadeia até ao básico do pré-natal, percorria o básico com pouca insistência do auditor, e então surgia em tempo presente por si própria e dizia: "Isto foi divertido. Vou voltar amanhã e fazemos um pouco mais".

Um dos engramas contactados em processamento posterior foi num dentista aos 7 anos de idade. A melhoria nos estudos e a associação com crianças da idade dela mostrou-se notável, a seguir ao percurso do engrama de óxido nitroso.

O seguinte é um relato palavra por palavra de uma porção da sessão de processamento em que ela contactou o consultório do dentista:

MARIE: Dente arrancado... Eu não posso voltar... pensei que estava a morrer, mas não podia voltar. Os meus dentes poderiam cair e eu nunca os teria de volta.

AUDITOR: Fala-me sobre isso.

MARIE: A enfermeira põe-me aquela coisa no nariz... . "Relaxa amor. Linda menina... Pronto, doutor, prossiga! Os meus olhos, pressões nos meus olhos... Não sinto dor mas repuxa, e eu não lhe posso dizer... Puxões na cabeça... Não há luta... Não sei onde estou... Mas tenho que voltar... O Dr. Penn diz: "É realmente grande". Então a enfermeira diz: "está fora, está por toda parte. Está fora. Põe a cabeça aqui e cospe".

AUDITOR: E então o que acontece?

- MARIE: Tive uma luta terrível para voltar... Era tudo vermelho... Nunca negro, sempre vermelho e laranja... Aquele material não é bom.
- AUDITOR: Continua, por favor.
- MARIE: (Silêncio)
- AUDITOR: Alguma coisa te está a segurar?
- MARIE: Sim. : Ele diz: "Aqui, podes segurar nisso". Ele dá-me o dente para levar para casa. Eu vou para casa com o Bobbie.
- AUDITOR: Retornemos outra vez para onde estás sentada na cadeira. Estavas com medo?
- MARIE: Nervoso para entrar... A enfermeira tinha sido... ela põe-me aquela coisa no nariz, e eu respiro... Sinto-a a levantar-me as pálpebras... Ela diz: "pronto, doutor"... A minha cabeça começa a girar... Sinto aquele vermelho, continua a puxar-me a cabeça para este lado (indica inclinando cabeça para a direita). Não posso voltar atrás... Não volto... Não posso voltar... (excitada, frenética)... Está por toda parte... De certeza que era grande... Meu deus, eu nunca mais tomo aquilo. Nunca estive tão perto de morrer, (Bocejo, bocejo).
- AUDITOR: Vamos começar mais uma vez com a enfermeira a ajustar a máscara.
- MARIE: Posso ouvi-la, e ela levanta os meus olhos e diz: "pronto doutor"... Eu penso que ele ainda não pode fazer isso, mas eu não posso fazer nada... Ouço um som... Coisas a chocalharem, alicates e coisas... A minha cabeça começa a repuxar... Não pensei que teria que voltar... Não pensei que voltaria... Não posso voltar... Eles dizem algo... "Estás bem, amor, cospe só para aqui". Eu olho pela janela e vejo a nossa cozinha, então eu sei que estou de volta...
- AUDITOR: Continua, Marie.
- MARIE: Eu nunca mais farei isso... Bobbie leva-me casa... Depois de pagar...
- AUDITOR: Vamos repetir todo o incidente mais uma vez. Vê se podes ouvir qualquer outra coisa desta vez, e se podes sentir a cadeira em que estás sentada, e as luzes...
- MARIE: A Enfermeira põe aquilo sobre meu nariz... É frio... Oh! Eu salto para fora e vejo-me ali sentada em vez de sentir qualquer coisa.
- AUDITOR: Alguém fala nesse momento?
- MARIE: A enfermeira. Ela diz: "Já está fora".
- AUDITOR: Nós podemos agora continuar?
- MARIE: Estou toda baralhada... Levanto-me da cadeira... Ela dá-me um copo de água para enxaguar a boca... Tira-me coisas do pescoço... Pergunto-lhe quanto é, ela diz quatro dólares... Eu pago e espero na sala de espera... Vou pela escada abaixo com Bobbie... atravesso a rua... (Bocejo, bocejo, bocejo).
- AUDITOR: Comecemos desde o princípio, Marie. Começa a partir de...
- MARIE: (Exprimindo exasperação) Ela põe-me aquilo no nariz... O meu tórax levanta-se, eu vejo vermelho... As minhas mãos nos braços da cadeira... Ela levanta-me as

pálpebras... Eu desejo que ela tire as malditas mãos dos meus olhos... Ela fica a puxar pela minha cabeça... Cospe nessa coisa... Ela tira a coisa do meu pescoço... Pego na bolsa e dou-lhe o dinheiro... Pelo corredor, escada abaixo...

AUDITOR: Vamos percorrer isso outra vez...

MARIE: (Interrompe) começo a respirar profundamente, começo a sentir a cabeça esquisita, fecho os olhos... Ela tenta abri-los, levanta-me a pálpebra... "Pronto, doutor..." Eu sei que não está pronto... Ainda posso sentir. A minha cabeça começa a repuxar muito... Luto para voltar... tenho que voltar... (Face contorcida e luta muscularmente) Só penso no meu dente que me dói aqui... (Aponta para o molar).

AUDITOR: Por favor repete desde o princípio, Marie. Vejamos se podes ouvir tudo o que acontece...

MARIE: (Enfado) Ai, dói-me a cabeça... Tenho que fazer isso outra vez? Tenho que fazer isso outra vez. A enfermeira põe-me a coisa no nariz, levanta-me as pálpebras e diz: "pronto, doutor..." Eu sinto-me esquisita... Não posso fazer nada. Vejo vermelhidão. . Ele repuxa a minha cabeça... Eu tenho que voltar (Repete a frase nove vezes e respira muito pesadamente). Finalmente posso abrir os olhos. Ela me diz para cuspir... Vejo a água a correr (Bocejo). Eu pago-lhe... Saio... Dirijo-me a uma porta errada. A Enfermeira diz: "Estás toda baralhada, amor". (Ri cordialmente). É por isso que estou toda baralhada! (Mais riso) eu pago... Saio... Bobbie ajuda-me a descer... Casa...

AUDITOR: Vamos rever isso mais uma vez, Marie.

MARIE: Meu Deus, é duro fazer (Suspiro) isso. Agora quase que já sei isso de cor... Ela põe-me aquilo no nariz... Sinto a pressão dos dedos dela nos olhos... "Pronto, doutor"... Eu sei que não está pronto... Fico contente quando vejo a nossa casa do outro lado da rua...

AUDITOR: Mais uma vez, Marie, por favor.

MARIE: Oh, meu deus! (Suspiro) quisera nunca ter mencionado isso! Oh, pronto! Ela põe-me a coisa no nariz... Ela está atrás de mim... Parece muito tempo... Levanta os dedos e toca nos meus olhos... Vejo vermelho... "Pronto, doutor"... Não é suposto eu ouvir isto, mas eu oiço (Suspiro)... Eu oiço um som... Um estalo terrível... Oh, Senhor! Provavelmente o meu dente a sair... Parte-o e deixa lá um pedaço... Puxa como o diabo... Diz: "Este é duro"... Meu deus, este dente dói ali mesmo (Aponta para o molar outra vez)... dou-lhe os malditos quatro dólares e vou para casa. . Provavelmente partiu o braço... Duro... Já é bastante chato mesmo sem ir a um dentista (Suspiro, bocejo).

AUDITOR: Repete este incidente mais uma vez, por favor.

MARIE: Oh! Você tem alguma coisa contra mim? (Exasperação extrema) De todas as maneiras de se vingar de uma pessoa... mandá-los a um dentista... pronto... Ela põe-me isso e eu respiro... Ela toca com o velho dedo nos meus globos oculares... Ele prossegue... Ele puxa pela

minha cabeça... Eu penso que estou a morrer e tento voltar.

AUDITOR: (Depois de alguns minutos de silêncio) mais uma vez, Marie.

MARIE: Dou-lhe uma dentada, não tarda nada. (Raiva) Ela põe-me a coisa no nariz (Riso). Levanta a pálpebra (riso cordial juntamente com o auditor)... "Pronto, doutor" ... Vejo vermelho... Vejo isso em ambos os significados! (Riso outra vez) saio finalmente disso sã e salva... Nunca gostei de dentistas e você faz-me ficar lá tanto tempo...

AUDITOR: Onde estás agora?

MARIE: Aqui, na sala, consigo. Tenho 13 anos, e é terça-feira. (Parte-se a rir). Desta vez ganhei-te.

Neste momento ela parecia mais feliz e mais alegre do que qualquer outra vez que o auditor a tenha visto. Havia apenas mais uma sessão, e então a mãe dela telefonou para dizer que estavam tão contentes com a Marie que pensaram que não era preciso mais processamento.

Oito meses depois ela estava entre os quatro melhores da classe dela, e muito activa em arte dramática e desporto. A mãe informou que, que ela soubesse, a Marie não tinha tido um resfriado depois de deixar o processamento.

A COMPUTAÇÃO do AUDITOR: A frase da Enfermeira, "Estás toda baralhada, amor, poderia ter-lhe causado considerável perturbação no trabalho escolar. É provável que esta frase fosse sintonizada por alguém que se assemelhasse à enfermeira, o que depois tornou os seus estudos mais difíceis.

HORAS TOTAIS DE PROCESSAMENTO: 15 horas.

CAPÍTULO 11

Um Olhar Em Frente

Nas nossas mãos fica o futuro do mundo, pois da forma como treinarmos as nossas crianças, moldamos nelas o padrão das coisas futuras. Nós, que estamos cheios das aberrações herdadas dos nossos pais, antes só poderíamos resignar-nos e passar estas aberrações às nossas crianças com uma intensidade sempre crescente. Isso andou sempre em "espiral", e onde iria parar ninguém sabia.

Mas agora a Dianética veio quebrar a espiral. E para cada pai ou a mãe interessado na Dianética, a grande pergunta é: "O que é que eu posso fazer pelas minhas crianças?"

Consideremos como iniciar esta coisa da Dianética para Crianças. Um dos utensílios mais importantes é a observação. Quais as aberrações da sua criança? Quais os seus "botões"? De quem adquiriu a criança aquele comportamento peculiar? Porquê tantos resfriados? Porque parece irritada e começa a chorar quando nós a tentamos acelerar? Porque será que não bebe leite ou come bolachas? Porquê? Todos os itens da conduta da criança devem ser observados e correlacionados com os próprios casos dos pais. Olhem para vós próprios! Tomem consciência do vosso próprio caso, mantenham notas completas do vosso próprio processamento. Fazendo isto, terão logo a chave do problema da criança.

Como exemplo, eis a experiência que os pais de uma criança tiveram. A filha, de 5 anos, teve uma noite muito má com perturbações dos brônquios; e todo o Inverno seguinte sofreu uma sucessão de resfriados. Um facto curioso, que finalmente conduziu a uma explicação, foi que ela deixava os pais pôr Mentol no nariz, mas era muito contra a Vaselina. Uma noite o problema foi resolvido. A mãe, durante o processamento, percorreu o nascimento da filha. Mesmo do coração do incidente veio a frase: "Não consigo respirar. Estou toda tapada". Esta frase foi repetida várias vezes durante o nascimento. Uma frase que acompanhou regularmente a primeira foi: "Não posso pôr Mentol no nariz?" A enfermeira respondeu: "Aqui está Vaselina; é o que temos". A mãe respondeu: "Não quero Vaselina, eu quero Mentol!"

Desde esta descoberta os pais exercitaram o cuidado de não usar a frase: "Não posso respirar; estou toda tapada". Resultado? Praticamente nenhum resfriado e nenhuma repetição da condição brônquica. E sobre a Vaselina? Isso é agora chamado Geleia de Petróleo, e a criança usa-a quando necessário.

Os princípios explicados neste livro podem ir longe para fazer da sua família uma óptima família. Mas estes princípios devem ser dominados. Isto só pode ser feito pela prática, observação e estudo constantes.

Se você tem vários amigos com crianças e interesse em Dianética, ou interesse em melhorar as suas relações familiares, pode organizar um grupo de estudo. Para melhores resultados, este grupo não deverá incluir mais de dez pares. A discussão tem necessariamente que ser cada vez mais restringida, à medida que o grupo aumenta. Quando o grupo cresce, há menos tempo para considerações dos problemas individuais dos que o compõem.

O passo um, o início de esse programa, é simples. Se você tem crianças, tem problemas. O primeiro passo é usar o material deste livro como base de discussão, supervisionado por um líder de discussão de grupo. O líder deverá ser substituído de vez em quando, para haver refrescamento de pontos de vista. Da discussão pode nascer uma sólida compreensão dos princípios básicos da Dianética, e Dianética para Crianças.

Passo Dois, que deveria formar uma porção de todo programa do primeiro, é uma apresentação por cada membro, de alguns dos problemas pessoais específicos com crianças. O grupo discute então cada problema numa tentativa de ajudar o pai a descobrir a solução da Dianética.

Passo Três, é o teste destas soluções em casa, por todos os membros do grupo cujo problema é semelhante.

Passo Quatro, em reuniões subsequentes, é uma discussão das aplicações práticas das soluções sugeridas, e uma avaliação dos resultados, tendo em vista um esforço para uma melhoria constante das técnicas.

Passo Cinco é um relatório para a Fundação do que foi realizado cada vez que uma técnica exequível definida evoluiu.

Eis alguns assuntos que você achará de real valor para construir famílias mais fortes:

Relações familiares: o que poderia ser mais importante em relações familiares do que uma compreensão completa do triângulo afinidade, realidade e comunicação? Este é talvez o ponto mais importante para o seu estudo de grupo. O que significam os termos para cada indivíduo? O que são Quebras de ARC e o que fazem? Como as pode eliminar de vocês próprios e das suas crianças? Como é que estes princípios simbolizados pelo triângulo se aplicam a todas as situações interpessoais?

Lembre-se que os princípios revelados neste livro são marcos para descobertas maiores. A Dianética é uma ciência muito nova. Progredirá através da pesquisa de todos os que constantemente a aplicam. Depois de cada discussão de grupo, montem um programa de teste para as vossas casas. Mantenham notas sobre as vossas tentativas e erros. Tragam os resultados a futuras reuniões, para avaliação adicional. Mantenham um registo de grupo do material correlacionado.

Normas de Comportamento da criança: Muitos psicólogos notáveis apresentaram as suas interpretações do que é o comportamento normal nos vários níveis de idade, e há numerosos livros de referência sobre padrões de comportamento da criança disponíveis em qualquer biblioteca. Neles você encontrará o que é considerado comportamento normal para as suas crianças em várias idades. O seu grupo adquirirá muita informação excelente estudando estes padrões de comportamento, e testando então o uso da Dianética para manejar as áreas bastante sensíveis no desenvolvimento da criança. Será interessante observar o que pode ser feito para elevar as partes inferiores da curva cíclica. Também será interessante descobrir em que medida o comportamento aberrado é responsável por estes períodos turbulentos. Este assunto merece o seu estudo detalhado e cuidadoso.

Disciplina: Eis um assunto crucial que a Dianética tende a destacar. Ele dá aos pais que disciplinaram demais as crianças um sentimento definido de culpabilidade. "Fui eu que instalei as aberrações da minha criança? Está aqui o meu circuito de controlo que pus na minha criança"! É inútil castigar-se a si mesmo por não saber Dianética antes

de estar disponível para o público. Console-se com o facto de que toda a gente foi culpada dos mesmos pecados antes da Dianética em relação à posteridade, e que dentro da nossa vida há ainda a oportunidade de, no futuro, dar uma nova oportunidade à sanidade. Mesmo assim exigirá de nós e das nossas crianças um tipo especial de disciplina, se quisermos remediar, nem que seja uma centelha do tempo perdido.

Sobre disciplina há tantas teorias como as penas de um pato. Contudo, elas de facto reduzem-se a duas considerações: o que é que actua ou o que é que não actua como compulsão contra a autodeterminação? Faça um pouco de auto-exame. Quando é que você faz o seu melhor trabalho? Quando é compelido ou quando é conduzido a tomar as suas próprias decisões, compreendendo as razões que estão por trás do que precisa de ser feito?

O triângulo ARC joga outra vez uma parte importante. Você só mantém comunicação quando tem compreensão. A compreensão constrói a realidade. Você só sente afinidade pelo que é real para si. Uma vontade impõe a outro é compulsão. A compulsão elimina imediatamente a comunicação. O que é que você sente quando o marido, esposa ou o chefe diz arbitrariamente: "Você faz isso à minha maneira ou então?" A sua criança sente o mesmo. A compulsão é um arbitrário. Pode bloquear a comunicação, cegar a afinidade e negar a realidade. Se algum destes aspectos do triângulo é mitigado ou viciado, os outros dois aspectos também são automaticamente afectados adversamente. Por outro lado, não se sente bem quando alguém lhe diz: "A sua ideia tem muito mérito; como se ajustará aqui? Como é que ela afecta a situação? O que acontecerá se nós usarmos a sua ideia?".

Estude os efeitos da disciplina compulsiva. Tente derivar para métodos que não provoquem aberrações na criança, mas aumentem os seus dados, e ajude-a a tomar as suas próprias decisões. Aqui, problemas específicos para testar em casa ajudarão a atingir uma compreensão total.

Aparentemente, o factor que nós como pais achamos mais difícil de compreender é: "O que é importante?" Se pudermos aprender a fazer a pergunta a nós próprios: "É importante?", teremos resolvido talvez setenta cinco por cento dos nossos problemas. Esta pergunta colocada imediatamente evitará muitas vezes o desenrolar de uma dramatização sobre algo que a criança fez. Um exemplo é o copo de leite derramado. É importante? Foi feito de propósito? O que é mais racional: dramatizar a sua raiva restimulada que pode sintonizar ou restimular um elo na criança, ou limpar a sujidade com um sorriso enquanto a ajuda a analisar a necessidade de cuidado?

Foram mencionados circuitos de controlo. Os circuitos de controlo são totalmente activados, frequentemente através de disciplina compulsiva. Frases tais como: "Controla-te", "faz o que te dizem", "Não passas de um chorão", "Tens que ser um homem e não chorar", só contribuem para o comportamento irracional de uma criança. A menos que queira gastar horas a eliminar circuitos mais tarde, você achará lucrativo evitar instalá-los.

Você deve procurar aumentar a autodeterminação da sua criança, a sua confiança no seu analisador, e ajudá-la a ser independente de você e da mente reactiva dela.

Há uma diferença entre autodeterminação e determinação egoísta. Uma pessoa autodeterminada é aquela que age depois de uma computação analítica, e leva em conta todos os dados disponíveis sobre o efeito da acção proposta sobre ele próprio e SOBRE OUTRAS

PESSOAS! A Determinação egoísta é a avaliação aberrada dos dados de como eles afectam só a própria pessoa.

A compulsão é muito mais alargada do que apenas aquela sua fase em que a disciplina se aplica. Um indivíduo tanto pode ser compelido de dentro como de fora: não tenha medo de ventilar os seus problemas e as suas aberrações no seu grupo. Se tem medo do que o grupo pensa de si, use o teste de importância. Lembre-se de que medo também é aberração. É mais importante resolver estes problemas e construir uma família feliz, ou impedir as outras pessoas de pensar que você tem aberrações? (Como se eles não soubessem!)

Educação: O que é que você sabe sobre as escolas? As suas crianças passam lá uma boa porção das suas vidas. O grupo pode dedicar parte do seu tempo proveitosamente a descobrir como e o que é ensinado às crianças. Você descobrirá que, na maioria das escolas, o trabalho é projectado para crianças "normais". O excepcionalmente brilhante ou o especialmente lento não é usualmente manejado com nenhuma individualidade.

Consideremos graus de alerta ou de inteligência. À medida que o seu próprio processamento avança, a sua capacidade computacional aumentará e o seu nível de energia subirá. A capacidade de recordar surpreendê-lo-á. Isto diz-lhe alguma coisa da diferença entre crianças? A criança é lenta por razões até aqui não compreendidas? As recordações dela podem estar oclusas, tornando difícil ela lembrar-se de qualquer coisa. Ou pode ter engramas (e onde os obteve?) que lhe dizem que ela não é boa, não tem iniciativa, nunca será ninguém, etc. Resultado: uma criança lenta.

Por outro lado, veja a "criança brilhante". Ela pode ser brilhante porque confia na memória, e não tem qualquer engrama que impeça as suas recordações. Neste caso ela pode lembrar-se de tudo de que se apercebeu. Os primeiros anos de escola serão simples para ela, pois a maioria do trabalho é baseado na memória, e a dela está desbloqueada. Depois, contudo, quando entra em assuntos abstractos tais como altas matemáticas e ciências, pode começar a deslizar se continuar a confiar na memória. A memória está bem, mas o indivíduo que aprendeu a confiar somente na memória pode não ter desenvolvido a capacidade de raciocínio no abstracto.

A criança com recordações de percépticos bloqueadas é mais lenta porque é obrigada a usar processos de raciocínio para computar as respostas aos problemas. Tais crianças podem tropeçar, especialmente em escolas ligadas às chamadas "recordações normais". Não há tempo para a criança lenta.

O que é que se pode fazer para ajudar a criança lenta a afinar os percépticos, a mantê-los afinados e a desenvolver a recordação? O que é que se pode fazer para ajudar a criança com percépticos invulgarmente afinados e boa recordação a desenvolver seu processo de raciocínio?

Para resolver estes problemas, a memória de linha directa é uma técnica inestimável. Os jogos também ajudarão no desenvolvimento destes processos. Discuta essas coisas no seu grupo.

A educação é um campo extremamente vasto. Numa democracia, as escolas pertencem-vos. Insista em métodos sãos de instrução, e as suas crianças recebê-los-ão. Mas o que é uma instrução sã? A Dianética força aqui uma completa reavaliação, como em todos os outros campos da vida. Grupos de pais, que discutem e formulam estas coisas, determinarão o futuro da educação.

Seminário de Recreio: A sua criança é um indivíduo. Ela também faz parte da sociedade. Ela tem que aprender a dar-se bem com os outros. Como é que a sua criança se porta a este respeito?

Como parte da actividade do grupo, podem ser planeados programas de jogos, histórias e habilidade manual. Estas poderiam ter lugar uma ou duas vezes por mês aos sábados, quando mais crianças estão livres. Os pais poderiam fazer turnos, conduzindo as actividades para grupos de várias idades, enquanto outros pais observam. Seria melhor se cada pai presente observasse a criança de outra pessoa pelo menos cinquenta por cento das vezes. Poderiam então ser discutidos os resultados destas observações, e novos métodos pedagógicos desenvolvidos para ajudar a corrigir erros no manejo das crianças. Um pai ganhará uma melhor perspicácia quanto ao feitio da criança, quando a observa a brincar com outras crianças.

Conclusão

Há muitas perguntas aqui, não há?

As respostas estão aqui neste livro e aí nas vossas vidas.

Além do processamento directo, você encontrará as ideias da Dianética extremamente úteis em casa. Com um conhecimento são dessas coisas como o significado do triângulo ARC, logo reparará que quando invalida qualquer coisa que a sua criança, marido ou esposa diz, está a reduzir o sentido de realidade dessa pessoa, quebrando a afinidade e bloqueando a comunicação. Quando você duvida de algo que outro diz, pergunte a si próprio: "É importante?" Se é importante o item a ser rectificado, use perguntas para tirar a informação correcta. E lembre-se, pode ser você que está errado.

Outra quebra de ARC resulta de reter informação. Quando você se abstém de dizer a outro algo que ele quer saber, encontrará a afinidade debilitada.

Mesmo que as famílias não se ocupem com processamento activo, a observação de alguns "feitos" de Dianética pode ter resultados surpreendentes, elevando o tom familiar. Inspeccione-se a si e à sua família nos pontos seguintes:

1. Faça todo o possível por manter afinidade, realidade e comunicação.
2. Use disciplina baseada em compreensão e computação em lugar de compulsão.
3. Use a pergunta: "É importante?" antes de tomar qualquer acção precipitada.
4. Repare que qualquer invalidação dos dados de outro afecta adversamente o triângulo ARC.
5. Passe a informação que a outra pessoa deveria ter, em vez de esconder os factos na esperança de poupar ao outro alguma angústia, mas não sobrecharge a criança com problemas de adultos.
6. Lembre-se, a família é um grupo e uma quebra de ARC com um membro é uma quebra com todo o grupo.
7. Cuidado com possíveis frases e acções que sintonizem e restimulem, e evite-as até poderem ser apagadas.
8. Cuidado com frases de circuitos de controlo, e evite-as.

Isto poderia muito bem ser considerado um código familiar de Dianética. À medida que o seu grupo trabalha nos problemas sugeridos, você poderá ver a sabedoria de seguir os pontos listados acima. De facto, você provavelmente poderá adicionar e clarificar os itens à medida que prossegue.

Sugestões específicas: Uma vez que é melhor, devido à semelhança dos bancos reactivos, os pais não processarem as suas próprias crianças se isso puder ser evitado, sugere-se que, quando possível, os pais formem grupos com outros pais a fim de trocarem audição a dar às crianças. As crianças são em geral melhor auditadas por membros do seu próprio sexo. E bastante frequentemente os auditores jovens farão melhor a audição das crianças do que outros Dianeticistas, pois as pessoas mais jovens ainda estão perto dos problemas, perplexidades e decepções da infância. Contudo, o auditor mais velho com uma aptidão natural e uma verdadeira compreensão de crianças, nunca deverá ser desqualificado por causa da idade.

Uma vez que o processamento de Dianética leva tempo, as crianças podem ressentir-se disso. Elas podem sentir que o seu tempo é melhor gasto a brincar, desfrutando das amizades, acumulando toda a experiência enriquecedora satisfatória para a sua idade. Se uma criança está contente no ambiente, bem ajustada aos que a rodeiam e leva uma vida de criança com êxito, talvez seja melhor deixá-la, e não fazer processamento de Dianética, mas ocasionalmente um pouco de trabalho de memória de linha directa para estoirar elos, e de percorrer momentos de prazer para aliviar o tédio de longas viagens de comboio ou de automóvel ou outras. As crianças são ciosas do seu tempo, e nós como adultos deveremos reconhecer isto e respeitá-lo.

Mas quando uma criança mostra infelicidade ou sofre de somáticos crónicos como asma, febre de feno e outras alergias, ou tem qualquer outra indicação de uma função sub-óptima, então há lugar a processamento de Dianética. Podem ser usados momentos de prazer e memória de linha directa muitas vezes. À medida que fica mais hábil no uso de memória de linha directa, você pode sintonizar o somático crónico ou a fonte de perturbação mental. Use momentos de prazer para mostrar o sentido da criança de afinidade, realidade e comunicação. Uma vez "percorrida" alguns vezes em prazer, a criança começará a desejar o seu processamento, e não lamentará o tempo a ele dedicado.

Deve haver o cuidado de nunca permitir o processamento de Dianética para usurpar o lugar a "coisas mais importantes" como assistir ao jogo de futebol na televisão, ou ir a uma festa ou qualquer outra coisa que a criança valorize. Isto colocaria a Dianética entre os factores de não sobrevivência na sua vida, e ela ressentir-se-ia disso.

Quando um pai tem que processar a sua própria criança, ele deveria ser auditado primeiro e progredir tanto quanto o tempo permitisse, antes de empreender o processamento da criança. Não é só a criança que está sujeita a restimulação pelos pais, mas os pais também podem ser restimulados pela criança. Muitas vezes a dramatização da criança fornece o "outro lado" da dramatização dos pais. E está claro, falando de modo geral, metade do material do banco de engramas da criança é derivado dos pais, e será provável descobri-lo também no banco dos pais. Por isso os pais devem ter os seus próprios engramas pelo menos bem desintensificados, e o seu próprio temperamento completamente estabilizado antes de tentar processar a sua criança. Caso contrário pode perder a sua aproximação impessoal e a paciência, quebrar o código do auditor, estabelecer novos elos nos elos velhos da criança, e, quebrando a afinidade como auditor, tornar a afinidade como pai duplamente difícil de restabelecer.

Para um uso apropriado do material deste livro será especialmente útil ler e usar o material de duas outras publicações: DIANÉTICA: A

Ciência Moderna de Saúde Mental, por L. Ron Hubbard e o Boletim O Auditor de Dianética, N°s. 1-2, Julho-Agosto, 1950 ambos os quais contêm procedimentos padrão. O processamento de Dianética deve ser compreendido e ter sido preferentemente praticado em pelo menos vários adultos antes do auditor tentar processar uma criança.

CAPÍTULO 12

Centros de Orientação da Criança

O seguinte material pretende servir de esboço para montar Centros de Orientação de Crianças. Nenhum deste material é apresentado como definitivo. São apenas sugestões, mas elas são baseadas na aplicação prática e experiência num Centro de Orientação de Crianças na Califórnia Meridional, que já estava a operar durante vários meses quando este material foi compilado; sempre que usadas elas foram achadas sadias.

Os Centros de Orientação de Crianças podem ser estabelecidos por grupos de Dianética, por auditores profissionais ou por pais entre si em cooperação. Os centros, sempre que possível, devem ser dirigidos por pessoal leigo que se dedica ao funcionamento suave do Centro, e assiste a todos os necessários detalhes. Os centros devem empregar um ou mais (preferivelmente dois) auditores treinados especializados na orientação de crianças. Os auditores profissionais empregados devem estar livres a fim de dedicarem todo o tempo de trabalho às crianças.

Algum do material preliminar contido neste capítulo só tem a ver com pessoal leigo; o resto tem a ver com auditores profissionais que escolheram ou venham a escolher a **DIANÉTICA PARA CRIANÇAS** como especialidade.

Ambientes físicos, como os de qualquer bom jardim-escola, devem ser alegres e informais. Deve haver um quarto bastante grande onde brincar, com uma mesa para actividades de pintura com os dedos perto de uma pia de lavar as mãos. Deve haver um quarto menor para entrevistas com os pais.

O Centro deve possuir o seguinte equipamento:

Brinquedos pequenos: pelo menos três jogos de bonecas, mãe e pai, bebé, bonecos e bonecas pequenas, bonecos e bonecas maiores, polícias, bombeiros, enfermeiras, médicos, animais selvagens (leões, tigres, gatos selvagens, javalis, serpentes); animais pacíficos (cabalos, gatos, cães, elefantes, ursos), varas, cercas, matagal, garagens, casas, escolas, hospitais.

Brinquedos apropriados à idade do grupo: barro, plasticina, botões, tinta de água, bolas de pugilistas, telefones, dardos de ventosa, pontes, fogões e utensílios de cozinha, brinquedos "motorizados", carvão para desenho, quadro e giz, ferramentas e couro, trabalho de conchas, instrumentos de queima de madeira, dominós, livros de histórias.

Os brinquedos devem ser simples, e estimular a fantasia das crianças. Não exclua brinquedos feios, nem tente mantê-los em perfeitas condições. As crianças gostam de brinquedos velhos. Observe o uso que as crianças fazem dos brinquedos e o que dizem deles.

Tenha uma provisão de biberões e equipamento de esterilização simples; tenha também mobília de casa de banho, pois muitas vezes a primeira sintonia ocorre durante a educação relativa às necessidades fisiológicas.

Para a pintura a dedo: obtenha goma livre de partículas estranhas; ferva um litro até ficar muito espessa, junte uma colher de chá de sal, meia chávena de flocos de sabão enquanto está quente, 60 gramas de glicerina, e mexa bem. Têmpera a dedo: azul, vermelho, amarelo, branco, castanho e negro. Misture as suas próprias cores em pratos

de plástico: duas colheres de chá de têmpera para aproximadamente 180 gramas de goma. Misture enquanto morno. Pinte no lado liso do papel de pintura a dedo ou papel de estante acetinado, depois de o mergulhar na água. As pinturas funcionarão facilmente se o lado liso estiver ligeiramente húmido.

Faça um inventário abrangente de cada criança. O processamento da criança também leva em conta a sua casa e ambiente geral. Quando os pais entram para contar os problemas da criança, deve ser escrito um relato bastante literal do que a mãe diz. O auditor pode frequentemente localizar a restimulação, constante nesta primeira entrevista com a mãe.

Sugerem-se as perguntas seguintes, assim como outras perguntas, pois a experiência posterior pode dá-las como valiosas:

Nome e razões para escolher o primeiro nome da criança, anos, sexo, religião. A criança assiste à escola de dia? As ocupações da mãe e passatempos. A ocupação do pai e passatempos. Se ambos os pais trabalham, quem cuida da criança?

Doenças da mãe. Doenças do pai. (Frequentemente as doenças dos pais indicarão engramas de simpatia passados dos pais para as crianças por contágio da aberração, assim como ressaltadores crónicos: "Foge de ao pé do pai agora. Ele não se sente bem").

Condições durante a vida pré-natal da criança. A mãe sofreu de náusea matinal? Quedas, acidentes, outras doenças? Houve tentativa de aborto, ou duches contraceptivos depois de ficar grávida e antes da mãe estar ciente do facto? Horas em trabalho de parto? Nascimento fácil ou difícil? Foi usada anestesia? Cordão à volta do pescoço? Alguma dificuldade em conseguir que a criança respirasse?

Qual a primeira doença da criança? Alguma vez caiu da cama? Há crianças mais velhas? Alguma das crianças mais velhas esteve doente ou sofreu algum acidente antes da criança nascer? Alguma doença ou acidentes desde então? Houve alguma operação na criança? Liste-as. A criança foi ultimamente ao médico? Resumo do médico do presente estado de saúde. O sexo do bebé foi satisfatório para ambos os pais? Havia outras pessoas a morar na casa antes do bebé nascer? Quais as atitudes dessas pessoas para com a mãe que teve este bebé?

Confira indicações de somáticos crónicos:

Alimentação e digestão (se transtornados indicam usualmente uma criança rejeitada): rejeições de comida, vómitos, alergias.

Respiração: febre de feno, asma, bronquite.

Eliminação: molhar e sujar a cama.

Sexo: masturbação excessiva, outros actos sexuais, crueldades.

Hábitos nervosos: chupar no polegar, roer as unhas.

Sobre-actividade: Inquietude.

Letargia: baixa actividade física.

Períodos histéricos: Vertigens, desfalecimentos, convulsões, acessos de raiva temperamentais.

Dramatizações crónicas.

Emoções: Ansiedade e medo, impertinência, infelicidade.

Reacções sociais: Timidez, agressividade, ressentimentos, desobediência, dispositivos para obter atenção, popularidade, discussões, competição, ciúmes.

Fala: fala retardada, enunciação defeituosa, conversa de bebé, balbucia e gagueja.

Funções mentais: Pensamento bloqueado, lapsos de memória, fantasia, sonha de dia.

Compensações: acções simbólicas, obsessões, necessidades exageradas, ganância.

Jogos: Destrutivo, falta de energia, enfado completo.

Trabalho: Falta de concentração, falta de interesse, preguiça, dificuldade de aprender problemas.

Valores morais: Falta de responsabilidade, falta de auto-crítica, auto-crítica a mais, hiper-consciência, perfeccionismo, reconciliador, falsa independência, mentiras, enganos e roubos.

A quem se assemelha a criança? Ela "é parecida" com outra pessoa na casa?

A criança parece atenta quando lhe fala ou é uma vítima de "Tu nunca ouves nada do que eu digo"!

A criança tem dificuldades visuais ("não posso ver... ", etc.)?

O auditor deve desenvolver um sistema de procedimento geral para o qual as práticas seguintes foram achadas exequíveis.

Na primeira entrevista com os pais, o auditor tenta descobrir os engramas principais da criança e as dramatizações consistentes dos pais que podem ter sido sintonizados na criança.

O inventário e entrevista preliminares com os pais estabelecem comunicação através de uma atitude permissiva e escuta simpática. A afinidade pode ser aumentada através de uma pequena explicação do contágio da aberração, do pai para as crianças, para os filhos das crianças. A Dianética, agora que a remoção da aberração é possível, supera alguma culpabilidade pela implantação das aberrações, e permite aos pais ajudar as crianças, e a si próprios.

Depois da primeira entrevista com os pais a criança deve ser trazida e deixada para pelo menos três sessões com o auditor profissional. Muitas vezes será descoberto que o problema real da criança não é nenhuma das coisas que os pais estavam prontos a discutir, mas qualquer outra coisa que ignoravam ou não tinham observado.

A mãe parece super-protectora? Procure engramas de simpatia na criança ou possivelmente antagonismo do pai (ou ambos). O inverso também é verdade.

Na primeira sessão com a criança, o objectivo primário é estabelecer afinidade através da comunicação. Sem que lhe seja dito, deve-se fazer sentir à criança que não há nenhuma culpa de qualquer tipo por qualquer coisa que possa ter sido feita ou vier a ser dita. As crianças precisam de um ouvinte simpático. Ajude-as a saber que você pode ver do ponto de vista delas. Seja completamente permissivo com elas. Nunca dê instruções negativas; use sugestões positivas.

As crianças podem ainda comunicar através da cor (pintura a dedo). As crianças porão muitas vezes, sem saber, as emoções delas em papel. Deixe-as brincar com as tintas. A tinta nas tigelas de plástico evitará o medo e tentativas de as quebrar. Tenha a mesa de pintura perto do lavatório, e deixe as crianças ir à água sempre que desejarem.

Repare que as cores são escolhidas, e sobre o que as crianças falam quando usam as cores. Observe a massa (onde é colocada), forma, espaços e reacção emocional às cores usadas. As crianças pintam o que sentem.

Suspiros fundos enquanto usam a cor castanha indicam muitas vezes dificuldades em relação a treino na higiene pessoal, desgosto e um possível segurador: "Tu és mau! Senta-te já no bacio; eu ensino-te a despir as cuecas"! Muitas vezes é preciso um interrogatório muito hábil para conduzir a criança a percorrer estes incidentes. Não fique

desencorajado se durante as primeiras três sessões a criança não retorna a qualquer incidente específico.

Estabelecer afinidade e comunicação é o mais importante objectivo. Trabalhe para elevar o nível de tom da criança, e trazê-la para tempo presente. Lute para fazer do processamento um incidente de prazer para a criança, através da compreensão das dificuldades dela, e de uma atmosfera permissiva. Você verá muitas vezes que esta é a primeira vez na vida dela que lhe permitiram brincar ou expressar-se sem uma constante orientação. No princípio, se for o caso, pode ter que a ajudar um pouco no seu jogo. Contudo, verá logo que ela tem poucas dificuldades com a sua presença, assim que reconhecer que você não a vai castigar ou ralhar-lhe.

Mande-a fazer um brinquedo para si, a escola, a casa, a avó e outros lugares que ela frequenta. Onde se coloca ela nesses ambientes? Ela parece estar só, separada do resto? Nesse caso, pergunte: "Quem diz: "Estou só no mundo"? ou "Vocês agora estão todos por conta própria". Peça-lhe que lhe fale daquela vez em que ouviu a avó (ou quem quer que fosse) dizer: "Estou só no mundo" ou "Ninguém me ama". As crianças gostam usualmente de falar das coisas dramáticas que acontecem no seu mundo, e isso dar-nos-á usualmente uma imagem viva do pai e da mãe a dramatizarem.

A criança escolhe só os animais selvagens para brincar? Uma pequena teve pesadelos com um leão que a ia comer, a ela e à mãe. Retornando ao incidente que estava a causar os pesadelos, foi encontrado o pai a gritar com a mãe: "Estás-me a comer as papas na cabeça!" Na falta de compreensão da criança, "comer as papas na cabeça" tornou-se automaticamente o leão do jardim zoológico.

Uma pequena, que tinha muitas dificuldades na escola, descobriu-se que vivia com uma avó cuja frase constante era: "Não digas nada a ninguém de... (quase qualquer assunto da mãe). "Não é da conta deles".

As primeiras três entrevistas devem servir para determinar as perturbações da criança. Pela selecção dos brinquedos, o auditor pode muitas vezes determinar exactamente onde a criança está presa na banda do tempo.

Um garoto de oito anos escolhe um biberão e leva a maior parte do tempo a enchê-lo de água e com "brincadeiras de bebé?" Procure a sintonia que teve lugar durante o tempo em que ele era bebé de leite, possivelmente com a mãe a dizer: "Fica parado, já".

Consiga que a criança fale o mais cedo possível. Ela usualmente falará das coisas que a estão a aborrecer. Jogue ao "recordar" de jogos com as crianças, e deste modo percorra elos de afinidade, realidade e comunicação. Possivelmente, um dos melhores momentos para fazer isto é enquanto estão na pintura a dedo.

Uma das mais valiosas ajudas às crianças é educá-las, tratando como elas qualquer informação que tenham apanhado e que as esteja a confundir. Há confusão na mente da criança sobre morte, nascimento, casamento ou quaisquer dos outros assuntos comuns que os adultos discutem sem se preocuparem em lhe explicar? Se qualquer coisa a está a preocupar, usualmente, ou ela falará directamente sobre isso ou pintará isso nos seus jogos.

Depois das primeiras três sessões com a criança, ambos os pais deveriam vir a uma entrevista, se possível juntos, e ter uma discussão franca sobre algumas das dificuldades da criança. A criança nunca

deve estar presente em tais ocasiões para não ser restimulada e os pais impedidos de discutir matérias pessoais ou íntimas.

Nesta entrevista terá que haver muito tacto. Nenhum pai deverá ser afastado, pois haverá factores que precisam de correcção na casa. Usualmente os pais estarão dispostos a cooperar, abandonando o uso de frases muito restimulativas para a criança. Muitas vezes eles próprios estarão ansiosos por processamento a fim de superar as suas dramatizações. Neste momento, deveria ser muito explicado aos pais que, dar à criança uma libertação, pode dar muito trabalho tanto ao auditor como a eles. Nalguns casos é possível libertar uma criança em muito poucas sessões; em muitos outros, pode levar meses. Por isso, não deve ser feita qualquer previsão do tempo necessário para libertar a criança. Isto é especialmente importante quando são processadas crianças cujos pais as trouxeram por razões específicas.

Em DIANÉTICA PARA CRIANÇAS é necessário que o auditor tenha uma afinidade natural por crianças, mais uma capacidade para reconhecer as crianças no próprio nível delas. Os auditores que ficam impacientes com crianças não podem esperar realizar um processamento eficiente.

Além das entrevistas e processamento profissional, é sensato organizar actividades de jogos de grupo para várias crianças sob observação e supervisão de observadores treinados.

Os observadores devem registar a actividade e conversas das crianças que brincam num grupo. Depois o auditor avaliará as observações, e fará recomendações aos pais ou outros que tomam conta das crianças. Uma observação deste tipo não é tão valiosa nem tão exacta como a obtida durante o processamento de Dianética de uma criança, mas pode ser utilizada com muita eficácia onde parece não haver aberração extrema ou urgente.

Para o centro de orientação com actividades de grupo, serão precisos brinquedos maiores, como balouços, carrosséis, caixas de areia, pás, baldes e jogos que aumentam a cooperação. Haverá mais orientação das crianças nos jogos, e um esforço definido para aumentar qualquer perícia especial ou talento que as crianças possam exibir.

A partir destes grupos é muitas vezes possível seleccionar a criança ou crianças com mais falta de processamento. Qualquer criança, que é uma constante inadaptada do grupo, ver-se-á que sofre de engramas restimulados, e deve ter processamento privado.

Em geral, em qualquer comunidade onde os cidadãos o desejarem, podem ser montados Centros de Orientação de Crianças com ofertas voluntárias de tempo e propriedade. Isto limita as despesas correntes do emprego de auditores e especialistas na supervisão de crianças.

Onde quer que seja possível, um orçamento maior permitirá uma manutenção mais eficiente e sistemática de serviços à comunidade e suas crianças.

CAPÍTULO 13

Resumo

A. Dianética preventiva

1. Observe silêncio durante, e vários minutos depois de momentos de dor e anaten em todas as idades. Especialmente importantes são:
Vida pré-natal:

Esteja calado durante e depois do acto sexual.

Durante a gravidez esteja calado nos momentos de lesão, durante aplicações de primeiros socorros, exames médicos, doença e operações que envolvem a mãe expectante.

Esteja calado, mas prestável depois de choques eléctricos, pancadas e estremecções no corpo da mãe.

Fique calado quando a mãe tosse ou espirra.

Consiga silêncio quando uma anestesia geral é administrada à mãe. Quando há escolha, a anestesia local é sempre preferível.

Se as suas aberrações, ambiente ou círculo social o compelem a beber em excesso, pela posteridade aprenda a fazer isso em completo silêncio.

Nascimento:

1. Consiga silêncio absoluto durante o trabalho de parto e nascimento.
2. Observe silêncio durante momentos de perturbação emocional que envolvem a mãe expectante ou a criança. Durante momentos de choro ou temor, esfregue as costas do preclaro firme e suavemente, de preferência em contacto com a pele, mas esteja calado, e faça todos os movimentos físicos lenta e comprehensivelmente. Não discuta com a mãe ou com a criança, nem onde elas o possam ouvir.
3. Previna a restimulação em todas as idades, anotando as dramatizações e os restimuladores. Abstenha-se de usar restimuladores; use-os noutras palavras, mude o ambiente restimulativo. Previna as computações de simpatia.
4. Exprima sempre afinidade pela criança, permita-lhe o seu próprio sentido de realidade; permita-lhe comunicar.
5. Discipline a criança no silêncio. Explique-lhe as razões dessa disciplina, antes ou depois de dor e anaten.

B. Dianética educacional

1. Forneça sempre ao analisador dados relativamente correctos.
2. Forneça informação sobre Dianética a todos envolvidos. É especialmente importante educar o médico, enfermeiras e mães quanto à necessidade desesperada de um parto silencioso e natural, e quanto a necessidade de cuidado com o silêncio ao manejear o bebé recém-nascido.
3. Estabeleça metas para a criança, especialmente a da maioridade.
4. Estabeleça um programa definido para adquirir perícia corporal, e use a orientação sem força.

C. Dianética Primeira Ajuda

1. Além dos cuidados médicos apropriados, percorra a criança em devaneio, se possível imediatamente depois de momentos de dor e anaten, assim que o analisador estiver outra vez a funcionar. Com crianças menores, em lugar de devaneio use técnica de memória de linha directa: "o que aconteceu?", e faça isso até a criança ficar aborrecida ou divertida.

2. Além da primeira ajuda do médico, ensine a criança a percorrer pancadas menores, queimaduras e arranhões, imediatamente depois de os receber. (Fecha os olhos e retorna ao momento da lesão, e corre isso várias vezes com tantos percépticos quanto possível).

3. Mantenha registos dos momentos engrâmicos, perturbações emocionais durante a vida pré-natal, e antes da disponibilidade da criança para processamento; mantenha também registos dos membros da casa e suas dramatizações. Seja tão exacto quanto possível. Estes registos devem estar disponíveis para o auditor da criança, quando estiver pronta para o processamento.

D. Processamento de Dianética

1. a partir do momento em que a criança começa a falar, use a técnica de memória de linha directa em elos, controlos e mudanças de valência.

2. Não invalide o sentido de realidade da criança; honre o Código do Auditor.

3. Reorienta semanticamente a criança, tratando a recepção original de informação defeituosa como elos.

4. A partir da idade de 8 anos, percorra a criança em devaneio: prazer, desgosto e elos.

5. A partir da idade de 12 anos, processe a criança e use o procedimento padrão como esboçado em A CIÊNCIA DA SOBREVIVÊNCIA: Técnicas de Dianética simplificadas, mais rápidas.

6. Reformule qualquer termo de Dianética se contém carga para a criança, ou trate a recepção da carga como um elo.

E. Coisas para recordar

1. Reconheça que a autoridade para identificar e tratar doenças orgânicas, infecciosas, é o seu médico. Se possível, escolha um que seja Dianeticista ou que saiba de Dianética.

2. Esteja familiarizado com os métodos médicos de primeiros socorros.

3. Observe os preceitos da medicina preventiva e nutrição eficientes.

FIM

Apêndice

O Código do Auditor *

O auditor conduz-se de maneira a manter uma óptima afinidade, comunicação e concordância com o pré-claro.

O auditor é digno de confiança. Ele comprehende que o pré-claro depositou na confiança do auditor a sua esperança por uma sanidade e felicidade mais altas, e que a confiança é sagrada e nunca traída.

O auditor é cortês. Respeita o pré-claro como um ser humano. Respeita a autodeterminação do pré-claro. Respeita a sua própria posição como auditor. Expressa este respeito com uma conduta cortês.

O auditor é corajoso. Nunca falta ao seu dever para com um caso. Nunca deixa de usar o procedimento óptimo sem olhar a qualquer conduta alarmante da parte do pré-claro.

O auditor nunca avalia o caso para o pré-claro. Abstém-se disto sabendo que computar para o pré-claro é inibir a computação do próprio preclaro. Sabe que refrescar a mente do preclaro sobre o que aconteceu antes é fazer o pré-claro depender gravemente do auditor, e assim minar a autodeterminação do pré-claro.

O auditor nunca invalida quaisquer dados ou a personalidade do pré-claro. Ele sabe que fazendo isso iria perturbar seriamente o pré-claro. Abstém-se de criticar e invalidar não importa quanto o sentido de realidade do auditor é distorcido ou abalado pelos incidentes ou expressão oral do preclaro.

O auditor usa apenas técnicas projectadas para restaurar a autodeterminação do pré-claro. Ele abstém-se de toda e qualquer conduta autoritária ou dominante, conduzindo sempre em lugar de forçar. Abstém-se do uso de hipnotismo ou sedativos no pré-claro, não importa quanto o pré-claro os possa exigir por causa da aberração. Ele nunca abandona o pré-claro por acanhamento quanto à capacidade das técnicas para solucionar o caso, mas persiste e continua a restabelecer a autodeterminação do preclaro. O auditor mantém-se informado sobre qualquer nova perícia na ciência.

O auditor cuida de si próprio como auditor. Trabalhando com outros, ele mantém o seu próprio processamento a intervalos regulares a fim de manter ou elevar a sua própria posição na escala de tom, apesar de sofrer de restimulação devido ao processo de auditar outros. Ele sabe que o fracasso em cuidar do seu próprio processamento, até ele próprio ser uma liberto ou um claro no mais severo significado dos termos, custa ao pré-claro o benefício do seu melhor desempenho como auditor.

*Da CIÊNCIA DA SOBREVIVÊNCIA: Técnicas de Dianética Simplificadas, mais Rápidas.

Glossário

- ABERRAÇÃO:** Qualquer divergência da racionalidade.
- AFINIDADE:** Coesão entre indivíduos, ou entre um indivíduo e o universo; uma força de atracção que opera no sentido de os puxar para relações mais próximas.
- ALIADO:** A pessoa que trouxe simpatia quando o pré-claro estava doente ou magoado. Uma vez que o propósito do aliado é alinhado com a sobrevivência do indivíduo, a mente reactiva computa que, tudo o que o aliado faz ou diz é certo, especialmente o que aliado disse no engrama.
- ANATEN** (neologismo para ANALÍTICO ATENUADO): Atenuação parcial ou completa das funções da mente analítica; paralisação do analisador.
- APAGAR:** Remover completamente a dor e inconsciência de um engrama, e remover ou re-arquivar na memória padrão os outros percépticos contidos no engrama.
- ARC:** A inter-relação de afinidade, realidade e comunicação. O triângulo de Dianética.
- ÁREA BÁSICA:** Aquela secção da banda do tempo que se estende do primeiro momento de consciência perceptiva até cerca de duas semanas depois da concepção.
- ÁREA PRÉ-NATAL:** Aquela secção da banda do tempo que se estende do primeiro momento de consciência perceptual, ao nascimento.
- ASSISTÊNCIA:** A redução da dor actual através de métodos de Dianética.
- AUDIÇÃO:** Ouvir, computar e guiar o pré-claro com a intenção de o ajudar a solucionar o caso dele.
- AUDITOR:** Um indivíduo que aplica o processamento de Dianética.
- BANCO de ENGRAMAS PRÉ-NATAL:** Conteúdo de todos os engramas da área pré-natal.
- BANCO PADRÃO:** Aquela porção da mente que armazena todo os dados não engrâmicos.
- BANCO REACTIVO:** Conteúdo de engramas desde o início da vida até ao tempo presente.
- BANCO TARDIO:** As gravações reactivas de um indivíduo desde a nascença ao tempo presente. A maioria dos engramas de dor física ocorre antes do nascimento.
- BANDA DO TEMPO:** a ordem cronológica dos eventos ocorridos na vida de um indivíduo. O registo total de experiências desde o primeiro momento de consciência perceptual até ao tempo presente.
- BÁSICO, BÁSICO:** Aquele engrama que é o engrama básico da cadeia básica. Uma cadeia básica é aquela cadeia que tem origem muito cedo no banco de engramas. O básico, básico é por isso o primeiro engrama do banco.
- BLOCO:** Uma negação de expressão por comandos de engramas ou circuitos.
- BOTÃO:** Qualquer restimulador simples que leva um indivíduo a ordenar uma dramatização específica, óbvia.
- CARGA:** A força aberrativa de um engrama. Esta força é aumentada por elos e engramas secundários da mesma cadeia.

CASO JÚNIOR: Um pré-claro que reactivamente se confunde com um parente ou amigo cujo nome lhe foi posto a ele, nome esse que está no seu banco de engramas.

CIRCUITO DE CONTROLO: Um circuito demónio que estabelece controle sobre o indivíduo através de comandos de engramas, tais como: "Tens que te controlar", "Tens que dar um aperto em ti próprio", "Tens que te segurar", etc.

CIRCUITO: Termo abreviado para circuito demónio. Um comando de engrama em restimulação constante, que usa uma parte da mente analítica para puxar e computar informação armazenada no banco padrão de memória. A frase de comando contém ou implica a palavra tu: "Tu tens que parar para pensar", "Não faças isso"; ou pode ser um comando indireto como "Ver é acreditar".

CLARIFICAR: O processo de apagar todos os engramas, secundários e elos do banco reactivo de um indivíduo, através de técnicas de Dianética.

CLARO: Sem engramas, secundários ou elos.

CÓDIGO do AUDITOR: Um código empregado pelo auditor na sua relação com o pré-claro a fim de assegurar a facilidade no percurso do caso. (Veja CIÊNCIA DA SOBREVIVÊNCIA: Técnicas de Dianética Simplificadas, mais Rápidas, L. Ron Hubbard, 1951).

COMANDO de ENGRAMA: Material verbal de um engrama. Tem uma força compulsiva que faz o organismo obedecer ao comando. Se não obedecer, o indivíduo sofre a dor contida no engrama.

COMPUTAÇÃO de SIMPATIA: Uma conclusão reactiva em que a forma de obter simpatia, e por conseguinte sobrevivência, é sofrer a dor envolvida no engrama, ou obedecer aos seus comandos.

COMPUTAÇÃO: Avaliação de dados, colocação e solução de problemas.

COMUNICAÇÃO: A transmissão de dados de indivíduo para indivíduo, de uma parte do universo para o indivíduo, ou das gravações de memória para o "eu" do indivíduo.

CONTÁGIO DA ABERRAÇÃO: A transmissão sob tensão de engramas dramatizados, a alguém que está anaten. Por isso os engramas passam de um indivíduo para o outro, vagueando por uma sociedade inteira. (Veja CIÊNCIA DA SOBREVIVÊNCIA: Técnicas de Dianética mais Rápidas, Simplificadas, L. Ron Hubbard, 1951).

DESGOSTO: Emoção dolorosa que resulta da perda de afinidade. Durante o processamento o desgosto liberta-se em lágrimas.

DESINTENSIFICAÇÃO: A redução parcial de uma parte ou do todo de um engrama.

DESSINTONIA: a desintensificação do efeito aberrativo ou somático de um engrama, através da recordação do primeiro elo, ou sintonia.

DEVANEIO: Em Dianética, o estado alcançado retirando a atenção do tempo presente e virando-a para a recordação de experiências passadas, tarefa facilitada pelo fechar dos olhos. Um único período ou sessão de processamento.

DIANÉTICA PARA CRIANÇAS: Aquele ramo da Dianética que se ocupa de promover a sobrevivência óptima do organismo humano imaturo, até ao momento em que o procedimento padrão para adultos pode ser empregado, a fim de apagar engramas, habitualmente por volta dos doze anos de idade.

DIANÉTICA PREVENTIVA: Aquele ramo da Dianética que tem a ver com a prevenção da ocorrência, restimulação e carga de engramas.

DIANÉTICA: A ciência e técnicas, conforme descobertas e organizadas por L. Ron Hubbard; a ciência da existência e sobrevivência óptimas.

DINÂMICA: A motivação básica de um organismo, a sobrevivência. Pode ser subdividida: 1. Individual, 2. Sexo e filhos, 3. Grupo e sociedade, 4. Género humano.

DOBRAGEM: Material, colorido pela imaginação, apresentado por um pré-claro durante o processamento. Este material é habitualmente associado e derivado do verdadeiro conteúdo de percéptico de um engrama, e serve para dar ao engrama um colorido imaginativo. O Vídeo pré-natal é um exemplo de dobragem.

DRAMATIZAÇÃO: A representação (fazendo ou dizendo) de uma ou mais valências de um engrama restimulado.

ELO: Um incidente que, por causa do conteúdo de percépticos semelhantes, activa ou restimula um engrama.

ESTOIRAR ELOS: Uma remoção de anaten e emoção, dos elos, penetrando-os e provocando a análise espontânea do seu conteúdo pelo analisador. (Veja ELO)

«Eu»: Aquela parte do analisador que nós chamamos o monitor, e que constitui o centro de consciência do eu e da vida; o centro da consciência como é classicamente definido.

FECHO: Um comando engrâmico que bloqueia a experiência de um ou mais percépticos ou emoções.

FUNDAÇÃO de DIANÉTICA HUBBARD, SARL: A Fundação foi licenciada como uma corporação de pesquisa científica. O seu objectivo e propósito principais, conforme a escritura, é "conduzir a pesquisa no campo da mente, do pensamento e acção humanos".

INCONSCIÊNCIA: Veja Anaten.

INSTALAR: O processo de registo como conteúdo engrâmico.

INVALIDAÇÃO: Uma negação da verdade ou sabedoria de palavras, pensamentos, acções, percepções ou recordações de percépticos de uma pessoa.

MENTE ANALÍTICA, ANALISADOR: Aquela função da mente que percebe e retém dados a fim de propor e solucionar problemas, e dirigir o organismo através das dinâmicas. Pensa em diferenças e semelhanças.

MENTE REACTIVA: Aquela função da mente que arquiva e retém dor física e emoção dolorosa, e busca dirigir o organismo somente numa base de estímulo-resposta. Só pensa em identidades.

MUDADOR de VALÊNCIA: Um comando engrâmico que força o pré-claro a mudar para uma valência diferente da sua própria.

MULTIVALÊNCIA: A assunção das características de duas ou mais valências.

NÍVEL de NECESSIDADE: A capacidade de superar os engramas quando há ameaça, imediata e extrema, à sobrevivência.

PERCÉPTICO: Um neologismo para qualquer mensagem dos sentidos, como visão, som, cheiro, etc.

PERCORRER: Passar por processamento.

PERDA: Qualquer redução do potencial de sobrevivência, incluindo especialmente a diminuição ou quebra de afinidade.

PERSONALIDADE BÁSICA: O padrão genético de personalidade do indivíduo, e aquela parte da mente que forma a sua base. A personalidade básica é mascarada em maior ou menor grau por aberrações.

- PRAZER, MOMENTO de PRAZER: Um incidente contendo prazer para o pré-claro, reexperimentado durante o processamento.
- PRÉ-CLARO: Uma pessoa que está a receber processamento de Dianética.
- PRESO: O estado de ter um número apreciável de unidades de atenção contidas num incidente engrâmico.
- PROCEDIMENTO PADRÃO: A rotina aprovada para auditar adultos, conforme a CIÊNCIA DA SOBREVIVÊNCIA: Técnicas de Dianética Simplificadas, mais Rápidas, e o BOLETIM de O AUDITOR de DIANÉTICA.
- PROCESSAMENTO, PROCESSAR: A aplicação de métodos de Dianética por uma auditor com vista a libertar ou clarificar um pré-claro.
- QUEBRA DE ARC: Afinidade, realidade ou comunicação forçada ou inibida.
- REALIDADE: Num indivíduo, aquilo que concorda com as suas percepções, computações e educação. Entre duas pessoas, aquilo com que elas podem concordar. Um indivíduo, com quem toda a gente discordasse, perderia todo o sentido de realidade.
- RECORDAÇÃO de VÍSIO: Recordação de uma visão passada através do "olho da mente".
- RECORDAÇÃO SÓNICA: Recordação ouvindo um som passado com o "ouvido da mente".
- RECORDAR: Reexperimentar percépticos passados.
- REDUÇÃO: A remoção da dor registada num engrama. O pré-claro, sob condições favoráveis, deve subir para o tom 4. (Veja TOM).
- RESSALTADOR: Um engrama que contém a espécie de frases "não posso ficar aqui", "Sai daqui!" e outras frases que não permitem que o preclear continue perto dele, devolvendo-o para o tempo presente.
- RESTIMULAÇÃO: O efeito de um padrão de percépticos correntes que levam o poder aberrativo de um ou mais engramas a afectar o comportamento presente.
- RESTIMULADOR: Qualquer palavra, frase ou percéptico, semelhante ou associado ao conteúdo de um engrama, que tem o efeito de colocar o engrama em restimulação.
- RETORNO, RETORNAR: O processo de focar a atenção da pessoa num incidente do passado ao ponto desse incidente ser reexperimentado com as suas visões originais, sons e outros percépticos.
- SEGUNDA DINÂMICA: O impulso do indivíduo para a sobrevivência através da procriação. Inclui o acto sexual e a educação de crianças.
- SEGURADOR: Uma espécie de comando. Este inclui coisas como "fica aqui," "senta-te aí mesmo e pensa nisto", "volta e senta-te," "eu não posso ir," "eu não devo partir," etc
- SINTONIA: O primeiro elo num engrama. Ele activa esse engrama.
- SOMÁTICO CRÓNICO: Uma reprodução, constante ou periódica da dor física original sofrida numa situação engramática.
- SOMÁTICO: Uma reprodução de dor física experimentada no passado.
- TÉCNICA de MEMÓRIA de LINHA DIRECTA OU "FIO DIRECTO": O processo de perguntas segundo o qual um pré-claro, enquanto em tempo presente, é capaz de recuperar e computar dados passados.
- TERROR: Medo extremo. Durante o processamento o terror pode libertar-se parcialmente como riso prolongado.
- TOM: Um estado mental deduzido da observação do comportamento, arbitrariamente graduado de 0.1 (morte próxima), passando por 0.5

(apatia), 1.5 (raiva), 2.5 (enfado), 3.0 (bem-estar geral) a tom 4.0 (felicidade óptima).

TRIÂNGULO: Um símbolo usado para sugerir a interacção de afinidade, realidade e comunicação. Uma diminuição de um aspecto do triângulo resulta na diminuição dos outros dois. O sucesso no aumento de um destes aspectos resultará logo na melhoria semelhante dos outros dois. Também às vezes usado como símbolo de taquigrafia para Dianética, uma vez que a letra grega Delta é um triângulo.

Uma gravação que contém todos os percépticos num incidente de inconsciência e/ou de dor, provavelmente nas células do corpo.

UNIDADE de ATENÇÃO: Um postulado útil que designa secções individuais de consciência. O postulado não tenciona implicar que a atenção seja necessariamente divisível em unidades distintas. As unidades de atenção podem ser dirigidas em maior ou menor quantidade para qualquer percéptico de tempo presente ou qualquer ponto da banda do tempo. Elas podem estar presas em engramas de dor ou engramas de emoção por seguradores, convocadores e frases de accção semelhantes.

VALÊNCIA: A personalidade e/ou características de uma pessoa ou um objecto. Valência vencedora é o papel dominante ou com mais êxito.

A História de Dianética

L. Ron Hubbard, o originador e fundador da Dianética, é um produto da era atómica. No início dos anos 30, na Universidade de George Washington, foi inaugurado um dos primeiros cursos sobre "fenómenos atómicos e moleculares" (agora chamada física nuclear).

Hubbard, como membro daquele curso, tornou-se um dos primeiros estudantes de "física nuclear" da América.

O sonho dos colegas era desbloquear a energia do átomo com o conhecimento da energia básica. O sonho de L. Ron Hubbard era utilizar este conhecimento para descobrir as equações básicas da força da vida, para ele, simplesmente outro tipo de energia. Ambos eram sonhos incríveis. Um daria ao Homem a conquista de tempo e espaço. O outro lhe daria a conquista da aberração, da doença e até da própria morte, pois a morte poderia ser concebida como uma partida de energia de um recipiente danificado, o corpo.

Num mundo tão cheio de ódio, como o foi nas últimas duas décadas, a libertação desses gigantescos depósitos de energia que poderia ser realizada pela fissão do átomo, não podia, para um ser humano com a visão de Hubbard, significar nada a não ser o caos, a menos que o enigma da energia da vida, e com isso o próprio ódio, também pudesse ser solucionado. Ambos têm que subir juntos no mundo.

Para Hubbard, fundamentado na física nuclear e matemática, o mundo, o Homem e a própria Vida, pareciam o melhor laboratório que alguém poderia desejar. As respostas para o enigma da Vida assentam num exame da vivência, não em tubos de ensaio ou livros. Ele comandou três expedições, tornou-se membro do Clube de Exploradores, estudou doze culturas diferentes que incluem as da Ásia e questionou templos esquecidos, cidades enterradas e neves eternas. E ainda estudou como oficial naval, no caldeirão da Segunda Guerra Mundial. Os seus estudos e pesquisas foram recompensados com as respostas às suas perguntas.

Em Agosto de 1945 os colegas de Hubbard lançaram em Hiroshima uma bomba atómica, e a onda de choque repercutiu-se para além do Japão. É que, com aquela arma, o mundo estava em perigo.

Naquele preciso momento, nos cadernos de Hubbard, foi escrito o fruto de todos esses anos de paciente investigação. Uma chamada telefónica para Washington teria colocado outra arma nas mãos da política.

Todas as coisas novas, nas mãos de homens irreflectidos, são primeiro usadas para destruição. A pólvora foi utilizada para dinamitar a segurança de cidades muradas muito antes de começar a ser usada para ajudar o homem, como no caso da indústria mineira. Parecia a Hubbard que era isto o que tinha acontecido à fissão atómica. Aqui estava o conhecimento necessário para enviar o Homem mesmo para as estrelas, uma fonte de energia enorme que ajudaria a raça a conquistar o universo físico. E os políticos tinham usado o conhecimento da fissão, ganho no duro, para despedaçar uma cidade adormecida, e desse modo destruir todos os Homens.

A Dianética tinha chegado em 1945 a um nível em que poderia destruir, ao ponto das fórmulas de energia da vida poderem extinguir a sanidade como soprar uma vela, da mesma maneira que a fissão atómica poderá arrasar uma nação. Hubbard julgou que não era bastante. Logo atrás deste ponto ficaria a tecnologia adicional

necessária para aplicar as fórmulas de energia a usar para restabelecer as vidas decadentes dos homens, para defender a sua sanidade.

A diferença é que estava nas mãos de Hubbard escolher. Através da escola e durante todos os anos seguintes, ele tinha apoiado as suas próprias pesquisas numa pena habilidosa. Quando podia ter tido fundos para o seu trabalho, recusou-os e, ao invés, virou-se para a sua máquina de escrever. Ele escreveu, ele explorou, ele fez o que pôde para pagar o seu próprio caminho.

Ele próprio uma baixa na Segunda Guerra Mundial, trabalha ainda assim durante o último ano do conflito num hospital, e estuda no duro para levantar a Dianética da categoria da pólvora e da guerra, para um nível construtivo.

Em 1946 teve o vislumbre de um uso construtivo. Em 1947 tinha descoberto como esta energia incontrolável poderia ser suavizada e reorganizada numa mente para que o pensamento ficasse são, e não louco. Ele tinha descoberto como esta energia governava as funções do corpo. E poderia tornar um homem melhor do que alguma vez tinha sido antes, física e mentalmente. Ainda assim, ele não avançou com a edição da Dianética.

Ele tinha saído da guerra veterano inválido, sem fundos ou um emprego, o seu padrão de vida espatifou-se como o de milhões de outros. O problema dele era o problema padrão do pão de cada dia. Ele quis desesperadamente continuar as pesquisas até obter uma ciência construtiva, e não outra ameaça à existência do Homem. Mas face a todas as suas necessidades, não comercializaria as suas descobertas. Ele contava bem os tostões. Embora escrever lhe causasse dor considerável por causa da lesão nos olhos e nas costas, escreveu bastantes histórias a fim de ajudar o seu trabalho. Um outro físico nuclear, editando uma revista de ficção científica, deu luz verde ao manuscrito de Hubbard, fornecendo-lhe escassos fundos com que continuar uma formulação da Dianética, um hiato que iria algum dia deixar os homens irreflectidos chamar a Hubbard um "escritor" de ficção científica.

Hubbard trabalhou duramente para o conhecimento que se tornaria "processamento" de Dianética. Ele persuadiu outros veteranos a servirem como objectos de investigação.

Por volta de 1947 esfalfou-se a trabalhar, e, na pobreza, achou que tinha o lampejo de um processo exequível. Por volta de 1948 tinha a forma completa da Dianética, e escreveu um tratado erudito sobre o tema para as sociedades médicas e psiquiátricas, que lhes foi oferecido sem reservas. E tinha testes de casos a apoiar as suas reivindicações. Ele solucionou a aberração mental e doenças psicossomáticas, e as causas básicas do comportamento humano.

O seu trabalho, produzido com esse sacrifício tenaz, foi ignorado.

Em 1949 Hubbard tinha aplicado o processo a si próprio ao ponto de poder ver outra vez e sentar-se a uma máquina de escrever. Ficou melhor fisicamente até que ultrapassou todo um combate físico, perdendo a sua reforma da marinha.

Ficou sem qualquer recurso, a não ser as suas próprias publicações habituais. O amigo dele, editor de física nuclear, persuadiu-o a fazer uma publicação popular do trabalho.

Eles julgaram que havia duas maneiras para divulgar uma descoberta: a diários científicos, e ao próprio público. Ele foi forçado a escolher a última.

Uma das maiores casas de livros psiquiátricos ofereceu-se para publicar um texto popular, se Hubbard o pudesse fazer suficientemente popular. O seu sonho de três anos para escrever o livro calmamente, vacilou. O editor exigiu de imediato um manuscrito ou nenhum em absoluto. Hubbard deitou mãos à obra. O editor obteve o manuscrito de 180,000 palavras, escritas em três semanas.

O livro apareceu em Maio de 1950. Escalou imediatamente ao topo da lista de best-sellers por todo o país.

Os problemas de Hubbard apenas tinham começado. O mundo desaguou à sua porta. As pessoas, que tinha sido "casos desesperados" para a medicina e psiquiatria, começaram a melhorar.

Unidades de serviços, que foram chamadas de Fundações, foram organizadas nas principais cidades. Hubbard tentou encontrar a administração adequada para cuidar da tarefa de treinar pessoas e tratá-las, mas nenhuma administração poderia ter resistido a esse choque.

Uma psiquiatria, precipitadamente mobilizada, apressou ferozmente a impressão em todas as revistas disponíveis, explosões alarmantes contra a Dianética.

Um Hubbard esfalfado tentou deixá-los delirar, e continuou a melhorar a Dianética. Finalmente, no meio da exasperação com os ataques, obteve a validação completa da Dianética. Nenhuma psicoterapia tinha alguma vez sido chamada a validar, e, de facto, jamais foi validada. Mas a Dianética foi. As suas reivindicações básicas de elevar a inteligência e a eficiência foram provadas com um rigor tão completo, que até Menninger (psiquiatra famoso) se remeteu de súbito a um silêncio surpreso e espantado, e recusou apressadamente deixar a psiquiatria ser testada juntamente com a Dianética.

Contudo, as Fundações neste tempo pareciam mais saldos de salvados do que instituições científicas, e Hubbard atirou-se à tarefa de as consolidar numa unidade de serviço central em Wichita, no Kansas.

O coração sólido e real da Dianética, apesar do sensacionalismo injectado no primeiro livro, apesar de uma imprensa cínica, começou a manifestar-se. Hubbard avançou com as suas técnicas ao ponto da sua prática ter êxito em mãos menos competentes, e um período de crescimento uniforme foi iniciado.

Ocasionalmente ele promete a si próprio uma expedição aos lugares distantes do mundo, à tundra do Alaska ou às Montanhas da Lua, e abandona-as todas as vezes.

A sua área de exploração é a fronteira do Homem. Ele já traçou um caminho bastante largo para algum dia parar a guerra e mudar totalmente a nossa ordem social.

O EDITOR.

A Dianética E A Linguagem

Uma pessoa pode considerar que as missões da energia da Vida, ou pelo menos uma delas, é a criação, conservação, manutenção, aquisição, destruição, mudança, ocupação, agrupamento e dispersão de matéria, energia, espaço e tempo, que são os factores componentes do universo material.

Na medida em que um indivíduo mantém a sua própria convicção na sua capacidade de manejar o universo físico e organismos à sua volta e os controlar se necessário ou trabalhar em harmonia com eles, e tornar-se competente com e no universo físico do seu ambiente, ele permanece saudável, estável, equilibrado e alegre. Só depois de descobrir a sua incapacidade de manejar organismos, matéria, energia, espaço e tempo, e quando estas coisas lhe provocaram dores agudas, é que ele começa a declinar fisicamente, a ficar mentalmente menos competente e a falhar na vida. Estas questões apontam para a reabilitação da sua capacidade de manejar organismos e o universo físico.

Antes da Dianética havia o erro de considerar um indivíduo saudável na medida em que se ajustava ao ambiente. Nada poderia ser menos funcional do que este postulado de "adaptação", e ninguém se preocupou em compará-lo com a realidade ou teria descoberto que o sucesso do homem depende da sua capacidade de dominar e mudar o ambiente. O homem tem sucesso porque ajusta o ambiente a si, e não porque se ajuste ele próprio ao ambiente. O postulado de "ajustar-se" é, de facto, viciosamente perigoso, uma vez que busca doutrinar o indivíduo na convicção de que deve ser um escravo do ambiente. A filosofia é perigosa porque as pessoas assim doutrinadas podem ser escravizadas no último de todos os cemitérios, um estado previdêncio. Contudo, este postulado é muito cómodo, no caso de a pessoa desejar dominar ou anular seres humanos para os seus próprios fins. O esforço na direcção de ajustar os homens ao seu ambiente dando-lhes "treino social", castigando-os se eles são maus e tentando de outro modo subjugá-los e dobrá-los, encheu as prisões e manicómios da sociedade até à rotura. Se alguém se tivesse preocupado em olhar para o universo real, teria encontrado esta verdade: nenhum organismo vivente pode ser dobrado pela força a um estado de adaptação, e ainda permanecer capaz e amável. Qualquer treinador de cavalos sabe, por exemplo, que o cavalo não deve ser empurrado ou forçado à submissão, se desejarmos reter as suas capacidades, mas, como costumava dizer-se no exército, as mulas são mais caras do que os homens, e talvez não interessasse ao pensamento anterior à Dianética manter os homens num estado de felicidade. Contudo, não devemos ser muito severos com estas escolas anteriores de pensamento, uma vez que não tinham qualquer conhecimento das leis naturais do pensamento, e, na ausência delas, os criminosos só podem ser castigados e não curados, e os loucos só podem ser guiados para baixo para os últimos sedimentos da docilidade. De acordo com essas escolas de pensamento, quanto mais próximos da morte melhor, como testemunha a "terapia" de choques eléctricos e a cirurgia do cérebro, esses esforços dos homens da medicina mental para se aproximarem da eutanásia tanto quanto possível sem cruzar a fronteira da legalidade da morte. Estas escolas do passado foram agora postas debaixo das asas da Dianética, que envolve todos os campos do

pensamento, e estão a ser reeducadas. Descobriu-se que elas depressa abandonam as "terapias" do castigo, assim que compreendam completamente que elas não são necessárias, agora que as leis naturais do pensamento e comportamento são conhecidas. Contudo, não se pode reprimir completamente um calafrio quanto ao destino das centenas de milhares de cobaias humanos, cujas vidas e pessoas foram arruinadas pelos métodos da eutanásia empregada nas idades obscuras da irracionalidade.

A nossa saúde depende quase inteiramente da confiança na capacidade de manejar o universo físico à nossa volta, e de mudar e ajustar o ambiente, de forma a podermos sobreviver nele. É de facto uma ilusão o facto de não podermos manejar o ambiente habilmente, uma ilusão implantada no passado por pessoas aberradas, em momentos de inconsciência, sem que nos pudéssemos defender ou quando éramos pequenos, e fomos dirigidos e desencaminhados, e fomos provocada dor, pesar e perturbação, e não houve forma de exercermos o direito a manejar-nos a nós próprios no nosso ambiente.

No Lago de Tanganica, os nativos têm uma maneira muito interessante de apanhar peixe. Lá no equador o sol brilha directamente pela água clara abaixo. Os nativos levam blocos de madeira e amarram-nos ao longo de uma corda comprida. Eles estiram esta corda entre duas canoas, e com elas lado a lado, começam a remar para os baixios. Ao alcançarem os baixios, os cardumes são apinhados e aglomerados nas rochas e na praia. Os blocos de madeira da corda fizeram sombras que se projectaram no fundo do lago, e o peixe vendo a aproximação destas sombras e as barras aparentemente sólidas que elas formam na água, fugiram delas e foram apanhados.

Um homem pode ser guiado, assolado e trabalhado por pessoas aberradas vizinhas, até também ele conceber as sombras como uma realidade. Se simplesmente as alcançar, descobrirá como são finas e penetráveis. Contudo, o seu curso habitual é fugir delas e encontrar-se por fim nas sombras da má saúde, sonhos despedaçados e uma absoluta renúncia dele próprio e do universo físico.

Um antecedente mecânico considerável da acção e peculiaridades da energia do pensamento permite as seguintes listas provocarem o estado melhorado de ser, quando correctamente usadas; mas acima destes aspectos mecânicos, o simples reconhecimento de que houve momentos na vida da pessoa em que foi necessário controlar o universo físico onde ele estava em harmonia com os organismos à volta dele, validam a realidade da sua capacidade.

Apanhado pela ilusão das palavras, forçado à obediência quando criança através de meios físicos, o homem está sujeito à sua maior sombra e ilusão, a linguagem. As palavras, vigorosamente faladas, "Vem cá"! não têm verdadeira capacidade física para puxar o indivíduo para o mandador. Contudo ele pode aproximar-se, embora possa ter medo de o fazer. Ele é impelido a aproximar-se, porque foi tantas vezes obrigado com "vem cá" à força física no período inicial da sua vida enquanto as palavras "vem cá" eram ditas, que ficou treinado a obedecer a um sinal muito como um cão. A força física que o fez aproximar desaparece, e em seu lugar está a sombra "vem cá"; por isso, naquela medida, ele perde a autodeterminação no assunto "vem cá". À medida que a vida avança, ele comete o grande erro de supor que toda e qualquer palavra, tem força e importância. Com palavras, os que o rodeiam, plantam as suas gaiolas de sombras. Eles

restringem-no de fazer isto; eles compelem-no a fazer aquilo, e quase de hora a hora e dia a dia ele é dirigido por torrentes de palavras que na sociedade comum não são destinadas a ajudá-lo, mas apenas a limitá-lo por causa do medo dos outros. Esta torrente de linguagem só é eficaz porque substitui períodos em que ele foi impelido fisicamente, contra os seus próprios desejos, a aceitar coisas que não queria, a querer coisas para as quais de facto não tinha qualquer uso ou gosto, a ir onde não desejava ir e a fazer o que não queria fazer. A linguagem é bastante aceitável quando compreendida como um símbolo para o acto e a coisa, mas a palavra "cinzeiro" não é um substituto para um cinzeiro. Se não acredita nisto, tente pôr as suas cinzas nas ondas do ar que acabam de levar a palavras "cinzeiro". Chamado um "pires" ou um "elefante", o objecto destinado às cinzas serve na mesma.

Então, através de um truque de linguagem, e um truque mágico completamente insubstancial que é, os homens buscam ordenar as vidas dos homens para o seu próprio proveito, e os homens engaiolados pelas sombras, observam e acreditam, para o seu próprio detimento.

Todas as linguagens derivam da observação da matéria, energia, espaço e tempo, e outros organismos no ambiente. Não há nenhuma palavra que não seja derivada, e que não tenha uma conotação com o universo físico e outros organismos.

Por isso, quando você responde a estas perguntas recordando os incidentes que elas evocam, tenha a certeza de que não evoca incidentes de linguagem, mas incidentes de acção. Você não quer o tempo em que lhe disseram que fizesse algo, mas o tempo em que executou a acção. Você não tem que conectar a linguagem à acção de forma alguma, mas verá que à medida que responde às perguntas de quaisquer destas listas, o valor da linguagem se começa a depreciar consideravelmente, e que a linguagem, por incrível que pareça, ficará muito mais útil para si.

Podes recordar uma ocasião em que:

1. Moveste um objecto.
2. Um objecto te moveu.
3. Atiraste um organismo ao ar.
4. Desceste degraus.
5. Adquiriste algo que querias.
6. Criaste algo de bom.
7. Te sentis-te grande num certo espaço.
8. Estavas orgulhoso de mover algo pesado.
9. Manejaste bem energia.
10. Fizeste fogo.
11. Perdeste algo que não querias.
12. Forçaste alguém a algo.
13. Promoveste sobrevivência.
14. Gastaste tempo agradavelmente.
15. Cercaste espaço.
16. Eras o dono do teu próprio tempo.
17. Abriste um espaço.
18. Manejaste bem uma máquina.
19. Paraste uma máquina.
20. Elevaste um objecto.
21. Te baixaste.

22. Destruíste algo que não querias.
23. Mudaste algo para melhor.
24. Um organismo de que não gostavas se moveu para longe de ti.
25. Obtiveste algo que querias.
26. Apoiateste uma pessoa.
27. Trouxeste alguém de quem gostavas para perto de ti.
28. Deixaste um espaço de que não gostavas.
29. Conquistaste energia.
30. Destruíste um organismo mau.
31. Manejaste bem um fluido.
32. Reuniste vários objectos agradáveis.
33. Colocaste vários objectos no espaço.
34. Atiraste fora objectos não desejados.
35. Dispersaste muitos objectos.
36. Rasgaste em pedaços um objecto não desejado.
37. Encheste um espaço.
38. Regulaste o tempo de outro.
39. Seguraste perto um objecto que querias.
40. Melhoraste um objecto.
41. Esvaziaste um espaço que querias.
42. Andaste uma distância.
43. Deixaste o tempo passar.
44. Fizeste o que tu próprio querias fazer.
45. Ganhaste a um organismo.
46. Escapaste a dominação.
47. Reparaste que estavas a viver a tua própria vida.
48. Sabias que não tinhas que fazer aquilo.
49. Escapaste de um espaço perigoso.
50. Entraste num momento agradável.

Assistências Para recordar

"Recordar" é, está claro, directamente derivado de acção no universo físico. Como é que um surdo-mudo ensinaria a uma criança a recordar? Seria necessário continuar a forçar objectos ou acções na criança, quando a criança os deixou ou os omitiu. Embora os pais não sejam surdos-mudos, as crianças não compreendem a linguagem em idades muito tenras, e como consequência aprendem a "recordar" chamando primeiro a sua atenção para acções e objectos, espaços e tempo. Forçar coisas no indivíduo sem o seu acordo, viola a sua autodeterminação, e por isso a sua capacidade para se manejear a si próprio. Poderia dizer-se que isto conta, em parte, para algumas das "memórias pobres" das quais as pessoas se vangloriam ou reclamam.

Porque uma pessoa aprende a linguagem ao nível do universo físico e acção dentro dos seus limites, poderia dizer-se que ela faz com os seus pensamentos o que foi compelida a fazer com a matéria, energia, espaço e tempo do seu ambiente. Por isso, se estes foram forçados sobre ela e ela não os queria, depois de um certo tempo começará a rejeitar os pensamentos que envolvem estes objectos, mas se estes objectos, espaços e tempos e acções lhe são constantemente forçados, ela entra finalmente em apatia com eles. Ela não os quererá muito, mas pensa que tem que os aceitar. Mais tarde, na escola, todo o seu modo de vida parece depender de, se pode ou não recordar, o "conhecimento" a que foi forçada.

A recordação ao nível do universo físico está então a reter a matéria, energia, espaço e tempo. Para melhorar a memória, basta reabilitar a escolha do indivíduo da aceitação do universo material.

Ao responder a estas perguntas, deverá ser prestada atenção particular aos incidentes mais felizes. Inevitavelmente, muitos incidentes infelizes surgirão, mas quando a selecção for possível, deverão ser salientados incidentes felizes ou analíticos. Esta lista não se refere a recordar ocasiões em que se lembrou. Ela refere-se a adquirir coisas que queria adquirir.

Podes recordar uma ocasião em que:

1. Adquiriste algo que querias.
2. Deitaste fora algo que não querias.
3. Abandonaste algo que sabias que deverias ter.
4. Fizeste outra coisa com o tempo que foi designado para ti.
5. Entraste num espaço que não devias ocupar.
6. Abandonaste o lugar onde devias estar.
7. Estavas contente por ter adquirido algo de que não podias dispor.
8. Te opuseste alegremente a directivas que te tinham sido dadas.
9. Te enviaram para um lugar e escolhestes ir para outro.
10. Escolhestes a tua própria roupa.
11. Usaste alguma coisa apesar do que as pessoas iriam pensar.
12. Te livraste de algo que te chateava.
13. Te alegraste por ter escolhido um de dois objectos.
14. Não bebeste mais do que querias.
15. Conseguiste recusar-te a comer.
16. Fizeste o que te agradou.
17. Fizeste o que quiseste com uma pessoa menor.
18. Tiveste razão em não ter aceitado algo.
19. Deste um presente que tinhas recebido.
20. Destruíste um objecto que alguém forçou sobre ti
21. Tiveste algo que querias e o mantiveste bem.
22. Gastaste maliciosamente os sapatos.
23. Não leste o livro que te tinha sido dado.
24. Recusaste ser possuído.
25. Mudaste as ordens de alguém.
26. Dormiste onde gostavas.
27. Te recusaste a tomar banho.
28. Estragaste roupa e ficaste contente com isso.
29. Obtiveste o que querias.
30. Recuperaste algo que tinhas perdido.
31. Obtiveste a pessoa que querias.
32. Recusaste um parceiro.
33. Atiraste com as mantas para fora da cama.
34. Tinha a tua própria maneira de ser.
35. Descobriste que tinhas tido razão ao recusá-lo.

««««»»»»